

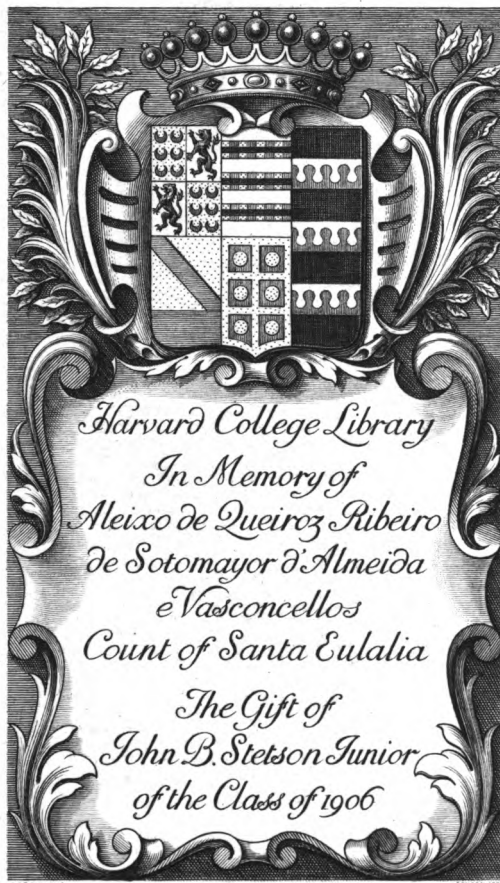
WIDENER



HN ZIB3 L

Port 5924.75.105

*



Brind
10

UM BICO EM VERSO

SCENA COMICA

POR

J. I. D'ARAUJO

PREÇO 60 RÉIS.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria, 73.

1860.

**OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM
NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 109.**

| | |
|---|--|
| Panorama , semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000 Encadernada 27:000 | |
| Illustração Luso-Brazileira , periodico universal, collabora- do por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600 Encadernados..... 13:600 | |
| Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro v — Um folheto com dez gravuras 200 M. M. B. DU BOGAGE. | |
| Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e littera- rio sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. em 8.º francez. Preço..... 4:320 F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO. | |
| Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço..... 720 BARKETO FEIO. | |
| Eneida de Virgilio , traducção com o texto latino — 3 vol. 8.º francez..... 2:880 O 3.º volume só 1:000 LIMA LEITAO. | |
| Natureza das Coisas , poema de Tito Lucrecio Caro, traduzi- do do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º 800 O 2.º volume só..... 480 | |
| Medicina Legal , por Sédillot, 2.ª edição augmentada de no- tas, 2 vol. 8.º francez..... 1:200 REBELLO DA SILVA. | |
| Fastos da Igreja , historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriar- chado, 2 vol. 8.º francez..... 960 | |
| A Mocidade de D. João v , comedia-drama em 5 actos..... 480 | |
| Olhe lo ou o Moiro de Veneza , tragedia em 5 actos, imita- ção — 1 vol. 8.º francez. Preço..... 300 MENDES LEAL JUNIOR. | |
| Os Homens de Marmore , drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr... 480 | |
| O Homem de Oiro , drama em 3 actos, (continuação dos Ho- mens de Marmore) 1 vol. 8.º francez. 300 | |
| A Herança do Chanceller , comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 400 | |
| Pedro , drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 400 | |
| A Pobreza envergonhada , drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 480 | |
| Canticos , 1 vol. 8.º francez. Preço..... 720 | |
| Alva Estrella , drama em 5 actos. Preço. 300 A. ABRANCHES. | |
| Sambul , comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.º fr.... 300 F. SOARES FRANCO. | |
| Sermões , 1 vol. 8.º francez. Preço..... 480 ANTONIO DE SERPA. | |
| Dalila , drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez. 400 | |
| Casamento e Despacho , comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 320 F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO. | |
| Chronica da Rainha D. Maria II . Acha-se impresso o 1.º e 2.º vol. em folio. Preço..... 4:500 LOPES DE MENDONÇA | |
| Memorias de litteratura contemporanea , 1 vol. 8.º fr..... 720 | |
| Lições para maridos , comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400 | |

Memorias
Lições para

UM BICO EM VERSO

SCENA COMICA

POR

J. I. D'ARAUJO.



LISBÔA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria, 73.

1860.

SCENA COMICA

LIBORIO AZEDAS apparece ao fundo da scena.

Até que deparei co'uma taberna,
Que á porta não tem loiro... tem lanterna
E é que já d'aqui te não arredas
Sem da pinga provar, Liborio Azedas. (*olhando com atten-
ção para toda a scena*)

Oh! que linda taberna!... illuminada!...
Certamente é aqui que a gente *honrada*
Apanha os defluxos... Oh que luxo! (*gritando*)
Venha meio quartilho cá p'ra o bucho!... (*pausa, áparte*)
Não responde o patife!... Está bem visto,
Aqui só quem tem habito de Christo
E' que pode arranjar a brioleira... (*emendando*)
Perdão, que me enganei — a defluxeira. (*alto*)

Mas eu sair d'aqui sem o provar! ?
Menos essa, patrão. (*áparte*) Vou-lhe gritar: (*gritando*)
Oh você sô qualquer... sô qualquer coisa...
Sô Mendes, sô João, sô Zé, sô Soisa,
Salta meio quartilho cá p'ra fóra,
Que estou com uma sede abrazadora! (*pausa*)
Estou com sede... não ouve?... (*áparte*) Ai, que elle
é mouco! (*alto*)
Olhe qué eu pago á vista .. trago troco...
E não pense que só gente graúda.
Traz dinheiro no bolso... (*áparte*) Olé! caluda!
Que pode estar por cá algum dos taes,
Que bebe mais do que eu... e bebe mais
Que o borrachô melhor... mas não consente
Que uma lingua *perversa*, e *maldizente*

21-123
220

Lhe diga que apanhou tremendo bico,
E de trombas caiu como um burrico.

Já vejo que o patrão quer cortezia. (*alto, tirando o chapeo*)
Peço um quartilho a vossa senhoria...

Um quartilho do bom... do papa-fina...

D'esse que o senhor dá a quem o empina

Mettido atraz da porta... e, por vergonha,

Apanha ás escondidas a *cegonha*. (*pausa*)

Safa! que não responde... é malcreado... (*pondo o chapeo*)

Não attende as razões d'um *pinga* honrado!...

Pois eu com quem me faz tal grosseria

Tambem usar não quero cortezia;

E vou entrando. (*entrando*) Olé... Mas o que é isto?!
(*espantado*)

Tabernas mais de mil eu tenho visto,

Mas assim d'este gosto é a primeira! (*olhando para todos os lados*)

Ou eu estou atacado de peneira,

Ou então o lugar em que me vejo

Certamente não é o que eu desejo!...

Luzes!... a casa toda illuminada!...

Muita gente a espreitar-me... e vinho — nada,

Nem sequer um barril!... estou logrado!...

Onde vim eu cair?! 'stou arranjado!... (*fallando para a platéa*)

Os senhores, por favor, não me dirão

Em que pulpito eu faço prégação?... (*pausa*)

Ai!... que todos são mudos n'esta casa...

E já vejo que aqui não faço vasa,

Pois com gente que não dá ao badalo

Não me sei entender, mas não me ralo.

COUPLETS.

N'esta casa não ha uma pipa

Do licor que nos dá o deus Baccho;

N'esta casa só mudos habitam,

Ou então ninguem quer dar cavaco.

Se sois mudos não tenho eu a culpa...
 Mas só pena em vos não escutar:
 Um valor que só tem quem é mudo
 E saber sempre ver e calar.

E por isso se, acaso, me vêdes
 Da muafa sentindo o regalo,
 Estou certo que nada direis:
 Quem é mudo não dá ao badalo.

Mas se, acaso, não qu'reis dar conversa
 A quem já tres canadas bebeu,
 Só vos digo que ao vinho que é bello
 Resistir alguém pode — não eu.

(*áparte*) Mas, espera, Liborio... tantas luzes...
 Tanta gente a espreitar-me, e não lapuzes
 Faz-me crer que ha funcção... que alguém faz annos
 Cá n'esta casa. E' isso. (*alto*) Ai! que maganos! (*rindo*)
 Com que então estão vossas senhorias
 Esp'rando pelo chá, e p'las fatias?!
 Pois olhem fazem mal, que o tal chasinho
 Emmagrece, entysica... bebam vinho
 Se querem ter saude e alegria:
 Cá estou eu, que ando sempre na folia,
 E por causa de que? Do vinho novo...
 D'esse maná do ceo, que trouxe ao povo,
 Que vivia opprimido p'la miseria,
 Verdadeiro prazer... N'esta materia
 Posso-lhes eu fallar, e de cadeira. (*pausa*)
 D'antes saía cara a bebedeira,
 E por isso sómente os abastados,
 Os fidalgos janotas, e morgados
 Tomavam seus pifões, não na taberna,
 Que isso é lei que para elles não governa,
 Mas lá em suas casas, junto á cama
 Para onde os conduz formosa dama,
 Quando o fumo do vinho, que consola,

UM BICO EM VERSO

5

Lhes empoeira a vista, e esquento a bola. . . (*pausa*)
Porém hoje, que o vinho está barato
Não ha pobre, soldado, nem gaiato
Que não apanhe a sua *honradamente*. . .
E fazem muito bem. . . p'ra andar contente
Não ha outro remedio descoberto:
Creio que estou fallando com acerto,
Creio que esta verdade é conhecida,
E que d'ella nenhum de vós duvida. (*pausa*)
D'antes o mundo era um cemiterio ;
Agora é um p'raizo : fallo serio,
Nem sou homem que metta uma chalaça
Quando fallo a respeito da vinhaça.

COUPLETS.

No tempo em que tinha
Molestia a videira
Os homens se viam
Cair de lazeira.

Os pobres, coitados,
Com fracos vestidos,
Choravam, tremiam
Todos encolhidos.

Por pé da taberna
Passavam os pobres,
Porém. não entravam
Por falta de cobres.

Agora, contente,
Quem tem um pataco
Já bebe bons tragos
Do sangue de Baccho ;

E canta afinado,
De jubilo engorda,
E no *vinho novo*
Imita o Taborda.

O Taborda... esse actor com que eu engraço,
Porque faz o papel que eu aqui faço... (*pausa*)
Sim... porque eu bem percebo que estou guesso...
Eu cá, depois que o vi baixar de preço
A taberna não largo sem saudades...
Cada qual tem as suas amizades:
Uns gostam de caçar, outros da pesca,
Outros querem bilhar (que é balda fresca!)
Outros só se divertem a cavallo,
Outros em ir á op'ra teem regalo,
E todos se divertem — está bem visto
Todos teem sua balda: a minha é isto.
Sou amante da pinga, sou... olé!
E dou vivas ao santo pae Noé,
Que espremendo uma vez uns roxos bagos
Bebeu depois contente bellos tragos
Até cair por terra... de maneira
Que tomou das piélas a primeira,
E off'receu d'esta sorte á raça humana
A sublime invenção da carraspana...
Invenção, que louvara em bom discurso
Se não temesse aqui de fazer d'urso.

Olhem que nas tabernas, meus senhores,
Tambem ha sabichões, e oradores,
Que fazem seu discurso improvisado
Do qual teria inveja um deputado. (*pausa*)
Quando foi da molestia das videiras
Ouvi eu discorrer horas inteiras
A dois famosos *pingas* de talento...
E um d'elles affirmava que o tormento,
Que padecia a triste humanidade
Vinha de não haver, sequer, um frade ..

E dizia o ratão : « *Lisia* não medra
 Porque até já não tem frades de pedra ! »
 E um remedio tambem aconselhava,
 Com o qual elle a todos protestava
 De mil vinhas curar : e vinha a ser :
 Quando as uvas começam a crescer
 Não estar o dono lá com mais trabalhos,
 E defumal-as só com cascas d'alhos. (*pausa*)
 Ora o remedio é facil e engraçado,
 E devia ter sido exp'rimentado
 Por todos que teem vinhas... porém... nada,
 Receita de borracho não agrada :
 Asneiras ! quem entende da materia
 E' que pode fallar, mas é miseria !...
 Se fosse alguém remedio estrangeirado,
 Com um nome francez, nunca escutado,
 De certo era seguido. E' balda nossa :
 Quem cheira a portuguez já leva troça.

COUPLETS.

P'ra fazer umas botas bem feitas
 Sapateiro se deve ir buscar ;
 P'ra curar a molestia das uvas
 Só borrachos se devem chamar.

Só a falta de *medicos* proprios
 Fez o mal tanto tempo durar ;
 Pois quem soffre mais dôr da molestia
 Melhor sabe o remedio estudar.

A receita das cascas dos alhos
 Para as cepas mui bem defumar,
 Creio eu que seria famosa
 P'r'a carepa das uvas tirar.

Pois, senhores, já sinto secca a guela
 Por dar tão fortemente á taramela...

E uma vez que aqui não acho vinho,
 Procuro uma outra estrada, outro caminho.
 Vou d'aqui direitinho como um fuso
 A' taberna do Bento Parafuso,
 Aonde o vinho é bom, sabe a melaço,
 E com elle por isso é que eu engraço.
 Não ha n'essa taberna petisqueira...
 Ali pode arranjar a bebedeira,
 O bico, ou a piela, tamsómente
 O que sabe beber bem sobre o dente.

Vou beber mais dois meios... depois — casa,
 Que não quero a mulher pôr n'uma braza
 Com as suas arengas costumadas...
 Não quero estas costellas ver quebradas,
 Nem tampouco levar algum açoite...
 Por isso vou correndo. (*para o publico*) Boa noite.

(Vae para sair, volta e dirige-se á platéa)

COUPLETS.

Meus senhores, quem se sente
 Com a bola a tres de fundo
 Sempre dá grandes massadas,
 Apoquentá todo o mundo.

Eu bem sei que não teem culpa
 Da muafa que arranjei;
 Mas que querem?... Ser borracho
 Aos meus deuses eu jurei.

Desculpem-me o que já disse,
 Porque mais eu não converso,
 Desculpem quem arranjou
 Uma bebedeira em verso.

FIM.

L. A. PALMEIRIM.

| | |
|--|-----|
| Poesias, 3. ^a edição, correcta, 1 vol. 8. ^o francez. Preço.... | 600 |
| Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 8. ^o francez. Preço..... | 360 |
| Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8. ^o fr... | 400 |
| O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8. ^o fr..... | 160 |
| A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8. ^o fr..... | 160 |

BULHÃO PATO.

| | |
|---|-----|
| Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol. 8. ^o francez. Preço..... | 160 |
|---|-----|

A. CEZAR DE LACERDA.

| | |
|---|-----|
| Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol, 8. ^o fr..... | 320 |
| A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8. ^o fr..... | 240 |
| A Prohibidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8. ^o fr. | 300 |
| Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço..... | 360 |
| Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos..... | 180 |
| Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço..... | 300 |

MENDES LEAL ANTONIO.

| | |
|--|-----|
| Poesias, 1 vol. 8. ^o francez. Preço..... | 500 |
| Abel e Caím, comedia em 3 actos, 1 vol. 8. ^o fr. Preço..... | 240 |
| Uma Victima, drama original em tres actos..... | 160 |

J. D'ABOIM.

| | |
|--|-----|
| A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8. ^o fr... | 240 |
| O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. — Preço | 80 |
| O Homem pôe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... | 120 |
| As nodos de sangue, drama em tres actos..... | 160 |
| Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. | 100 |

I. M. PEIJOO.

| | |
|--|-----|
| Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8. ^o fr..... | 300 |
| A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 8. ^o francez, Preço..... | 400 |

E. BIESTER.

| | |
|---|-----|
| Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8. ^o francez.. | 480 |
| A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8. ^o francez | 360 |
| Duas epochas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8. ^o fr.... | 240 |
| Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8. ^o fr. | 200 |

ALFREDO HOGAN.

| | |
|---|-----|
| As Brasileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8. ^o fr... | 300 |
| Ninguém julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8. ^o fr..... | 360 |
| Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8. ^o fr..... | 400 |
| É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8. ^o fr. | 200 |
| Memorias do Coração. Preço..... | 240 |
| A Irmã de Caridade, comedia em dois actos..... | 160 |
| Duas mulheres da epocha, romance contemporaneo. — Preço | 240 |
| O Marido no Prêgo, comedia em um acto..... | 160 |
| Já não ha tolos!... comedia em um acto..... | 80 |

L. DE VASCONCELLOS.

| | |
|---|-----|
| A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8. ^o fr. Preço..... | 320 |
|---|-----|

M. JOSE DA ROCHA.

| | |
|---|-----|
| Cirurgia e medicina, 1 vol. 8. ^o francez. Preço..... | 360 |
|---|-----|

F. EVARISTO LEONI.

| | |
|--|-------|
| Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8. ^o francez. Preço..... | 1:800 |
|--|-------|

J. M. ALMEIDA RIBEIRO.

| | |
|---|-----|
| Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço..... | 100 |
|---|-----|

MANUEL JOAQUIM BARRADAS.

| | |
|---|-----|
| Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço..... | 100 |
|---|-----|

CASIMIRO ABREU

| | |
|---|-----|
| Camões e o Jáó, scena dramatica. Preço..... | 100 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| F. A. MARQUES PEREIRA. | |
| Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 8.º port. Preço..... | 200 |
| F. V. DA SILVA BARRADAS. | |
| Adições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.º fr. Preço..... | 200 |
| J. MESQUITA DA ROSA. | |
| Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.º port. J. ROMANO. | |
| 29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... | 360 |
| L. PAULINO BORGES. | |
| Ensaios poeticos. Preço..... | 60 |
| D. J. PONCE DE LEÃO. | |
| O Mentor da mocidade..... | 120 |
| J. C. DOS SANTOS. | |
| O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. | 240 |
| O Pae prodigo, comedia em tres actos..... | 200 |
| O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço.... | 200 |
| F. SERRA. | |
| O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço..... | 240 |
| APRIGIO FAFES. | |
| E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça..... | 80 |
| PADRE CLAUDIO AQUAVIVEL. | |
| Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus..... | 80 |
| JOSE' IGNACIO D'ARAUJO. | |
| A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. | 160 |
| A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos..... | 200 |
| Um Bico em Verso, scena comica. — Preço..... | 60 |
| JOSE' DE TORRES. | |
| Tudo no mundo é comedia; comedia em tres actos..... | 200 |
| HENRIQUE VAN-DEITERS. | |
| Poesias, 1 vol. 8.º francez. — Preço..... | 360 |
| NO PRELO. | |
| Amor e Amizade, comedia em um acto. | |
| Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos. | |
| A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos. | |
| Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos. | |
| A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos. | |
| Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos. | |
| A Conquista das Amazonas, comedia-drama em dois actos. | |
| Um Risco, comedia em dois actos. | |
| Coração de Ferro, drama phantastico de grande espectaculo em cinco actos. | |
| A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos. | |
| O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos. | |
| O Colono, comedia-drama em tres actos. | |
| Não desprezes sem saber, comedia em um acto. | |
| Gil Braz de Santilhana, comedia em tres actos. | |
| Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em um acto. | |
| A Herança do tio Russo, comedia em tres actos. | |
| Pedro Cem, comedia em cinco actos. | |
| O Maestro Favilla, drama em tres actos. | |
| Remechido o Guerrilheiro, ou os ultimos dez annos da sua vida, drama em quatro actos, e duas epochas, precedido de um prologo. | |
| Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em quatro actos. | |
| Os Brasões das cidades e villas de Portugal por I. de V. Barbosa. | |

THEATRO PARA TODOS

DOIS CURIOSOS

COMO HA POUÇOS

ENTRE-ACTO COMICO

POR

J. I. DE ARAUJO

3.ª edição



PREÇO 100 RÉIS

LISBOA

Livraria Verol Junior — Rua Augusta, 185

THEATRO PARA TODOS

À venda na livraria Verol Junior, rua Augusta, 185,
e nas mais do costume

| | |
|---|-----|
| O fidalgo e o ladrão. comedia em 1 acto, traducção por C. A. da Silva Pessoa..... | 100 |
| A viuva Felizardo, comedia em 1 acto, original | |
| Herança do Tambor-mór, comedia em 1 acto. 120 | |
| de J. I. d'Araujo..... | 100 |
| Questões no ar! comedia em 1 acto..... | 100 |
| Symphronio e Giralda, entre-acto tragico-burlesco.— O trapeiro, cançoneta comica..... | 60 |
| Um progressista de escacha pecegueiro. scena-comica original..... | 50 |
| Cosme Parola, scena comica original..... | 50 |
| José, varredor, scena-comica original..... | 50 |
| O sr. Galvão, scena-comica original..... | 50 |
| O asylado, cançoneta comica original..... | 50 |
| Por causa d'uma Serafina, entre-acto comico. | 60 |
| Emquanto o panno não sobe, poesia comica | 50 |
| O guarda barreira, cançoneta comica..... | 50 |
| Um viuvo inconsolavel, cançoneta comica..... | 50 |
| Em dia de S. Martinho, scena comica..... | 50 |

TYPOGRAPHIA POPULAR
Rua dos Mouros, 41

DOIS CURIOSOS

COMO HA POUÇOS

PESSOAS

Mestre Buxa..... Sapateiro
Mestre Rapa..... Barbeiro

A scena representa a loja de um sapateiro remendão

SCENA I

MESTRE BUXA, só. (*Largando o trabalho.*)

Couplets

O officio de sapateiro
Nunca tira o pé do lodo,
Agarrado ao tirapé
Passa a gente o dia todo.

Deito tombas e remontes,
E minhas gaspeas tambem,
Mas por muito que trabalhe
Não posso ajuntar vintem.

Se me metto em obra nova
P'ra ganhar mais dessa vez,
É contar que vou soffrer
As arengas do freguez.

Cá o visinho barbeiro
Passa a vida alegre á porta,
Eu trabalho dia e noite
Sem passar da cepa torta.

Maldita lembrança que teve meu pae em me fazer sapateiro!... Deus lhe perdoe! Não tinha tantos officios por onde escolher!... Fazer-me passar a vida sentado n'esta excommungada tripeça, dura

como a coisa mais dura... e espetando de quando em quando a sovêla pelos dedos; que não sei por que rasão entra melhor na pelle da gente, que no beserro mais macio!... Vejo por ahí empregados publicos, que entram para a repartição ás dez horas, e saem ás quatro... já se vê que trabalham pouco tempo... e ainda assim, sabe Deus se elles o aproveitam bem! Eu tambem não tenho nada com isso... fazem elles muito bem; — isto é fallar. Mas o certo é que os vejo passeiar gordos e anafados, de botinha envernizada, e cada charuto que mette medo!... em quanto cá o pobre sapateiro remendão trabalha como um burro... — Retiro a expressão — e não passa da piranguice. Desejava que meu pae resuscitasse sómente para lhe perguntar porque diabo me não fez empregado publico! E então logo me fez sapateiro! o officio mais baixo que ha! — Digo, mais baixo, sómente por fazer obra para andar pela lama. — Se elle ao menos me tivesse mandado ensinar a sombreireiro!... isso sim, que é um officio elevado — faz obra para a cabeça. Mesmo se eu fosse barbeiro!... Então era máo? Olhem cá o visinho que bella vidinha que leva!... depois de fazer a rapadella aos freguezes, põe-se de braços crusados á porta, indagando as novidades da visinhança... por isso elle sabe tanta coisa! É verdade que eu apesar da minha vida ser mais labo-

riosa, trabalho por não lhe ficar atrás — e não fico, olê! maldito officio, que tão pouco rendes! O que me vale são cá certos negociosinhos... certas conveniencias, que eu arranjo para os janotinhas, namorados, e — generosos — é assim uma especie de... é cá uma coisa. A gente leva a cartinha... depois traz outra cartinha... o janota, babando-se com cara de pachóla, tira o *porte-monnaie* da algibeira, e lá vem a sua *caravella* de doze... isto é, quando o namorado não é lá de grandes bizzarrias; agora se o pacovio é de mãos largas; e muito mais se é morgado, lá vem o seu *cruzio*, a sua *meia coroa*, etc.! O que namora a filha do rebatedor zarolho aqui da travessa é o que dá. O que namora a modista cá da trapeira, diz que serei recompensado quando se effectuar o casamento... não é lá muito bom freguez: póde-se transtornar o negocio, e fico a ver navios. — Parece-me que lhe nego os meus valiosos serviços.

Coplas

Já estou assentado ao trabalho
Mal despontam os raios do sol,
Rogam sempre os visinhos mil pragas
Ao *batuque* do mestre serol.

Mal me chega este officio maldito
Para á noite ir provar do *bricol*;
Porém dão muito bem p'ra pescada
As propinas do mestre serol.

Os janotas, que trazem cartinhas
Das despezas augmentam o rol,
Não dispenso a nenhum a esportula
São propinas do mestre serol.

A modista cá desta trapeira,
Que á janella tem seu rouxinol.
Sempre dá seu presente por festas:
São propinas do mestre serol.

A menina que móra de fronte
Andam tres a deitar o anzol:
Tenho fé que farão augmentar
As propinas do mestre serol.

Oh! c'os diabos! que lá me ia esquecendo de remontar aquellas botas do meu regedor... é preciso não lhe faltar com a obra, que é o meu melhor freguez; paga bem, e prompto: e hoje em dia ha poucos assim. (*Senta-se e trabalha.*)

SCENA II E ULTIMA

MESTRE BUXA, E MESTRE RAPA

BARBEIRO. — Salve-o Deus, mestre Buxa.

SAPATEIRO. (*Levantando-se.*) — Olé, mestre Rapa! vossê por cá! Então que novidades temos?

BARBEIRO. (*Em tom mysterioso.*) — Muita coisa!... muita coisa!

SAPATEIRO. (*Mostrando curiosidade.*) — Sim?! Ora diga lá, que tambem tenho muito!... muito que lhe contar!

BARBEIRO. (*Fallando-lhe ao ouvido.*)— Não sabe ? temos aqui na visinhança uma funcção... (assobiando) coisa soberba.

SAPATEIRO. (*Admirado.*)— Sim?! onde é? ó mestre Rapa, onde é? diga lá.

BARBEIRO. — Aqui muito pertinho...

SAPATEIRO. — Não sabia!! Onde é, onde é?

BARBEIRO. (*Fazendo-se espertalhão.*)— Já vejo que vossê não anda em dia com estas coisas.

SAPATEIRO. — Escapou-me essa... tambem não admira; estive hontem entretido com certa obra de pressa, e... (*Com grande espanto.*)— Ora como essa me escapou!

BARBEIRO. — Um casamento... temos um casamento coisa de estrondo!

SAPATEIRO. (*Cada vez mais curioso.*)— Um casamento!... Quem é que se casa, quem é que se casa?

BARBEIRO. — A sobrinha do hervanario com o caixeiro da mercearia do Simões. A funcção vae á custa do padrinho.

SAPATEIRO. (*Admirando-se.*)— Oh... pois o pae da rapariga não estava de bons humores a esse respeito!... e até me tinha dito, uma vez que lhe puxei pela lingua, que só daria a filha a quem tivesse uma boa fortuna.

BARBEIRO. — O negocio mudou de face. Vossê

não anda em dia com estas coisas, agora é que eu vejo. O rapaz apanhou uma sortezinha menos má na loteria de Hespanha... e o velho, apenas soube de tal, tornou-se mais macio... depois namorico para aqui, namorico para ali, até que se arranjou o negocio.

SAPATEIRO. (*Com grande admiração.*) — Ora! ora! ora! como essa me escapou!!! Então grande funçanata, heim?

BARBEIRO. — Atiram-se de cabeça! Tem entrado para casa do padrinho muita bandeja de doce... vinhos engarrafados... pastellinhos de Santa Clara... assados... etc. etc. Ha bocado passava o aguadeiro com um prato tapado com um guardanapo, que logo me cheirou que trazia coisa que vinha do forno; armo conversa ao gallego, e consigo levantar o guardanapo... Que bella perúa assada! só o cheiro consolava!

SAPATEIRO. — Pois não julgue, mestre, que estou tão atrasado em novidades como vossê pensa... lá escapar uma, isso ás vezes acontece ao mais pintado; mas tenho para lhe contar outra que talvez não saiba.

BARBEIRO. — Será difficil.

SAPATEIRO. — É que o janota — aquelle das calcinhas de riscas — está para casar brevemente com a mulatinha ali da esquina — aquella do olho torto.

BARBEIRO. (*Dando pouca importancia á novidade.*)
— Ora, ora!... a quem o conta! quem é que não sabe isso por ahí!... A mãe não queria: o pae não lhe importava; depois a tia mettu-se no negocio... a avó pediu á mãe da pequena... ella ao principio estava teimosa... a pequena fez caramunha, e fingiu que se queria deitar da janella abaixo... a mãe julgou que o negocio podia ter graves consequencias, e viu-se obrigada a dar o seu consentimento. Sei isto tudo por uma velha que lá vae a casa.

SAPATEIRO. (*Á parte.*)— Sufa! que o maroto é um completo almanak das vidas alheias! (*Alto.*) Vou-lhe contar outra que essa não sabe vossê, de certo.

BARBEIRO. — Ora diga.

SAPATEIRO. — A mulher do boticario vae hoje a S. Carlos com aquelle celebre priminho de quem o marido não é muito apaixonado; e esta, sabia?

BARBEIRO. — Ganhou. Essa para mim é nova. O boticario depois que tem engordado a modo que não espreita tanto a mulher: não lhe parece?

SAPATEIRO. — Tambem já me quiz parecer... está muito pesado, tem a barriga como um tonel... e se andasse sempre atrás d'ella morria estafado.

BARBEIRO. — E outra coisa: que me diz a respeito dos visinhos que vieram este semestre para o quinto andar ali defronte?

SAPATEIRO. — O que lhe digo: que d'ahi não sabe

vossê mais do que eu... se o aguadeiro que os serve é cá meu freguez.

BARBEIRO. (*Como quem o quer pilhar.*) — Então diga-me lá: o que cearam elles hontem?

SAPATEIRO. (*Com tom de certeza.*) — Ameijoas.

BARBEIRO. — Está enganado; não cearam ameijoas.

SAPATEIRO. (*Tomando o caso a sério.*) — Não me diga que não! Isso agora é teima! se eu estava trabalhando; e, por volta das dez horas, senti abrir a janella, e cairem as cascas na rua...

BARBEIRO. — Tambem eu senti; e não contente com isso, tirei-me dos meus cuidados, e vim á rua apanhar uma casca... por signal ella aqui está. (*Tira uma casca da algibeira, e mostra-lha.*) Vê... é mexilhão... por conseguinte — é fôra de duvida — cearam mexilhões.

Couplets

BARBEIRO

Mais curioso do que eu sou
'Steja certo que não ha,
Mesmo a policia seereta
Mais do que eu não saberá.

SAPATEIRO

Não se faz na visinhança
O mais pequeno motim,
Sem que eu logo saiba tudo,
Tudo tim tim por tim tim.

BARBEIRO

P'ra saber o que o visinho
Come, janta, ceia, almoço,
Vou ver o barril do lixo
A vasar-se na carroça.

SAPATEIRO

Acredite, meu amigo,
Que ninguem me iguala a mim,
Tenho um rol dos namorios
D'espavento e de chinfrim.

Ensemble

A balda do curioso.
Tenho como vossê tem,
E' um modo d'entreter
Que não faz mal a ninguém.

BARBEIRO. — Combinemos que somos dois grandes curiosos.

SAPATEIRO. (*Esfregando as mãos.*)—Está combinado.

BARBEIRO. — E que temos perfeito conhecimento de tudo o que se passa na vizinhança.

SAPATEIRO. — Fazemos-lhe a diligencia ; mas ainda não pudémos descobrir quem é aquelle sujeitinho, que passa por aqui todas as noites, embuçado no seu capote... lá que é derricho não tem que ver; falta saber quem é o amigo, e a quem namora.

BARBEIRO. — Pois não sabe?

SAPATEIRO. — Não sei.

BARBEIRO. — Então oiça: é um rapaz dos seus dezoito annos... filho de um bacalhoeiro chamado... chamado... (*Recordando-se.*) Estevão do Ramalhão... é empregado na alfandega... e tem por nome Custodio Lopes do Ramalhão. É um estroina de primeira ordem!... e já agora para lhe mostrar como eu sei estas coisas—saiba que namora sua filha.

SAPATEIRO. — Isso não pôde ser; a minha Bonifacia não é namoradaira... e de mais a mais já lá tem o seu escolhido.

BARBEIRO. — Isso não tira. E saiba mais que o patusco já lhe deu de presente um lenço de seda, com risquinhas azues... provavelmente, como elle é empregado na alfandega, foi obra de contrabando.

SAPATEIRO. — Admira-me!... ainda não tinha dado por semelhante coisa!... Pois a pequena não era d'essas que namoram aos pares!

BARBEIRO. (*Com certeza.*) — É o que lhe digo.

SAPATEIRO. (*Mordendo o beijo.*) — Ora deixa estar que eu a ensinarei a namorar por atacado!

BARBEIRO. — Acredite, meu caro amigo, que sei tudo que se passa no bairro, menos uma coisa, que trabalho para descobrir.

SAPATEIRO. — O que é? talvez eu saiba.

BARBEIRO. — Não sei para quem dirige as suas amorosas olhadellas aquelle sargentinho da municipal.

SAPATEIRO. (*Rindo.*) — Ah! ah! ah! Pois eu lh'o digo: é para sua mulher, que quando sabe que vossê está entretido com os freguezes, catrapisca de grande e... está bom, não digo mais nada.

BARBEIRO. (*Zangando-se.*) — Não acredito... minha mulher tem muitas nicas... mesmo muitas baldas; menos essa.

SAPATEIRO. — Deixe-se d'isso, homem... vossê tambem está sempre fóra de casa...

BARBEIRO. (*Zangado.*) — Nada, nada... isso não

pôde ser... e mesmo a minha mulher sabe perfeitamente que eu não gosto de graças.

SAPATEIRO. — E se eu lhe disser que ella recebeu hontem uma cartinha do tal sargento?!...

BARBEIRO. (*Atrapalhado.*) — Tenho toda a certeza de que minha mulher morre de amores por mim... tenho confiança na sua exemplar conducta... tenho...

SAPATEIRO. — O que vossê tem são cataratas.

BARBEIRO. — Então diga-me : como sabe que ella recebeu essa carta ?

SAPATEIRO. — Isso é uma historia muito comprida.

BARBEIRO. — Preciso sabel-a.

SAPATEIRO. (*Contando com muita pausa.*) — Eu lhe conto como foi : hontem de manhã fui comprar um bocadito de cabedal ; e á vinda vi o tal municipalzinho a conversar com o seu aguadeiro... fez-me aquillo scismar : escondo-me, e começo a espreitar o negocio. O tal seu amigo municipal tira do peito uma carta, e dá-a ao gallego : o gallego recebe-a, e estende a mão, como quem estava costumado a receber propina... se não me engano deu-lhe um pataco — barata feira — e safou-se. Depois fui de passagem por pé do gallego, armei-lhe conversa, e disse-lhe se queria ir beber *meio*, elle — prompto — entrámos em um armazem, e começámos de parola sobre a vida da visinhança... E o gallego não é nada tolo, sabe como aquelles que sabem... Fallámos, fal-

lâmos, não escapou pessoa alguma. A final fui-lhe dizendo, pondo-lhe a mão sobre o hombro (*Põe a mão no hombro do barbeiro.*) vossê agora está de grande! essas cartinhas rendem muita chelpa! Quaes cartinhas?—diz o gallego, fazendo-se Alonso. Essas cartinhas de amores, como essa que agora recebeu: sei para quem é. Pois *bocé* sabe? — diz o gallego. — Ora se sei! digo-lhe eu. — Bem, bem — diz o gallego — uma *bez* que sabe que a carta é para a patrôa *nom serbe* negar; peço-lhe que *nom* diga nada ao *patrom*, que *nom* precisa saber d'estas coisas. . . E eu se não fosse por fallarmos n'isto não lh'ô dizia.

BARBEIRO. — Oh! mulher do diabo! vibora peço-nhenta! vazaste em meu coração um pote de fel!... Oh!... mas eu não hei de engolir a pilula em sêcco.

SAPATEIRO. — E então essa que não é das mais macias.

Coplas

Meu amigo, é já sabido,
Muitas vezes assim acontece,
Indagando das vidas alheias
Nossa vida mil vezes esquece.

BARBEIRO

O que acaba agora de contar-me
Faz-me arder inda mais que uma braza;
Saber eu das vidinhas alheias
Sem saber o que vae lá por casa!

SAPATEIRO

Esta balda de ser curioso
Eu bem sei que não posso perder,
Mas se a filha tem seu namorico
E' preciso primeiro saber.

BARBEIRO

O saber das vidinhas alheias
Tem gostinho mui particular,
Mas se acaso, a mulher tem derriço
E' preciso primeiro indagar.

Ensemble ao publico

Qual dos dois é mais curioso,
Meus senhores, deveis explicar,
Se o que á filha não vê o derriço, } apontando um
Se o que deixa a mulhe- namorar } para o outro

CAE O PANNO



3
THEATRO PARA TODOS

HERANÇA

DO

TAMBOR-MÓR

COMEDIA EM 1 ACTO EM VERSO

ORIGINAL DE

José Ignacio de Araujo

REPRESENTADA COM APPLAUSO NO THEATRO

DO PRINCIPE REAL



PREÇO 120 RÉIS

LISBOA

Livraria Verol, rua Augusta, 171

1866

THEATRO PARA TODOS

PUBLICAÇÕES DE COMEDIAS, ENTREACTOS E SCENAS COMICAS.
REPRESENTADAS COM APPLAUSO EM THEATROS
PUBLICOS E PARTICULARES

C. A. Silva Pessoa

O fidalgo e o ladrão, comedia em um acto..... 100

J. I. de Araujo

A viuva Felizarda, comedia em um acto..... 100

Dois curiosos como ha poucos, entre-acto comico..... 60

Symphronio e Giralda, entre-acto tragico burlesco — O Trapeiro
cançoneta comica..... 60

Um progressista de escacha pecegheiro, scena comica..... 50

Cosme Parola, scena comica..... 50

O sr. Galvão, scena comica..... 50

Por causa d'uma Seraphina..... 60

Garcia Alagarim

José Cosme varredor, scena comica..... 50

C. Braga

Questões no ar ! comedia em um acto. 100

J. A. B. Rollão

O asylado, cançoneta comica..... 50

HERANÇA DO TAMBOR-MÓR

PERSONAGENS

THOMÉ, procurador, 55 annos.
FRANCISCO DA COSTA, capitão reformado, 60 annos.
PINA E SOUZA, fidalgo janota e fanfarrão, 20 annos.
JOSÉ DA SILVA, caldeireiro, 20 annos.
BRITES, filha de Thomé, 18 annos.

ACTO ÚNICO

CASA DE THOMÉ: UMA SALA REGULARMENTE MOBILADA

SCENA I

THOMÉ *entrando*, e logo BRITES

THOMÉ

Brites, Brites, anda cá... (*zangado*)

Anda depressa, mofina.

BRITES

O que quer o meu papá?

THOMÉ

Vae preparar-te, menina,

Que não tarda um só instante

O teu futuro marido.

Rapaz tão bem parecido,

Janota tão elegante,

É para causar inveja !...
Vamos, vista-se de gala
Para que elle, quando a veja,
Não se cance de admirar-a !
E verá como elle a gaba,
Como a julga papa fina,
E sente cair a baba
Como um velho de chorina! (*Rindo*)

Brites

Mas papá... bem sabe que eu...
Outro amor...

THOMÉ

Cale-me o bico :

Quer casar com um sandeu,
E despreza um homem rico,
E de costella fidalga !...
Do tronco dos Pinas Soizas,
Que fizeram grandes coisas ;
E tem pintada uma galga
No seu pomposo brazão !...
Brazão d'alta fidalguia,
Onde se mostra uma enguia
Em fundo côr d'açafraão !...

Brites

Se soubesse quanto eu quero
Áquelle pobre rapaz,
Tão leal e tão sincero,
Tão nobre...

THOMÉ

Como tu stás

Com a bola transtornada !!
Pois assim se chama nobre

A um vilão, que á bordoadada
Faz cassarolas de cobre?!
Brites

Mas o seu amor... é oiro.
Thomé

Temos poesia á mistura
Brites

É honra, não é desdoiro
Amar esse, que procura
O trabalho, essa nobreza
Que o progresso tanto exalta.
Thomé

Que aduela que te falta,
Rapariga...
Brites

A singeleza
D'aquelle coração puro
Vem prometter-me ventura...
Diz que terei um futuro
Bem ditoso

Thomé (*zangado*)
Não se atura

Uma rapariga assim,
Com tamanho T na testa,
Que entende que só lhe presta
Um casamento ruim.

(*admirado*)

Procurar um caldeireiro,
Que co'a bulha do martello
Faz inferno verdadeiro !
Faz arripiar o pélllo
Á pobre da vizinhança !

Brites

Meu pae... jurei ser constante...

THOMÉ

Não se me faça creança,

E despreze esse tratante.

Ande vá-se preparar,

Que rapazes como aquelles

Dão a vidinha por elles

Damas de nobre solar. (*Brites sae.*)

SCENA II

THOMÉ só

Minha filha de certo tem *pancada*,

Mas eu hei de obrigar-a a ter juizo...

Metteu-se-lhe em cabeça que é Narcizo

Aquelle pobretão!! Mas obrigada

É por mim a casar com quem traz lustre

A esta nossa familia. Nada eguala

Ao ter um nome illustre, muito illustre,

Pois da rasteira plebe ninguem falla.

Coplas — n.º 1

Sendo a minha filha bella

Casada com tal taful

Tambem me vem por tabella

O brilho do sangue azul.

É coisa que muito importa

Entrar dos nobres na lista,

Mostrar esculpido á porta

Um brazão que faça vista.

Pois quem passa se descobre
Com respeito o mais profundo,
E diz logo : aquelle nobre
Assombrou talvez o mundo !

Foi talvez heroe de cunho,
Talvez um novo Roldão,
Debellou d'espada em punho
Inimigos da nação.

SCENA III

THOMÉ e PINA E SOUSA (*comprimentando*)

PINA

Senhor Thomé.

THOMÉ

Meu portento...

Meu fidalgo esclarecido,
Em nobreza mais subido
Que o mais alto catavento

PINA

Como vae a bizzarria ?

THOMÉ

Bem... muito bem, obrigado...
Sempre prompto e dedicado
A honrar essa fidalguia

PINA

Sua encantadora filha,
Aquelle anjo, como passa ?

THOMÉ

Vae mesmo uma maravilha !

PINA

É um prodigio de graça
Sua filha!... eu amo-a louco ;
E meus extremos são taes,
Que se tivesse rivaes
Matava-os todos a sóco.
Matava! que o sangue nobre,
Que nas veias me circula,
Parece que mais se azula
Quando uma affronta descobre!

THOMÉ (*chamando*)

Minha filha... anda menina.

SCENA IV

OS MESMOS e BRITES

THOMÉ (*para Brites*)

Aqui tens um descendente
De raça apurada e fina,
Que differe da outra gente...
D'esses amantes vulgares,
Que não tem em si valor
P'ra chegar aos calcanhares
D'um nobre e grande senhor

PINA

Amavel Brites, ao vel-a
Este meu peito se abala
Qual se do ceo uma estrella
Caisse aqui n'esta sala...
Quero dizer quanto a adoro,
Quanto seu rosto me encanta,

Mas deliro, tremo, córo,
Prende-se a voz na garganta.

THOMÉ (*áparte a Brites*)

Anda, diz alguma coisa...

Que acanhada que tu és!

Vamos, faze ao senhor Soisa

Agora os teus rapapés.

BRITES (*para Thomé*)

Mas se eu não sei que lhe diga...

THOMÉ (*a Brites*)

Pois tu não sabes fallar!?

Ó maldita rapariga,

Não me faças embirrar!

BRITES

Senhor Pina... eu agradeço

A sua extrema bondade...

THOMÉ (*áparte*)

Começa sem novidade.

BRITES

E vejo que não mereço...

PINA

Mereces sim, minha joia,

Esta paixão verdadeira.

THOMÉ (*áparte a Brites*)

Toma cuidado na boia,

Não digas alguma asneira.

BRITES

Eu, senhor... não posso amal-o,

Que outro amor meu peito obriga...

E... THOMÉ (*áparte*)

Está-me levando um estalo

O demo da rapariga!

PINA

Que diz, Brites? pois assim
Troca esta minha paixão
Pela d'algum pobretão
Amante vilão ruim?!...

BRITES

Não consinto, não, senhor,
Que insulte aquelle que adoro!

THOMÉ (*enfurecido*)

Oh! que grande desaforo!...
Rapariga, o meu furor
É capaz de... Vae-te embora!...
Foge, foge, senão faço
Os teus ossos em bagaço
Com o pau d'uma vassoura.

Coplas — n.º 2

THOMÉ

Rapariga! obediente
Has de ser, queiras ou não;
Se me levantas a grimpá
Tens por certo um cachaço!

PINA

Desprezar um homem nobre,
Pôr um vil em seu lugar,
É um caso nunca visto,
É um caso d'assombrar!

THOMÉ

Ó filha pateta,
Quem manda sou eu,
Não serás esposa
D'um vil e plebeu.

BRITES

Não amo um pateta,
Discreta sou eu,
Serei terna esposa
Do artista, que é meu.

PINA

Não vê a pateta
Que nobre sou eu,
E quer ser esposa
D'um vil e plebeu!

TODOS

PINA

Não vê a pateta
Que nobre sou eu,
E quer ser esposa
D'um vil e plebeu.

THOMÉ

Ó filha pateta,
Quem manda sou eu;
Não serás esposa
D'um vil e plebeu.

BRITES

Não amo um pateta,
Discreta sou eu,
Serei terna esposa
Do artista, que é meu.

(*Brites sae.*)

SCENA V

OS MESMOS *menos* BRITES

THOMÉ

Fez-me zangar a teimosa!
Mas não tema, deixe estar

Que hei de obrigar-a a casar
Com o senhor. Desditosa
Se me respinga outra vez,
Que eu não sou p'ra brincadeira.
Dois sermões, ou mesmo tres,
Cá d'uma certa maneira,
Farão que ella bem conheça
Quaes são de filha os deveres.
Sou pae, e tenho poderes
P'ra lhe tirar da cabeça
Aquelle amor embirante!

PINA

Mas quem é, diga, senhor,
Esse atrevido tratante?...
Que corro já com furor,
A tomar d'elle vingança?!...

THOMÉ

Ora... quem é!... um pateta,
Um caldeireiro, um creança,
A quem lhe deu na veneta
Namorar senhoras finas.
Um dia quebram-lhe os ossos,
Porque elevadas meninas
Não são para beiços grossos.

PINA

Mas sua filha, extremosa
Adora esse meu rival,
E esta minha mão furiosa
'Stá reclamando um punhal!

THOMÉ

Por quem é, nada de sangue,
Que vamos p'r'o Limoeiro.

PINA

Não consinto que se mague
C'um fidalgo verdadeiro,
Descendente em linha recta
D'heroes, terror da moirama,
Que, brigando á espada preta,
Lançaram moiros na lama...
Vingança!

THOMÉ

Confie em mim,
Meu illustre senhor Pina:
A filha não me domina,
Não sou nenhum manequim,
Não falto quando prometto,
Que sou portuguez antigo...
E mudado eu seja em preto
Se não cumprir o que digo.

PINA

Mas o rival! o rival!
Quero ensinar o tratante!

THOMÉ

Lá matal-o, isso não val,
Que a policia é vigilante.

PINA

Hei de ensinal-o!

THOMÉ

Socegue,
Evitemos alvoroços;
Sua espada não empregue
Em chacinar gafanhotos.
Venha arejar, meu amigo,
Essa cabeça esquentada,

E beber junto comigo
Um copo de limonada!

PINA

Ferve-me o sangue! Vingança!

THOMÉ

Limonada na fervura.

PINA

Não!

THOMÉ

Então quer agua pura?

PINA

É melhor um *grog* de França.

Couplas — n.º 3

PINA

Vingança! juro vingança!
Sinto o sangue todo a arder!...
Oh! rival, às mãos d'um nobre
Com certeza vaes morrer!

THOMÉ

Prudencia, meu caro amigo,
Não o vá matar, não vá,
Pois quem cae no Limoeiro
Bem má vida passa lá.

PINA

Não soffro! Soffrer não devo
As injurias d'um vilão,
Que quer roubar-me, atrevido,
De Brites a linda mão.

THOMÉ

Socegue, que minha filha
Será sua, ora verá;

Quer ella queira ou não queira
Meus preceitos cumprirá !

Ensemble

PINA

Se acaso um fidalgo se vê insultado,
Raivoso procura vingança feroz,
O vil atrevido castiga apressado
Em honra das cinzas dos nobres avós.

THOMÉ

Se acaso um fidalgo se vê insultado
Raivoso não busque vingança feroz,
O vil atrevido despreze apressado
Que assim o fizeram seus nobres avós. (*Saem.*)

SCENA VI

BRITES e logo JOSÉ

BRITES (*indo á porta do fundo*)

Ha que tempo que o rapaz
Me está esp'rando (*chamando*) José !

JOSÉ (*entrando*)

Já lá vae o pae ? olé,
Demorou-se !... Como estás
Meu anjinho. (*arrepando-se*) Mas que frio
Que rapei alli á porta...
Constipei-me, desconfio
Pilhei sezões... Não importa :
Por te vêr, ó minha amada,
Quem é capaz d'impedir-me
D'apanhar uma pancada
D'agua bem forte, a pé firme ?

BRITES

Não sabes, o meu pae teima
Em casar-mé co'o impostor...

JOSÉ

Mas não caes em tal toleima,
Não é assim, meu amor?

BRITES

Não... mas se elle me obrigar
A cair n'aquella rede
Que hei de eu fazer?

JOSÉ

Emberrar,

Ferrar os pés á parede,
Dizer não, bater o pé,
Fazer barulho completo,
Que em linguagem de preto,
Tem o nome de *banzé*.

BRITES

O meu pae ha de teimar,
Mas não consegue que eu mude.

JOSÉ

Isso assim é que é cantar:
Como pegadas com grude
Nossas almas devem 'star...
E, formosa pequerrucha,
Tinha que ver uma bruxa,
Quem nos quizesse apartar!

BRITES

Olha, sou capaz... de tudo
Por ir buscar os teus braços!

JOSÉ

Tu não mudas, nem eu mudo:

Venham de lá dois abraços.
Que prazer, ó queridinha,
Sentirej, que terno ardor,
Quando tu lá na cozinha
Cantares trovas d'amor;
E eu então apaixonado
Te responder em risota
Cantando desafinado
A criada que é janota.

BRITES

Meu José!

JOSÉ

Amada Brites,
Cada vez 'stás mais formosa!

BRITES

Toma cuidado, não grites
Que está na cozinha a Rosa.

Couplet n.º 4

JOSÉ

Ó Brites formosa,
Sem ver-me a teu lado,
Não tenho, coitado,
Nem alma, nem gaz:
De em nós apagar
Extremo tão forte,
A não ser a morte
Ninguém é capaz.

BRITES

José, Josésinho,
Meu bem, meu amor,
Por ti eu affronto
Do pae o rigor.

Ensemble

Mais pura, mais terna,
Mais bella paixão,
Mais doces amores
Não ha, não ha não.

FRANCISCO (*dentro*)

Ó Thomé, gostas d'eiroz?

JOSÉ (*áparte assustado*)

Conheço esta voz... ai... ai...

BRITES

Esconde-te, que oiço a voz

Do velho amigo do pae... (*José entrando á E.*)

SCENA VII

BRITES e FRANCISCO

FRANCISCO

Este Thomé onde está?
Adeus, menina. O que é feito
Do gebo do seu papá?

BRITES

Esse nome... não o aceito.

FRANCISCO

Não quer então a senhora
Que lhe dê nome de gebo,
Tendo elle talvez agora
Sessenta annos... ora sebo.
Vamos, preciso saber
Do meu velho.

BRITES

Elle saiu.

FRANCISCO

Tardará?

BRITES

Não sei dizer...

Creio que alguém lhe pediu
Para ir longe... às Lorangeiras

FRANCISCO

Ah! já sei de que se trata;
Foi ter co'umas estrangeiras
Que fazem pasteis de nata.
Goloso!!! vales por seis!
O seu pae, quando era guapo,
Nunca lhe fizeram papo
Quatro dúzias de pasteis:
Em comer bellas empadas
Excedeu a meu avô;
E, se encontrava queijadas,
Comeu... e nunca contou;
Sorria ao ver bons podins;
E uma vez, alli p'r' o Rato,
Foi pôr no prego uns botins,
E um chapeo de pel' de gato
Para comer com o Lima
Uns bolos — que bons eu acho —
Porque têm côco por cima,
E tem obreia por baixo.
O doce pouco me agrada,
Quero coisa chorumenta:
A bella vitella assada,
Beef com alho e pimenta,
E pato assado!... Que encanto
Me causa tão bello prato!...

Eu gosto muito do pato...
Já da pata não é tanto.
Pois eu venho convidar
O seu pae para uma ceia,
D'eirozes e de lampreia.
Deliro por manducar
Em companhia d'amigos.

Brites (*á parte*)

Massador !... Como tiral-o
D'aqui... Ah! vou engodal-o.

(*alto*)

O senhor já viu uns figos
Muito grandes, que alli temos?...
Mandou-os a avó da quinta...
São tão doces!...

FRANCISCO

Provaremos;

Por ora bastam-me trinta (*Saem.*)

SCENA VIII

JOSÉ (*saindo do quarto*)

Este homem fez-me crescer
Água na bocca... tambem
Só em coisas de comer
Elle sabe fallar bem.
É freguez lá do meu mestre,
Dá consumo ás cassarolas;
E deu-me tres gallinholas
Em dia de S. Silvestre
Por eu lhe cobrir d'estanho
Com bastante promptidão

Um tacho d'este tamanho (*indica uma grande circumferencia*)

Para cozer macarrão.

Couplet n.º 5

Só cuida em papanças
O amigo Francisco,
A todo o petisco
Dá grande valor;
Tem forte appetite,
Parece ter fome,
Ninguem, ninguem come,
Como este senhor.
Se é certo o que a fama
Mui alto apregôa,
Famosa leitôa
Comeu d'uma vez;
Metteu na barriga
Um pato e dois frangos,
De bellos morangos
Um cento talvez.

Mas toca a ver se me esgueiro,
Que se o pae aqui me pilha...

SCENA IX

JOSÉ e PINA

PINA

Ó grandissimo pandilha,
És acaso o caldeireiro?

JOSÉ

D'essa vergonha não córo.

PINA

És quem tem a petulancia
De te dares importancia
Para tomar por namoro
Uma tão nobre donzella?!
Pois tu não vês que és...um *coisa*,
E que eu sou — um Pina e Soisa,
Nobre filho de Tondella?...
Illustre é minha familia;
E ficáras confundido
Se de minha prima Emilia
Te fosse a ti permittido
Entrar no grande palácio.
Transformáras-te em banana
Se visses de Ruy Pancraccio
A famosa durindana,
Liza, pulida e cortante.
Tremêras!... e, em confusão,
Julgáras ver n'esse instante
A catana de Roldão.

JOSÉ

Pois todos esses parentes
De nobreza tão selecta
Não hão de viver contentes
Vendo em você... um pateta.

PINA (*exaltando-se*)

Pateta! vê que me exalto,
E posso dar-te um castigo!...

JOSÉ

Cuidadinho, meu amigo;

Repare que eu, se lhe salto,
Desde já lhe certifico
Que lhe esfrangalho o casaco,
E lhe encaixo pelo caco
O chapeo mudado em *quico*.

PINA

Que dizes tu? pois tu pensas
Que não sei punir, raivoso,
D'um atrevido as offensas?

JOSÉ

'Stava agora desejoso
De lhe saltar ao gasnete;
De lhe dar um murro ou dois,
Amarrotar-lhe o collete...
E despedir-me depois.

PINA (*encolerizado*)

Um duello, seu tratante!

JOSÉ

Aceito. — Sem testemunhas.

PINA

Estás morto n'um instante...
Escolhe as armas

JOSÉ

As unhas

PINA

Isso é duello de gato

JOSÉ

Não tenha medo que o mate;
Só quero rasgar-lhe o falo
Em proveito do alfayate

PINA

Pois vá á unha!

JOSÉ

Valeu ;

Procure lá posição

PINA

Vaes de narizes ao chão

JOSÉ

'Stou co' uma gana ao chapéu!...

Couplet n.º 6

Meu janotinha das duzias,
Meu fidalgo sem igual ;
Tu vaes ver como eu castigo
Um pateta meu rival

PINA

O teu grande atrevimento
É punido d'esta vez ;
Vaes a terra de focinhos,
Tens por certo, pontapés!

JOSÉ

Eu briguei com *Mr. Charles*
Que é o rei dos lutadores,
Fui a terra ao som d'applausos
D'immensos espectadores.

PINA

És um vil! és um plebeu!
Não sei mesmo como caio
Em brigar com quem merece
Pontapés do meu lacaio!

Ensemble

Ávante sem medo,
Meu grande matuto,

Verás como eu luto
Com alma e vigor ;
Tu rojas na arena
Em breves espaços,
Caindo nos braços
D'um bom lutador ! (*brigam*)

SCENA X

OS MESMOS e THOMÉ (*separando-os*)

THOMÉ

O que é isto ?

PINA

Não é nada...

Não é coisa de cuidado...
Ensinava um malcreado
A respeitar gente honrada...
E, se aqui não apparece,
Em dois segundos, talvez,
Eu tinha calcado aos pés
Quem minha raiva merece !

THOMÉ (*para José*)

Pois és tu?! Oh! que ousadia!
Ó maroto, assim te agarras
Co'as mãos cheias de mascarras
Aos lombos da fidalguia?
Quem te deu licença a ti,
Atrevido besuntão,
De pôr os teus pés aqui?
Julgas te darei a mão
De minha filha?... maluco!

Tratante! grande pedaço
D'asno! cabeça sem succo!
— Eu vou-te quebrar um braço.
(*chamando*)
Brites! o pau da vassoura.

SCENA XI

OS MESMOS e BRITES (*com a vassoura*)

BRITES

Quer matar alguma aranha!

THOMÉ

Quero sacudir agora,
Sem fazer grande façanha,
Aquelle autor das caldeiras.

(*Agarra a vassoura que Brites não quer largar
das mãos — ambos puxam.*)

Larga a vassoura

BRITES

Não

THOMÉ

Heim?

BRITES

Não, meu pae, que quero inteiras
As costellas do meu bem

THOMÉ

Larga a vassoura senão...

BRITES

Não largo.

THOMÉ

Toma cuidado...

Larga a vassoura da mão,
Olha que eu 'stando zangado,
Perco os modos paternaes.

JOSÉ (*acudindo e agarrando a vassoura*)
Senhor! veja que molesta
Sua filha com modos taes.

THOMÉ

Metta-se cá... ora esta! (*para Brites*)
Brites! não sejas teimosa,
Larga a vassoura a teu pae!

Brites (*a José*)

Hei de livrar-te da tosa,
Metu Josésinho

THOMÉ (*torce um dedo*)

Ai... ai... ai...

Acuda-me! senhor Pina,
Não seja mono de barro...
Livre-me d'este galfarro,
E mais da minha menina!

PINA (*lançando as mãos á vassoura*)
Larga a vassoura, canalha!

JOSÉ (*dando-lhe um carólo*)

Toma lá p'r'o teu tabaco.

PINA (*dando-lhe um sóco*)

Recebe a paga, velhaco!

THOMÉ

Complica-se esta batalha,
E eu começo a dar carólo (*quer dar em José
e dá em Pina*)

PINA (*doendo-se*)

Que grande coque eu chuche!

THOMÉ

Perdoe, que me enganei.

JOSÉ

Póde dar que dá n'um tolo.

Complet n.º 2

CÔRO

THOMÉ

C'o o pau da vassoura
Protesto amassar-lhe,
Moer-lhe, quebrar-lhe
Os ossos mui bem ;
E, posto na rua
Tamanho pandilha,
Darei n'esta filha
Pancadas tambem.

PINA e JOSÉ (um para o outro)

C'o o pau da vassoura
Protesto amassar-lhe,
Moer-lhe quebrar-lhe
Os ossos mui bem ;

(Para Thomé)

Mas, posto na rua
Tamanho pandilha,
Não dê, n'esta filha
Pancada tambem

Brites (para Thomé)

C'o o pau da vassoura
Não queira amassar-lhe,
Moer-lhe quebrar-lhe

Os ossos que tem ;
Só ponha na rua
A este pandilha, (*aponta para Pina*)
E veja que a filha
Adora o seu bem

SCENA XII

OS MESMOS e FRANCISCO (*com dois punhados de figos;
repara no grupo e dá-lhe um frouxo de riso*)

FRANCISCO

Ah! ah! ah! ah! ah! ah!
Parece isto Rilhafolles!!
A gracinha não é má
Pr'a quem padece dos folles!

(*Para Thomé*)

Então você seu velhinho
Não receia, sem cautela
Cair ao dar um pulinho,
E ver tombada a espinhela?
Bonita graça — gostei

THOMÉ

Escuta: este figurilha
Quer casar...

FRANCISCO

Já tudo sei,

Que m'o contou tua filha,
Emquanto eu comi com gosto
Os teus bons figos do Algarve

THOMÉ

Comes-te-os todos — aposto?

FRANCISCO

(*Mostrando-lhe alguns*)

Faltam-me os que vês

THOMÉ

Alarve!

FRANCISCO

Bons figos! (*mudando de tom*). Mas olha lá;
Fazes asneira de lote,
Se c'ò aquelle fidalgote
Casas a filha. Não ha
Alfayate ou sombreireiro
Que lhe não rogue mil pragas
Pelas tardanças nas pagas.
Quando o tem, joga o dinheiro,
Se o não tem, prega calote;
Vae a S. Carlos ás vezes,
Repimpa-se em camarote,
Já cheirando a camoezes;
E dizem, (valha a verdade)
Que adora certa menina,
Engraçada dançarina
Que põe no rosto alvaiade;
Que *concerta* a natureza
Com pasmosa perfeição,
Emendando em algodão
Certas falhas de belleza

PINA

Senhor!... essa audacia sua!...
Não soffro um atrevimento!

FRANCISCO

Então ponha-se na rua,
E tome um pouco de vento

THOMÉ (*atrapalhado*)

A Brites 'stá promettida
A este senhor... é nobre...

FRANCISCO

Mas nobreza tão subida
Não o livra de ser pobre.

THOMÉ

Não falta á minha palavra,
Senhor Pina...

FRANCISCO

Faltarás,

Porque de mim ouvirás
As prendas d'aquella peça.

PINA (*exaltando-se*)

Senhor, eu já não 'stou bom!

FRANCISCO

Pois então vá tomar ar

PINA

Sou fidalgo... tenho dom...

FRANCISCO

É fresco, pôde-o guardar

PINA

O senhor é insolente!...
E esse atrevimento insano...

FRANCISCO

Não me arreganhes o dente
Que levas já um *banano*.

(*Para Thomé*)

Não te lembras, meu amigo,
Que em certo dia d'entrudo
Foste passear comigo;
E que, indo tu mui sisudo

Por defronte do Marrar,
Certo janota elegante
Se lembrou d'amarrotar
O teu já velho *penante*?

THOMÉ

Lembro, sim... foi um gaiato
Que com feroz malvadez,..

FRANCISCO

Tu déste-lhe o nome exacto ;
(*apontando para Pina*)

Foi o garoto que vês.

TROMÉ (*espantado*)

Que dizes? o senhor Pina
Ter acções de galopim !..

FRANCISCO

Pertence a uma roda fina,
Tem mais parceiros assim.
Dei-lhe com mão alentada
Um empurrão tanto em cheio,
Que o fiz sair do passeio
E rolar pela calçada.

Crê que é este — e por signal
Bradava um janota fino,
Que eu tinha a este menino
Partido a espinha dorsal.

THOMÉ

Creio em ti. — Seu mariola !
Seu atrevido, seu grulha !

FRANCISCO

P'ra que serve fazer bulha ?
Tu tens pancada na mola ;
Tudo se faz sem gritar.

A tua filha, Thomé,
Sómente deve casar...
Co'o meu amigo José:
Um bom rapaz... um artista.

THOMÉ

Um casamento tão baixo...

FRANCISCO

Ó palerma do diacho!
Tu és filho d'um sacrista,
E d'uma adêla zanaga;
Teu pae empalmava côtos,
E tua mãe, que era gaga,
Vendia chinelos rotos...
E sei d'uma tia tua,
Levadinha dos diabos,
Que andava sempre na rua
Apregoando — mãos de nabos!
Então isto é fidalguia,
Senhor Thomé?! Ai, patóla,
Que tens, se a não tens vasia,
Teias d'aranha na bola!
Queres que nobre eu te conte,
Pateta das luminarias!
Vê que gentes ordinarias
São esses de cuja fronte
Nunca uma idéa brotou.
É só vil — dil-o o progresso —
O que nunca trabalhou.

(apontando para José)

A este dá a pequena;
Que se amam tu bem o vês:

(apontando para Pina)

Aquelle nem val a pena
De lhe dar dois pontapés.

PINA

Senhores, eu sou poeta ;
E se encontro um papelão,
De Juvenal vibro a setta,
Que fura como agulhão !...
Quando a um vate... a um litterato,
Chega a mostarda ao nariz,
Vae tudo co'o pó do gato ;
E ai d'aquelle infeliz
A quem elle aponta o dardo !...
Foge, soffrendo atroz dôr,
Como ferido o javardo
Dos golpes do caçador.
Vou compôr... em mil estrophes
Uma estrondosa poesia,
Que faça seccar os bofes
A quem a ler n'um só dia ;
E juro tomar vingança...

FRANCISCO

Tu julgas-me espantadiço ?
Pois digo-te, meu creança,
Que hei de gostar de vêr isso

THOMÉ (*para José*)

Quanto é que ganha por dia
Com seu continuo *tum tum* ?

JOSÉ

Um pinto.

THOMÉ

É fraca quantia,
Não faz arranjo nenhum.

FRANCISCO

Este rapaz que vês, sabe que é filho
D'um camarada meu, d'um aguerrido,
Valente tambor-mór, que muitas vezes
Do nosso batalhão marchando á frente,
Os soldados guiou para a victoria.
Era um gentil rapaz !... causava gosto
Ver-lhe os sempre luzidos uniformes,
Vel-o lançar ao ar com pulso forte
O seu lindo bastão que ao sol brilhava.

(pausa)

Agradou-se uma dama muito rica
Da singular figura do mancebo,
E com elle casou. Porém Antonio
Não quiz abandonar suas bandeiras :
Muitas vezes, depois, correndo á brécha,
Como bom portuguez, como soldado,
De loiros se cobriu. Passados annos
Sua esposa morreu, deixando um filho :
É este que aqui vês. Depois as fridas
Aggravaram-se ao pae, e vendo breve
O derradeiro instante, quiz confiar-me
Todos os seus haveres, e me disse :
Amigo, guarde... e quando o meu José
Complete vinte annos, dê-lhe esse oiro ...
Diga-lhe que a seu mestre recompense,
Que seja sempre honrado, e sempre artista.

JOSE

Hoje completo essa idade.

FRANCISCO

Hoje terás o que é teu.

JOSÉ (*abraçando-o*)

Se meu pae o escolheu
Para amigo, eu amizade
Lhe off'reço do coração!

FRANCISCO

O rapaz já não é pobre,
Já lhe podes dar a mão
Da filha... porque este nobre
Tem no oiro o seu braço.

THOMÉ (*a José*)

Aqui tem a minha qu'rida,
Brites... e seja feliz...
Eu tinha a bola perdida,
E não sei mesmo o que fiz.
Fui um tolo... sim senhor,
Mer'cia com palmatoria...
Fui um animal maior
Que o cavallo da Memoria!

JOSÉ (*a Thomé*)

Deu-me a ventura... obrigado!

BRITES

José, seremos felizes!

THOMÉ (*a Pina*)

Rua, já, seu mal cerado,
Senão quebro-lhe os narizes.
Vá fallar á dançarina
Lá da sua estimação...
Já queria uma menina
Com tão bella educação;
Que passa dias inteiros
Matizando os seus retrozes,

Sabe dançar os lanceiros,
E é mestra em fazer filhozes.

PINA

Eu nunca fui vingativo ;
Uns versos quero ofertar
Para esse dia festivo
Em que Brites se casar.
O fado não me protege,
E por isso não venci ;
Só esses que o fado elege
Tem a ventura por si ;
Que aos mil decretos fataes
Que este alto deus proferia,
Tremiam os immortaes
No ceo da mythologia.

FRANCISCO

Fallou que foi um portento !...
Pois quero versinhos, quero,
Que servem de bom tempero
Em dias de casamento ;
E se souber arranjar
Com graça os seus parabens,
Desde já póde contar
Que apanha — doze vintens.
Nem a poesia nos falta,
Louvado seja o Senhor !

PINA (*enthusiasmado*)

Meu estro se sobressalta,
E começo a ser cantor.
Atenção, eu principio :
— Hymeneu abraça amor...

FRANCISCO (*tapando-lhe a bocca*)

Ó meu amigo, nem pio.
Convido a todos agora
Para arranchar a uma ceia
D'eiros e de lampreia.
Vamos, amigos, que a hora
É chegada da lambança:
Cuidámos no coração,
Cuide-se agora na pança.

THOMÉ

Tens lá broas de cidrão?

FRANCISCO

Tenho muita gulosina
Com que te possa fartar.

THOMÉ

Bella coisa! papa fina!
Vou comer a arrebenlar.

Couplet n.º 8

Vou encher esta barriga
A quem tenho tanto amor
Com bons doces, bons piteus,
E vinho superior.

FRANCISCO

Para fazer casamentos
Nunca o geito me faltou,
Herdei esta bella prenda
Do ratão de meu avô.

JOSE e BRITES

Nossa vida será bella,
Será gloria, riso, amor,

**Sem ter mágoas, sem ter penas,
Sem sequer ter uma dôr.**

PINA

**Se falhou o casamento
Não me faltem os piteus,
Que mulheres n'este mundo
Não faltam, graças a Deus!**

Coro final

JOSÉ e BRITES

**Nossa vida será bella,
Será gloria, riso, amor,
Sem ter mágoas, sem ter penas,
Sem sequer ter uma dôr.**

PINA, FRANCISCO e THOMÉ

**Sua vida será bella,
Será gloria, riso, amor,
Sem ter mágoas, sem ter penas,
Sem sequer ter uma dôr.**

FIM

4

UM HOMEM QUE TEM CABEÇA

COMEDIA EM UM ACTO

ORIGINAL DE

J. I. DE ARAUJO



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA

TRAVESSA DA VICTORIA, 73

1864

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

| | | | |
|---|--------|--|-------|
| Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol., | 22:000 | A Pobreza envergonhada, d em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. | 480 |
| Encadernada..... | 27:000 | Canticos. 1 vol. 8.º fr. | 720 |
| Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol, em papel..... | 11:600 | Alva Estrella, d. em 5 actos..... | 300 |
| Encadernados..... | 13:600 | F. SOARES FRANCO | |
| Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras..... | 200 | Sermões, 2 vol. 8.º fr. contendo 24 Sermões..... | 360 |
| M. M. B. DU BOCAJE | | ANTONIO DE SERPA | |
| Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello a Silva, 6 vol | 4:320 | Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr. | 400 |
| BARRETO FEIO | | Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. | 320 |
| Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol. | 2:880 | F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO | |
| LIMA LEITÃO | | Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio. ... | 6:750 |
| Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º..... | 800 | LOPES DE MENDONÇA | |
| Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr. | 1:200 | Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. | 720 |
| REBELLO DA SILVA | | Licções para maridos, e. em 3 actos 1 vol. 8.º fr. | 400 |
| Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr. | 960 | L. A. PALMEIRIM | |
| A Mocidade de D. João v, c. d em 5 actos..... | 480 | Poesias, 3.ª edição, correctca, 1 vol. 8.º fr. | 600 |
| Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr. | 300 | Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol. | 360 |
| MENDES LEAL JUNIOR | | Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. | 400 |
| Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. | 360 | O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º..... | 160 |
| O Homem de Ouro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr. | 300 | A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º fr. | 160 |
| A Herança do Chancellor, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr. | 400 | A. CEZAR DE LACERDA | |
| Pedro, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. | 300 | Um Risco, c. em 2 actos..... | 160 |
| | | Scenas de familia, c. em 2 actos..... | 320 |
| | | A Duplice existencia, c. em 4 actos..... | 240 |
| | | A Probidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed. | 300 |
| | | Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos..... | 360 |
| | | Uma Licção de flor.te, c. d. em 3 actos..... | 180 |
| | | Trabalho e honra, c. em 3 actos..... | 300 |
| | | A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos..... | 300 |
| | | Coração de ferro, d phantastico em 5 actos..... | 300 |
| | | O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda..... | 120 |
| | | E' perigoso ser rico, comedia em um acto..... | 160 |

UM HOMEM QUE TEM CABEÇA

COMEDIA EM UM ACTO

ORIGINAL DE

J. I. DE ARAUJO



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA


TRAVESSA DA VICTORIA, 73

—
1864

PERSONAGENS



| | |
|---------------------------------------|----------|
| - BARNABÉ DOS ANJOS, procurador | 50 annos |
| MIGUEL JULIÃO, rejedor | 45 |
| ANTONIO, estudante | 25 |
| JOAQUINA DOS ANJOS, mulher de Barnabé | 40 |
| ADELAIDE, sua filha | 18 |
| PINOIA, cabo de segurança | |
| CABOS DE SEGURANÇA | |



compadre que é o regedor da freguezia. (*indo á janella*) Senhor visinho, a mana vae melhor? (*pausa*) Estimo, estimo. . . E a senhora sua prima já veio de Bemfica? (*pausa*) Como fosse com saude é o que eu desejo. E diga-me, senhor visinho, ella sempre casa com o filho do camarista? . . . Aquelle rapaz é mesmo uma flor! (*pausa*) Olhe: eu da minha parte, digo-lhe com franqueza estimaria muito que se fizesse aquelle casamento, havia de ser um lindo par? (*pausa*) Lá n'isso tem toda a razão. . . Se o rapaz namora por atacado, então tambem eu digo: longe vá da sua porta! Porque, olhe, visinho, isto é um modo de fallar; um rapaz que tem. . . ou para melhor dizer que não tem. . .

BARNABÉ (*chegando á porta em mangas de camiza abotoando o colarinho*) — Feche-me essa janella, que estou a tremer com frio! Não me faça chegar a mostrar ao nariz. (*retira-se*)

JOAQUINA — Com sua licença, visinho (*fecha a janella*) Vem hoje com ella ferrada. . . não se póde aturar! Este homem vae-lhe refinando o genio com a idade!

SCENA VI

JOAQUINA e ANTONIO

ANTONIO — Sr.^a D. Joaquina, sou um seu creado. Como está a encantadora sua filha?

JOAQUINA — Adeus, sr. Antonio, então não teve medo á chuva?

ANTONIO — Vae parando. . . mas a menina que é feito d'ella? . . . está boa, não é assim? cada vez mais elegante, não é verdade?

JOAQUINA (*indo ao quarto chamar Adelaide*) — O' Adelaide! Adelaide!

SCENA VII

JOAQUINA ANTONIO E ADELAIDE

ANTONIO (*tomando-lhe a mão*) — Minha querida. . .

ADELAIDE — Então veio á chuva. . . capaz de apañhar alguma constipação.

ANTONIO — E que me importa a mim a chuva?! Para ver os seus encantos, formosa Adelaide, se fosse necessario, seria outro Leandro que—*destro nada-dor, talhãdo as vagas*, corria a ver as formosuras de Hero, por quem suspirava. . . Hero! . . . que de certo. . . de certo não tinha belleza que se comparasse á d'esses seus olhos, que me deslumbraam com seu brilho! . . . que me fascinam com seus encantos!

JOAQUINA (*á parte*) — Leandro e Hero; já li: é uma historia muito bonita, que me emprestou a visinha modista do quarto andar. (*alto*) Sr. Antonio, ha tempos li essa triste historia de Leandro e Hero. . . e confesso-lhe que me fez chorar rios de lagrimas. . . desejava recordar-me de certas passagens, que muito me agradaram. . . se o senhor m'a pudesse emprestar. . .

ANTONIO — Com todo o gosto, dar-lh'a-hei a ler na sublime cantata de Bocage.

JOAQUINA — Cantata não. . . porque. . . (*com magoã o confesso*) não sei ler musica.

ANTONIO — Não é musica; é verso solto.

JOAQUINA — Ah! é em verso solto: eu gosto muito do verso solto. . . e mesmo do outro. . . que não é solto.

ADELAIDE (*á parte a Joaquina*) — Mamã o papá está em casa. . . olhe que pode ouvir. . .

JOAQUINA — E que tem que oiça?

ADELAIDE — Bem sabe que elle não quer. . .

ANTONIO — Não quer o que?

JOAQUINA — Não quer que a pequena case... Ora diga-me vocemecê, sr. Antonio, se ha maior loucura!? Mas hade casar e hade ser com o senhor: dei-lhe a minha palavra, e heide cumpril-a, corra por onde correr.

ADELAIDE — Mamã, que pode vocemecê fazer, se o papá quer por força que eu seja freira?!...

ANTONIO — Freira! E a menina acha-se com vocação para freira?!

ADELAIDE — Nenhuma... faço até idéa de que um convento deve ser uma coisa muito triste e aborrecida.

JOAQUINA — Dizes bem, minha filha; e sirva de exemplo a tua prima Bonifacia que morreu com ataques de melancolia... coitada!... Era uma rapariga alegre, engraçada, e rechonchudinha, e depois que foi para o convento... começou a emmagrecer, a emmagrecer... a perder a côr... e, finalmente, a rapariga não parecia a mesma no fim de quinze dias. Olha de freira te livrarei eu!

ADELAIDE — Ora mamã... o papá é tão teimoso... e é elle quem governa...

JOAQUINA — Nos casamentos das filhas governam as mães... e eu não cedo dos meus direitos.

ANTONIO — Não deve ceder, sr.^a D. Joaquina... seja a nossa protectora.

JOAQUINA — Ou elle hade consentir que o senhor case com Adelaide, ou temos aqui em casa mosquitos por cordas!

ADELAIDE — Mamã, não quero desordens por minha causa... bem bastam aquellas...

SCENA VIII

OS MESMOS E BARNABÉ (*que mudou de fato*)

BARNABÉ — Sr.^a Joaquina, vocemecê é uma des-
cuidada... uma prigueirosa! olhe... (*mostrando a ca-
saca, a camisa, o cós das calças tudo sem botões*)
olhe... olhe... olhe... Faltam nada menos de cinco
botões. (*dando um berro*) Porque não pregou estes
botões sr.^a Joaquina? (*reparando em Antonio*) Oh! meu
caro constituinte... por esta sua casa... não tinha
reparado... Vem saber da sua demanda? Caminha
perfeitamente... e creio que o juiz está inclinado a
seu favor... Agora, como diz o ditado: boa deman-
da, má demanda, o escrivão da tua banda... e por
isso penso que não seria mau algum dinheiro para...

ANTONIO — Para ajudar a minha justiça, percebo.
E quanto será preciso?

BARNABÉ — Bagatella... creio que com duas moe-
das... mas coisa, menos coisa, o homem fica satisfei-
to... não é dos escrivães mais exigentes.

ANTONIO (*dando-lhe dinheiro*) — Aqui tem... E
adeus, faça favor de se não descuidar.

BARNABÉ — Vá descansado.

ANTONIO (*despedindo-se*) — Minhas senhoras, sou
um seu creado. (*sae*)

BARNABÉ (*á parte*) — Duas moedas... o escrivão
provavelmente contenta-se com seis pintos.

SCENA IX

BARNABÉ, JOAQUINA, ADELAIDE E MIGUEL JULIÃO

JULIÃO — Estimavel compadre, venho saber se des-
de hontem para cá tem soffrido alguma alteração

ACTO UNICO

Casa de Barnabé: casa medioere, porta ao fundo e lateraes, e uma janella que deita para o saguão: do lado opposto uma mesa com tinteiro, pennis, etc. etc.

SCENA I

JOAQUINA (na janella do saguão conversando com a visinha de cima) — O' visinha, não sabe? Temos hoje um grande casamento aqui na visinhança (escuta) Não sabe?! Pois eu lhe conto: é a brasileira que casa com o filho da D. Anastacia. (escuta) Sabe o que mais, visinha, eu sempre disse que aquillo vinha a dar em casamento. . . é verdade que ella é mulata e torta do olho direito. . . mas tem dinheiro, visinha. . . e hoje em dia quem o tem tem tudo. (escuta) Diz muito bem: antigamente era outra coisa. . . casava-se por inclinação. . . mas hoje, que os corações andã m avariados, já não ha sinceridade, nem amor. . . nem *coisissima* nenhuma.

SCENA II

JOAQUINA (na janella) e BARNABÉ (entrando de chapeo de chuva)

BARNABÉ (olhando para o fato) — Bonito! venho mesmo n'uma sopa. . . capaz de apanhar alguma cattarrhal que me dê cabo do canastro. Isto não pagam os constituintes! . . . Preciso mudar de fato. (chaman-

UM HOMEM QUE TEM CABEÇA

1

do) O' Joaquina, Joaquina. (*olha para a janella*) Lá está a maldita a dar a taramella!

JOAQUINA (*para a vizinha*) — Isso lá é verdade, vizinha: os maridos impertinentes não se pódem supportar.

BARNABÉ (*puxando-lhe por um braço*) — E as mulheres tagarellas precisavam a lingoa cosida ao ceo da boca. Quero mudar de fato, que venho todo alagado.

JOAQUINA — Pois mude... que tenho eu com isso?!

BARNABÉ — Que tem com isso! Deve ter muito. A senhora tem estado á janella feita papagaio, sem lhe importar apanhar chuva na cabeça, só pelo maldito gostinho de dar á lingoa... e nem ao menos lhe passou pela idéa que eu havia de chegar a casa encharcado!... Se tivesse dois dedos de reflexão, já o fato devia estar fora da gaveta ha muito tempo. A senhora não quer perder a balda... quer ser o almanach da vizinhança! não faz caso do que tantas vezes lhe tenho dito... mas olhe que eu heide insinal-a.

JOAQUINA — Ah! vem hoje resolvido a fazer papel de tyranno?! Vem alagado por fóra e ardendo por dentro?! Pois saiba que não estou de maré para o aturar... Ora esta! Não quer que eu falle com a vizinha!... uma senhora tão delicada, e que me trata com toda a consideração! Quer talvez que eu passe por mulher soberba... por bicho do malo?!

BARNABÉ (*impondo silencio*) — Sciu! Nem pio. Quero o meu fato.

JOAQUINA (*indo a janella*) — Adeus, vizinha, até logo.

BARNABÉ (*zangado*) — Isso agora é teimar de mais!

JOAQUINA — Então, não me havia de despedir da vizinha?! Não quero passar por mulher sem creação. (*sae*)

SCENA III

BARNABÉ (*só, batendo o queixo*) — Ai, que arrepios! Estou aqui, estou com alguma constipação no espinhaço! Se ao menos o constituinte por causa de quem me encharquei desta maneira, me dêr algum presente, que faça luzir o olho, quando a sentença lhe sair a favor. . . porque hade sair. . . d'isso tenho eu toda a certeza. Entendi-me com certa pessoa elegante a quem o juiz, a pesar da sua recludão, não é capaz de negar o maior favor. Optimo empenho! mas que custou ao meu constituinte uma continha calada — Já se sabe, tambem contei comigo — pudéra não! Sempre me tenho visto logrado quando espero pela generosidade dos meus constituintes. . . e por isso — santa embaçadella — «Dê cá seis pintos para o escrivão» — a coisa ás vezes não custa nem tres. (*arrepinando-se*) Mas que frio! Se desta vez não apanho alguma macacoa, então é que eu digo que sou um homem de ferro. (*para dentro*) O' Joaquina, aquece-me a camisa.

JOAQUINA (*de dentro*) — Está o lume apagado.

BARNABÉ — Esta mulher é os meus peccados!!

Couplets

Que triste sorte é casar
Co'uma mulher tagarella,
Qu'está sempre na janella
Qual papagaio a palrar!

Vem o marido p'ra casa
Cheio de frio, a tremer,
No fogareiro uma brasa
Nem acha p'ra se aquecer!

Não acha um caldinho quente
P'ra se poder confortar,
Que a mulher magoa não sente
Ao vel-o todo esfriar:

Mas se elle de soffrer cança,
E castiga o desmazelo,
Que lhe ardeu mui bem o pello
Ella conta a visinhança.

SCENA IV

BARNABÉ e JOAQUINA

JOAQUINA — Ora vá mudar o fato: lá está tudo em cima da sua cama.

BARNABÉ (*em tom de reprehensão*) — Com que então está o lume apagado... não posso tomar uma chavena de café quente... a senhora quer que eu morra enregelado!

JOAQUINA — Eu sabia lá que o senhor havia de vir molhado!...

BARNABÉ — Não sabia!... Estava á janella e não sentia a chuva a cair-lhe no cachaco. Sr.^a Joaquina, sr.^a Joaquina... vosemecê parece-me que não passa sem... .

JOAQUINA — Sem o que?

BARNABÉ — Cuidado comigo, sr.^a Joaquina, cuidado comigo. (*sae*)

SCENA V

JOAQUINA (*só*) — Quer talvez dizer que heide levar pancada outra vez!... Caia n'essa e verá o que lhe acontece? Chamo logo o visinho cá de cima é que cabo de segurança... e faço mais: dou parte ao nosso

De horrenda cerração c'roada a noite
Surgira ha muito da ciméria gruta;
Tapando o longo ceu co'as azas longas

Reina em meio universo:

Occupam-lhe os degrãos do negro throno

A tristeza, o silencio,

O medo, a solidão, o amor, e o crime;

Vôam-lhe em roda lúgubres fantasmas,

Aves sinistras pousam-lhe no gremio.

(para Antonio) E' muito bonito! Aquelle homem tinha muito geito para o verso!

ANTONIO — Segundo vejo a sr.^a D. Joaquina é ama dora da poesia.

JOAQUINA (*pondo o livro aberto sobre a mesa*) — E muito. Quando eu era rapariga sabia muita cantiga bonita... mas depois que me casei esqueceram-me todas. Quando namorei o meu homem, escrevi-lhe uma carta em verso, que até disse uma visinha, que morava ao lado, que não parecia composição de uma menina de desaseis annos.

ANTONIO — Não posso perceber porque razão o sr. Barnabé quer que sua filha seja freira!

JOAQUINA — Manias d'aquelle homem... tem muitas, não é só ésta.

ANTONIO — Mas a promessa que a senhora me fez...

JOAQUINA — Esteja descansado, hade ser cumprida.

ANTONIO — Ouve, formosa Adelaide; sua mãe promette cumprir a sua promessa; por tanto não se deve entristecer: nossos desejos hão-de realisar-se.

Couplets

Desterra, ó bella,
Meu bem perfeito,
Desse teu peito
Cruel sentir:
Foge á tristeza
Que te amargura,
Vê que a ventura
Nos vem sorrir.

Um terno esposo,
Um puro amante,
Sempre constante
Verás em mim;
O amor mais puro,
Meu bem, juremos,
Sim, gozaremos
Ditas sem fim.

ADELAIDE — Permitta a sorte,
Meu bem amado,
Que eu a teu lado
Possa viver;

JOAQUINA (*para Adelaide*)

Casas com elle,
Minha menina,
Ou eu Joaquina
Deixo de ser.

Ensemble

JOAQUINA — Sou eu quem prometto
Não heide faltar,
Eu não me desdigo,
Vão breve casar.

ANTONIO — A mãe o promette
Não deve faltar,
A sorte bem digo,
Sim, vamos casar

ADELAIDE — A mãe o promette
Mas tem que faltar,
Do pae não consigo.
O ir-me casar.

SCENA XII

OS MESMOS, e MIGUEL JULIÃO

JULIÃO — Comadre... menina... meu senhor.

JOAQUINA — Então, compadre, diga-me, foi grande a desordem?

JULIÃO — Grande e muito séria!... e mais séria seria se [eu não] acudisse tão prompto, e não usasse de medidas tão energicas e acertadas. Lá vão uns poucos trancafiados para o correccional. O barulho começou por causa de uma borracheira... e é desta maneira que costumam começar quasi todas as revoluções.

JOAQUINA — E houve ferimentos?

JULIÃO — Graças a Deus não houve sangue... o que muito estimei; porque de mais a mais todos eram portuguezes... è é abominavel, sobretudo, que os filhos da mesma patria, aquelles que se aquecem com o mes-

mo sol, e comem do mesmo pão com manteiga. . . der-
ramem o seu sangue por coisas que não valém dois
caracões.

JOAQUINA — Compadre, aqui lhe apresento, o se-
nhor Antonio: é um rapaz de muita instrução. . .
deve estimar conhecê-lo.

JULIÃO (*para Antonio*) — Com que então o senhor. . .
é um rapaz de muita instrução? . . . Eu sou um gran-
de admirador dos jovens illuminados pela sciencia.
Toque. (*dá lhe a mão*)

JOAQUINA — E' estudante.

JULIÃO — E estuda? . . . Diga-me, a que se dedica?

ANTONIO — Sigo o curso de engenharia.

JULIÃO — Engenharia! Oh! isso é uma carreira
muito complicada, tem muito que se lhe diga! A arte
de fazer engenhos! . . . E diga-me já se atrevia a fa-
zer um para descascar arroz?

ANTONIO (*á parte*) — E' este o tal regedor com fu-
maças de sabichão. (*alto*) Engenhos para descascar
arroz, tenho feito muitos. . . mas ainda não consegui
inventar um, que se applicasse com vantagem a cer-
tas cascas grossas. . . que eu conheço.

JULIÃO — Pois eu não se me dava de comprar um
d'esses engenhos.

ANTONIO (*á parte*) — Um grande engenho. és tu,
mas é de moer a paciencia. (*alto*) Adeus, meu caro.

JULIÃO — Então retira-se!

ANTONIO (*em tom de mangação*) — Vou buscar o
engenho. . . de descascar arroz. (*sae*)

JOAQUINA — O' compadre, hade dar licença que
me retire. . . parece-me que tenho visitas em casa.
(*sae*)

ADELAIDE — Pois eu sósinha com elle não fico. . .
não estou resolvida a aturar massadas. (*sae*)

consideravel ou notavel, na sua amavel, e formidavel saude.

BARNABÉ — Oh! meu caro compadre . . . eu passo ás mil maravilhas . . . e o compadre como vae?

JULIÃO — A minha importante saude não soffre alteração sensivel . . . comtudo, aconselham-me os mais experimentados bolicarios da freguesia que não seja tão activo no desempenho das complicadas obrigações do meu cargo de regedor: receiam que eu perca a tramontana. (*comprimentando*) Minha comadre . . . menina.

BARNABÉ — N'isso tem elles toda a razão. O compadre estafa-se devéras para desempenhar dignamente o seu logar . . . e digo-lhe mais: ainda não tivemos na freguesia um regedor tão activo e intelligente.

JULIÃO — O que não admira. Aqui na freguesia ha pouco por onde escolher: ha poucos d'esses homens, que, como eu, á força de aturada leitura de periodicos, tenham alcançado a verdadeira sabedoria, e a fina logica do palavreado . . . (*pausa*) Olhe, compadre: todo o homem falla, uma vez que não seja mudo, ou lhe mettam uma rolha na boca . . . mas fallar bem, compadre, fallar como um deputado que não tem papas na lingua . . . isso não é para todos! O mesmo é o escrever: muitos escrevem; mas não sabem encaixar a virgula e o ponto de admiração no logar que lhes marca a lei astronomica (*emendando*) não digo bem: grammatical.

BARNABÉ — Ao menos na freguesia todos lhe fazem justiça . . . O compadre desempenha de tal maneira as suas obrigações, que até lhe chamam *frigideira*.

JULIÃO — *Frigideira* — é uma expressão chula, que me honra sobremaneira: quer dizer que não ha barulho onde eu não appareça á frente dos meus agueridos cabos. Tenho evitado com a minha espertesa e

desembaraço, o começo de muita revolução... não porque tenha usado do poder da força armada; não porque possuo o dom de fallar ás massas. Escolhi o compadre para meu escrivão, não só por confiar na sua honradez, mas porque estou habilitado a reconhecer que o compadre não é nenhum estúpido.

BARNABÉ (*á parte*) — Como tu, que se não fosse não te entendias com o logar que tens.

JULIÃO — Compadre, eu detesto o homem estúpido... porque o homem que tem conhecimentos e conhecimentos especialmente esclarecidos acerca das materias *organicas*... que escreve debaixo dos rigorosos preceitos de *grammatica* e *geographia*... e que, finalmente, salta onde tem a cabeça... não pode supportar aquelle que, envolvido nas trevas de uma ignorancia estúpida, não sabe apreciar as combinações logicas de um discurso eminentemente parlamentar. (*á parte*) Sim senhor, fallei bem.

BARNABÉ — O compadre diz bocadinhos de oirol!... olhe que se o fizessem deputado!...

JULIÃO — Havia de fazer discursos de hora e meia.

BARNABÉ (*á parte*) — Dos taes que por fim ninguem percebe.

JULIÃO — Discursos que me haviam de dar nome e gloria, e deixar todo o mundo de bocca aberta... muito embora com elles não salvasse a patria... (tambem não é para isso que trabalham os deputados) caso é fallar bem, fallar muito, e fallar com muita força... e eu sei o que digo, e sou capaz de gritar seis horas a fio, sem se me seccarem os bofes... em bofes ninguem me ganha... tomaram-n'os muito deputados! Então é que elles brilhavam!

Couplets

Tenho visto muitos deputados,
Que a fallar não tem geito nenhum,
Impingindo discursos safados,
Que nos deixam ficar em jejum.

Tambem outros de bico calado,
Emproados quaes fofos barões,
Não passarem do tal—appoiado—
Por não qu'rerem entrar em questões.

Se á tribuna, porém, eu trepasse
Com cabeça fallára sem par,
E só quando mui bem me estafasse
O discurso fizera acabar.

No outro dia depois impremido
Nas collumnas d'um grande jornal
Se veria um discurso comprido
Animando o progresso real.

Real e nacional. Eu sou do progresso, e abomino o homem retrogrado. O homem retrogrado, que vem a ser aquelle cujas idéas obscurecidas não se encaminham para o lado da verdadeira *civilização* da sociedade. . . e que quer fazer contra marchar a soubredita sociedade, na estrada brilhante que vae seguindo. . . finalmente, o homem retrogrado é o verdadeiro caranguejo politico, que, caminhando sempre para traz por conta dos seus caprichos, deixa ir a patria por agua abaixo. Ora aqui tem o compadre, sem tirar nem pôr, o que vem a ser o homem retrogrado.

SCENA X

OS MESMOS E PINOIA (*cabo de segurança dpalermado*)

PINOIA — Acuda, senhor regedor, que ha grande desordem no bairro:

JULIÃO — Desordem! . . . talvez principio de bernarda! . . . Eu vou atabafar a revolução (*vae para sair e torna atraz*) O' compadre, faça favor, tenha a bondade de me acompanhar. (*já fora da scena a Pinoia*) Apital apita, brutal (*Pinoia apita. Saem á pressa e ouves-e por um pouco o apito*)

SCENA XI

JOAQUINA, ADELAIDE e logo ANTONIO

JOAQUINA — Este compadre metteu teu pae em bons assados. . . estou vendo se algum dia vem para casa com a cabeça partida. Oh! ahi vem o senhor Antonio.

ANTONIO — Sr.^a D. Joaquina aqui tem o livro que lhe prometti (*abrindo o livro*) A morte de Leandro e Hero. E' aqui.

JOAQUINA (*tomando o livro*) — Muito agradecida. (*vae sentar-se a ler*)

ANTONIO — Formosa Adelaide, tenho muita confiança na valiosa protecção de sua mãe. . . tenho fé que seu pae hade ceder aos rogos que ella lhe fizer. . . e então. . .

ADELAIDE — Falla assim, sr. Antonio, porque lhe não conhece o genio: em elle dizendo, não, é escusado teimar.

JOAQUINA (*lendo e fazendo accionados com a mão direita*)

SCENA XIII

JULIÃO (*só, depois de pensar um pouco*) — Hoje vae... hoje com toda a certeza peço a mão da pequena ao compadre... que se ella chega a entrar no convento, então devo perder as esperanças. O homem não m'a recusa... deve-me favores... vê que a pequena faz fortuna... sabe que eu tenho uma certa posição social... e que... finalmente... Eil-o que entra.

SCENA XIV

MIGUEL JULIÃO E BARNABÉ

BARNABÉ — Por cá, compadre!

JULIÃO (*á parte*) — Não sei como comece... a modo que a minha logica não é muito propria para estas coisas... mas, vamos, saia o que sair, que já não posso supportar por mais tempo este amor atabafado. (*alto*) Compadre, conceda-me um momento de attenção. (*pausa*) O compadre tem uma filha... e sei que tenciona mettê-la em um convento... provavelmente por julgar que ella não encontre um homem, que lhe possa offerecer um casamento vantajoso... um homem rico e de bons costumes... e finalmente... um homem que lhe prometta um futuro livre de privações... mas se por acaso...

BARNABÉ — Eu lhe digo, compadre...

JULIÃO — Deixe-me acabar o meu discurso. Mas se por acaso a sorte, ou o destino, que vem a ser a mesma coisa, lhe deparasse um individuo que não deixasse nada a desejar, o compadre ainda teimaria em querer que sua filha fosse freira?

BARNABÉ — Eu lhe digo, compadre, quero que a rapariga seja freira, porque sei que em um convento

se aprende muita coisa boa... muita coisa que vem servir a todo o tempo: por exemplo: aprende-se a fazer broinhas com mel e cidrão... pastellinhos nata, trouxas d'ovos, manjar branco... etc. Em todo o caso isto são prendas com que a rapariga fica. Além d'isto (vou com aquillo que o compadre acaba de dizer) a rapariga não está em posição de encontrar um homem, que pela sua fortuna...

JULIÃO — Mas se por acaso apparecesse esse homem?

BARNABÉ — Se apparecesse... mas é que não apparece... se apparecesse... eu... não diria que não.

JULIÃO — Pois digo-lhe que appareceu.

BARNABÉ — Então quem é?

JULIÃO — Eu, compadre... este seu creado.

BARNABÉ (*olhando para elle estupefacto*) — Ora compadre está caçoando!... pois o compadre quer agora... casar com minha filha!... o compadre não falla sério... nada... isso é por força mangação.

JULIÃO (*com muita seriedade*) — Fallo serio, e me quer que serio. O que preciso saber é se o compadre consente.

BARNABÉ (*depois de breve pausa*) — Fiquei de ver a parvalhado... não pensava... Lá consentir, como sinto... uma vez que a pequena engrace com o compadre...

JULIÃO — Não sei... mas creio que... quando lhe expuser a minha paixão... quando lhe declarar a força d'este amor que me accende, escalda, abraça e incendeia o coração... Mas ella ahi vem... o compadre dê licença que lhe faça a minha declaração?

BARNABÉ — Eu me retiro. (*á parte*) Está-me parecendo que a pequena prefere ir para o convento a casar com elle. (*sae*)

SCENA XV

MIGUEL JULIÃO E ADELAIDE

JULIÃO (*á parte*) — Scena amorosa (*alto*) Formosa!... encantadora!... seductora! sensível!... terna Adelaide!... permitti que este meu abrasado coração... e mais abrasado que uma brasa de carvão de cok, vos expresse com as expressões mais apaixonadas o ardente sentimento que d'elle se apodera... permitti que vos ponha este amor em pratos limpos... e que vos diga... (*ajoelhando*) ajoelhando a vossos pés. Adelaide! encantadora Adelaide! Vós sois toda a minha vida! Toda a minha ventura! Não desprezeis este peito traspassado de banda a banda pelas setlas do amor... do amor... que vem a ser aquelle endiabrado pequerrucho, que, por não ter outra coisa com que brincar, brinca com os nossos corações!...

ADELAIDE (*a admirada*) — Senhor!... não entendo!...

JULIÃO — Não me entendeis, formosa Adelaide! minha rosinha do Japão! Não me entendeis!... pois isto é claro como agua. E' que não posso viver sem que os vossos olhos tentadores se volvam benignos para mim... sem que a vossa boca delicada me diga: acceito o teu amor... quero casar contigo...

ADELAIDE — Senhor!... levante-se!... olhe que pode apparecer meu pae...

JULIÃO (*levantando-se*) — Vosso pae consente no nosso casamento só espero a vossa decisão.

Couplets

Só espero que me digas
Minha rosa do Japão,
O sentimento que abrigas
Em teu puro coração

Quem é terna jamais zomba
De quem jura ser fiel, . . .
E tu és mesmo uma pomba,
Uma pombinha sem fel. . .

Morro de melancolia
Se me negas teu amor. . .
Não queiras que a freguezia
Perca um bello regedor !

Se me não dás um despacho
Que me anime o coração,
Vou ja, já deitar-me abaixo
Da janella do saguão.

*côrre para a janella, abre-a, esperando que Adelaide
lhe acuda*) Decida da minha sorte. . . se me despreza
—bumba—atiro-me de cabeça sobre dois alguidares
que lá estão em baixo . . . morro. . . mas no meu ul-
timo suspiro pronunciarei ainda o seu nome.

ADELAIDE — Senhor. . . hade consentir que me re-
tire. (*àpartê*) Pelo que acabo de ouvir, meu pae já
não quer que eu vá para o convento. . . Em todo o
caso foi bom mudar de opinião. . . mas com este ex-
quesito é que eu não caso. (*sae*)

SCENA XVI

JULIÃO (*só*) — A rapariga a modo que não sym-
pathisou muito comigo. Dar-se-ha caso que ella tenha
por ahi algum namorico ?! . . . Mas não tem duvida. . .
o pae quer. . . e ella hade obedecer-lhe. . . E então o
compadre que não é para graças!

SCENA XVII

MIGUEL JULIÃO E ANTONIO

ANTONIO (*á parte*) — Ouvi tudo... este parlapatão é o men rival.

JULIÃO (*á parte*) — Olé! o senhor estudante por cá! Hade ser este quem já deitou o anzol ao coração da pequena... Eu é que tive a culpa; quem primeiro deita a rede, primeiro pesca.

ANTONIO (*á parte*) — Vou ver se espanto o caçador, porque a caça espantou-a elle. (*alto*) Senhor Miguel Julião!

JULIÃO — Elle é um seu creado.

ANTONIO — O senhor sabe quem eu sou?

JULIÃO — Perfeitamente, que ainda me não esqueceu o que ha pouco ouvi dizer: O senhor é um digno estudante de engenharia.

ANTONIO — Sou mais do que isso... sou o seu rival. Ouvi as expressões que acaba de dirigir áquella que me ama... e não sou homem capaz de deixar impune um semelhante ultraje... portanto, exijo uma satisfação... proponho-lhe um desafio!

JULIÃO (*aparvalhado*) — Um desafio! Eu acceitar nm desafio?!

ANTONIO — Escolha as armas.

JULIÃO (*cada vez mais assustado*) — Quaes armas, nem meias armas!... não mé falle em semelhante coisa que me arrepiá os cabellos! Pois um regedor que deve manter o socego... e ser o primeiro a dar exemplos de moralidade... havia de ser author de desordens?! O senhor propõe-me um desafio!? Não sabe que estão prohibidos por lei. Não sabe que estamos no seculo das luzes?!

ANTONIO — Já lhe disse: está desafiado. . . e se não aceita. . .

JULIÃO — Ah! . . . o senhor ameaça-me! . . . não pense que me intimida, olhe que não sou nenhum covarde. . . aqui onde me vê já fui porta bandeira da guarda nacional. . . Se não aceito o desafio é por que não quero ir contra as leis estabelecidas.

ANTONIO (*com voz forte*) — Bem, nega-me a satisfação, que lhe peço; já vejo que é um homem sem brio. . .

JULIÃO (*á parte, mettendo a mão na algibeira*) — Se me toca com um dedo, apito.

ANTONIO — E os homens sem brio castigam-se com meia duzia de pontapés.

JULIÃO (*com grande espanto*) — Pontapés!! Veja lá como falla, senhor estudante das duzias! Olhe que sou o regedor da freguezia! não sou nenhum trocaxintitas! O que lhe vale é eu não querer fazer desordem em casa alheia. . . senão. . . (*mostrando-lhe o apito*) com esta arma o podia castigar do seu atrevimento.

ANTONIO — E' a arma dos cobardes.

JULIÃO — E' arma que a lei authorisa.

ANTONIO — Mas não livra dos primeiros sopapos.

JULIÃO (*pondo-se em guarda*) — Senhor! . . .

ANTONIO — Não se assuste, que também sei respeitar a casa alheia. . . Mas lembre-se que me não deu a satisfação que lhe pedi. (*sae*)

SCENA XVIII

JULIÃO (*só*) — Bonito! estou mettido em bons lençóes por causa da pequena! O tal senhor estudante parece-me um espadachim menos mau! . . . Oh! mas eu não devo ter medo d'elle. . . tenho um batalhão de

cabos ás minhas ordens... e posso tomar vingança de tamanho insulto. (*reflectindo*) Vou já mandal-o para o correccional com uma parte de mal creado... e corra por onde correr a pequena hade ser minha. (*ameaçando-o*) Eu te ensinarei meu engenheiro sem engenho, a conhecer de quanto é capaz um regedor offendido. (*sae arrebatadamente*)

SCENA XIX

BARNABÉ e JOAQUINA

JOAQUINA — O senhor é um homem sem juizo. Quer que a pequena case com o compadre?! com um homem d'aquella idade?! um ralão d'aquelle feitio?! e de mais a mais enfrornado na politica, que com qualquer mudança de ministerio podem os seus inimigos vingar-se d'elle... assassinal-o!... e ficar a pequena desamparada.

BARNABÉ — Senhora Joaquina não comece com as suas arengas costumadas. O compadre é um bello marido para a nossa Adelaide... o ponto está em que ella engrace com elle...

JOAQUINA — Engraçar com elle?... a pequena? Nunca!... essa lhe juro eu.

BARNABÉ — Pois bem: então vae para o convento.

JOAQUINA — Não consinto... Se eu sei que a pequena não tem vocação para freira.

BARNABÉ — Quer tenha, quer não tenha... quem manda sou eu, que sou seu pae.

JOAQUINA — E eu tambem, que sou sua mãe! A pequena não hade ir para o convento... hade casar e hade ser com um rapaz que eu lhe escolhi.

BARNABÉ — As suas escolhas hão-de ser frescas! Provavelmente algum d'esses bonecos, que vivem en-

frascados em fumo de charuto. . . que passam um dia inteiro a correr á roda do bilhar. . . e que só não pregam calote a quem lhes não empresta dinheiro ou coisa que o valha.

JOAQUINA — Engana-se de meio a meio. Se o senhor conhecesse o meu protegido fallaria de outra maneira. E' um moço de exemplar conducta; está em uma brilhante carreira; e por morte de seus paes, recebe uma herança! . . . que a ser verdade o que elle diz. . .

BARNABÉ — Diz-se muita coisa quando se quer casar, e essa é uma dellas. O namorado que não tem dinheiro, sempre tem artes para improvisar um parente de grande fortuna, e quasi a despedir-se d'este mundo. Foi o mesmo que eu fiz, quando cai na asneira de namorar a senhora. Aposto que já se não lembra.

JOAQUINA — Lembra-me perfeitamente. . . fallava-me na grande herança do tio Aniceto. . . e por sua morte apenas herdou uns poucos de buzios que elle tinha no museu.

BARNABÉ — Mas diga lá. . . sempre quero saber quem é o seu protegido.

JOAQUINA — O senhor Antonio.

BARNABÉ — O meu constituinte?!

JOAQUINA — Esse mesmo. E' um excellente rapaz. e fará a ventura da nossa filha . . . amam-se de maneira que seria fazer a desgraça de ambos não consentir n'este casamento.

SCENA XX

BARNABÉ, JOAQUINA e ANTONIO

ANTONIO — Sim, senhor Barnabé, amo sua filha. . .

adoro-a com extremo, e tendo a ventura de alcançar a sua mão... verei cumprido o meu mais fervoroso desejo. Pode indagar a respeito da minha conducta que não tenho nada a receiar.

JOAQUINA — E' um rapaz, que não parece do tempo presente.

ANTONIO — Sr.^a D. Joaquina, agradeço sinceramente o interesse que toma pela minha felicidade.

BARNABÉ — Pois... meu estimavel constituinte... com todo o gosto... com todo o gosto lhe concedo a mão da minha Adelaide... Conheço perfeitamente o seu comportamento... e... pelo que vejo, amam-se tanto... Provavelmente é namoro antigo... fallo-lhe com franqueza, ainda não sabia semelhante coisa... o que não admira, porque é costume serem os paes os ullimos informados a tal respeito.

ANTONIO — Sr. Barnabé, quanto lh'o agradeço!

BARNABÉ — Pobre compadre, que ficas a chuchar no dedo! O homem zanga por força comigo... mas não tem razão... eu disse-lhe que se a pequena não engraçasse com elle não tinhamos nada feito.

JOAQUINA — E disse-lhe muito bem... fallou com muito juízo (*á parte*) E' a primeira vez que vejo este meu homem fazer uma coisa com geito.

SCENA XXI

BARNABÉ, JOAQUINA, ANTONIO E ADELAIDE

ANTONIO — Adelaide!... teu pae consente no nosso casamento!...

ADELAIDE (*para Barnabé*) — Meu pae... sua filha lhe agradece tamanha ventura! Agora mais que nunca acredito na sua amizade!

Couplets

ANTONIO — Vai cumprir-se, ó minha bella,
Nosso desejo tão puro,
Risonho o mosso futuro
Hade ser, hade ser, sim:
Posuindo a formusura
De quem ama com ternura
Será tal minha ventura
Que a não hade haver assim!

ADELAIDE — De prazer meu caro Antonio,
Deliro neste momento,
Já não vou para o convento
Morrer a chorar por ti!
Juro ser terna e constante,
Heide-te amar incessante,
E tu ser leal amante,
Jura... jura agora aqui!

Ensemble

Juro amar-te com firmeza,
Juro-te affecto sem fim,
Neste mundo, com certeza,
Ninguem hade amar assim!

SCENA XXII

OS MESMOS, MIGUEL JULIÃO, e cabos de segurança

JULIÃO (*avançando para Antonio*) — Senhor engenheiro pouco engenhoso... O senhor insultou-me ha pouco de uma maneira espantosamente grosseira... Eu sou o regedor da freguezia... e offender as au-

thoridades estabelecidas por lei, é offender a mesma lei. . . e escarnecer da moral publica! O senhor, insultando-me, commetteu um acto de inaudita immoralidade! Um crime de. . . lesa-regedor! Preciso desafrontar-me de tamanho insulto. . . e a lei me ordena que o faça immediatamente. O senhor está preso á minha ordem. . . e vae já d'aqui para o correccional. (*chamaudo um cabo*) Senhor cabo geral, cumpra as ordens do seu regedor. . . Aqui tem a parte. (*dá-lh'a; os cabos cercam Antonio*)

ANTONIO — Pois bem, senhor regedor, irei para onde vossa illustre senhoria determinar.

JOAQUINA — Compadre, o senhor é um homem vingativo! . . . vai prender o rapaz porque sabe que elle transtorna os seus projectos. Saiba que eu não consinto que minha filha case com um homem que é todo politica. . . o seu marido já está escolhido: é alli o sr. Antonio. (*apontando para Antonio*)

JULIÃO (*para Barnabé*) — Compadre. . . e a sua palavra?

BARNABÉ — A minha palavra, foi: que daria o meu consentimento, uma vez que minha filha se agradasse do compadre.

ADELAIDE — E o senhor desagrada-me completamente.

JULIÃO — Compadre! O senhor é um compadre ingrato! Não reconhece os favores que lhe tenho feito! Pois bem. . . não casarei com sua filha. . . mas o senhor está demittido do emprego de meu escrivão. E do senhor (*para Antonio*) eu me vou vingar. (*para um cabo*) Senhor cabo geral, cumpra immediatamente as minhas ordens.

SCENA XXIII

OS MESMOS e PINOIA

PINOIA — Meu regedor... um officio do Governo Civil, e uma carta que veio pelo correio. (*dá-lhe o officio e a carta, os cabos vão para partir com Antonio.*)

JULIÃO — Senhor cabo geral... espere um pouco... deixe ver o que diz este officio... pode ser que tenha ordens a dár-lhe (*abre o officio e lê*) Com *espanto*) Demittido do meu cargo de regedor!!! Oh!... isto foi por força intriga dos meus inimigos! Eu enlouqueço de furor. (*ensurecido*) Demittido!... Eu!... Miguel Julião!... Eu, que sempre desempenhei dignamente as obrigações do meu elevado cargo!... que me posso gabar de ser um regedor activo e intelligente! Esta determinação do Governo Civil vai de certo indispor toda a freguezia! Que pouca vergonha! Que maroteira! Desprezar um homem de reconhecido talento para o substituir talvez por algum badameco ignorante...

ANTONIO (*para Julião*) — Sr. Miguel Julião, já não é regedor; por conseguinte já não tem authoridade para me prender.

JULIÃO (*á parte*) — Nem ao menos me posso vingar deste patife! (*para os cabos*) Podem-se retirar que já não sou regedor da freguezia.

PINOIA (*choramigando*) — Adeus sr. Miguel Julião. (*aporte para os outros cabos*) Então vocês não choram? (*os cabos tiram o lenço e esfregam os olhos*)

JULIÃO — Adeus rapaziada fina, tomem lá para uma pinga.

Todos — Muito obrigado, muito obrigado sr. Miguel Julião. (*saem*)

JULIÃO — Vamos a ver o que me diz esta carta de

Melgaço. . . hade ser por força noticia má, porque estou hoje na maré das desgraças. (*abre e lê*) Primo Miguel, não posso estar com muitas franjas, porque está a partir o correio. Dou-lhe parte de que a sua eleição triumphou; teve maioria de cinco votos. O José Manoel está como uma polvora. Até á vista. Seu primo Lourenço. (*com grande contentamento*) Sou deputado! Cumpriram-se finalmente os meus desejos! Portugal! minha patria! serás salva!

BARNABÉ — Dou-lhe os parabens, compadre.

ANTONIO — E eu igualmente.

JULIÃO — Agradeço. (*á parte*) Um deputado deve ser generoso. (*alto*) Sr. Antonio, perdoo-lhe o insulto que me fez, que não passou de ser uma falta de reflexão propria da sua idade. Estimo que seja muito feliz casando com a filha de meu compadre.

ANTONIO (*pegando-lhe na mão*) — Agradeço tanta generosidade, e peço-lhe mil desculpas.

BARNABÉ — E eu espero que o compadre por alcançar uma tão elevada posição social, nem por isso me perderá a amizade.

JULIÃO — De maneira nenhuma; cada vez serei mais seu amigo. (*para Antonio*) O senhor sabe quando se abrem-as cortes?

ANTONIO — No primeiro do mez que vem. Acredite, sr. Miguel Julião, que heide ir muitas vezes a S. Bento para ter o gosto de ouvir os seus discursos.

JULIÃO — E ouvirá fallar um homem que tem cabeça.

Couplets

De prazer n'este momento
Palpita-me o coração,
Vou entrar no parlamento
P'ra fortuna da nação!

Não serei dos deputados
Que fazem triste papel,
Bonecos desengonçados,
Que se movem por cordel.

Heide pedir a palavra,
Hei-de subir á tribuna,
Discursos de minha lavra
Farão da patria a fortuna.

A gritar heide estafar-me
Té salvar esta nação,
E ninguem hade chamar-me
Deputado maudrião.

Ar. publico

Senhores, n'este momento
Desculpai-me por favor,
Que heide fazer em S. Bento
Um papel de mais valor.

Ensemble

JULIÃO — Senhores, n'este momento
Desculpai-me por favor,
Que heide fazer em S. Bento
Um papel de mais valor.

Todos — Senhores, n'este momento
Desculpai-nos, por favor,
E a quem vae para S. Bento,
Fazer papel de valor.

Cae o panno

| | | | |
|--|-----|--|----------|
| As joias de familia c d em 3 actos..... | 300 | A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos. | 200 |
| MENDES LEAL ANTONIO | | A Roda da Fortuna, c. d. em 3 actos..... | 160 |
| Poesias, 1 vol..... | 500 | Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 actos..... | 200 |
| Abel e Cain, c. em 3 actos..... | 240 | O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos. | 200 |
| Uma Victima, d. original em 3 actos..... | 160 | O ultimo dia dos Jesuitas em Por- tugal, drama original historico portuguez, em 8 quadros 4 ac- tos e um epilogo..... | 200 |
| Dôr e Amor, c. d. em 3 actos..... | 200 | JULIO CESAR MACHADO, ALFREDO HOGAN | E |
| J. D'ABOIM | | A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos..... | 300 |
| A tarde entre a murta, comedia em 3 actos..... | 240 | Primeiro o deyer! c. d. em 3 actos..... | 160 |
| O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto..... | 80 | F. EVARISTO LEONI | |
| O Homem pœ. a Deus, d. em 16 em dois actos..... | 120 | Genio da Língua Portugueza... 1:800 | |
| As nodos de sangue, d. em 3 actos..... | 160 | J. C. DOS SANTOS | |
| Cada louco com sua mania, c. original em um acto..... | 100 | O Segredo d'uma Família, c. em 3 actos..... | 240 |
| I. M. FEIJÓO | | O Pae prodigo, comedia em 3 actos..... | 200 |
| Camões do Rocio, c. em 3 actos. | 300 | O Homem das Cautelas, c. em 2 actos..... | 200 |
| A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo..... | 400 | Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos..... | 180 |
| Carlos ou a Família de um Aze- rento, c. em 4 actos..... | 240 | Maria, ou o irmão e a Irmã, c. em 3 actos..... | 180 |
| Pedro Ceu, c. em 3 actos..... | 300 | Uma chavena de chá, c. em um acto..... | 120 |
| Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos..... | 300 | Convido o coronel!... c. em um acto..... | 100 |
| E. BIESTER | | A Herança do tio Russo, c. em 3 actos..... | 220 |
| Um Quadro da vida, d. em 5 actos..... | 180 | HENRIQUE VAN-DEITERS | |
| A Redempção, c. d. em 3 actos. | 260 | Poesias, 1 vol..... | 360 |
| Duas esposas da vida, c. em 2 actos..... | 240 | Os moedeiros falsos, c. d. origi- nal em 3 actos..... | 160 |
| Uma viagem pela litteratura con- temporanea..... | 200 | Dona cães e um osso, c. em 1 acto | 100 |
| As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto..... | 120 | Não enventes tu, a mulher qui- proquo em 1 acto..... | 120 |
| Um homem de Consciencia, c. em 2 actos..... | 160 | JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA | |
| ALFREDO HOGAN | | A Corça de Carlos Magno peca magica de grande espectaculo em 4 actos 1 prologo, e 21 qua- dros, formada sobre a lenda= Les quatre fils Aymon..... | 320 |
| As Brazileiras, c. d. em 3 actos. | 300 | A Costureira, c. em um acto.... | 100 |
| Ninguem julgue pelas appare- ncias, c. d. em 3 actos..... | 360 | Erros da Mocidade, c. em 3 actos. | 160 |
| Os Dissipadores, c. em 4 actos. | 400 | MANUEL ODORICO MENDES | |
| E melhor não experimentar, c. em 1 acto..... | 200 | Opusculo acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a refe- rida obra composta original- mente em portuguez..... | 200 |
| Memorias do Coração..... | 240 | I. DE VILHENA BARBOSA | |
| A Irmã de Caridade, c. em 2 actos..... | 160 | Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. (com es- tampas lytographadas)..... | 3:000 |
| Duas mulheres da epoca, roman- ce contemporaneo..... | 240 | JULIO CESAR MACHADO | |
| O Marido no Prêgo, c. em um acto..... | 100 | A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto..... | 140 |
| Já não ha tolos!... c. em um acto..... | 80 | | |
| Não desprese sem saber, c. em um acto..... | 120 | | |
| O Colono, c. d. em 3 actos..... | 160 | | |
| Segredos do Coração, c. d. em 3 actos..... | 200 | | |
| O Juizo do Mundo, c. d. em 3 actos..... | 240 | | |
| A Mascara Social, c. d. em 3 actos..... | 200 | | |

| | |
|--|-----|
| O Capitão Bitterlin, c. em um acto..... | 140 |
| ARISTIDES ABRANCHES | |
| Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros..... | 300 |
| A mãe dos escravos, d. em 4 actos..... | 200 |
| Como se descobrem... mazellas, c. em 1 acto..... | 120 |
| Trovoadas de maio, c. em 1 acto..... | 160 |
| Os dois pescadores, c. em 1 acto..... | 80 |
| J. R. CORDEIRO JUNIOR | |
| Amor e arte, drama em 3 actos..... | 220 |
| O Arrependimento salva, drama em um acto..... | 100 |
| Fernando, comedia-drama em 4 actos..... | 200 |
| J. I. DE ARAÚJO | |
| A princeza de Arrendella, tragedia burlesca em 3 actos..... | 160 |
| A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos..... | 200 |
| Um Bico em Verso, scena comica..... | 60 |
| O Principe Escarlata, tragedia burlesca em 2 actos em verso..... | 180 |
| Um homem que tem cabeça, c. em um acto..... | 100 |
| OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES | |
| Reflexões sobre a lingua portugueza..... | 720 |
| Cirurgia e medicina 1 vol..... | 360 |
| Gamões e o Jão, scena dramatica..... | 100 |
| Adições ao Manual do Tabelaço..... | 260 |
| Rudimentos de economia politica, para uso das escolas..... | 200 |

| | |
|--|-----|
| Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus..... | 80 |
| E' já ministro? aventuras de um Anastacio..... | 80 |
| O Mentor da mocidade..... | 120 |
| Ensaios poeticos..... | 60 |
| Um viagem à Inglaterra, Belgica e Franca..... | 120 |
| Anjo, Mulher, e Demonio, c. d. em 2 actos..... | 200 |
| Amor e Amizade, c. em um acto..... | 80 |
| O amor e o Dever, c. em 3 actos..... | 240 |
| O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos..... | 180 |
| Amor virgem n'uma peccadora, c. em um acto..... | 160 |
| A Cruz, drama em 3 actos..... | 320 |
| Os ou honra e gloria, comedia de costumes militares em 3 actos..... | 300 |
| Tudo no mundo é comedia, c. em 3 actos..... | 200 |
| A Confissão d'um Agiota, c. em 2 actos..... | 160 |
| 1610 ou a restauração de Portugal, fact'o historico em 4 actos 7 quadros e um prologo..... | 300 |
| Graziella, drama em um acto..... | 100 |
| Os dois irmãos drama em 4 actos..... | 200 |
| Guia do povo para escolher uma medicina, 1 vol 8.º fr..... | 400 |
| As Primaveras—Poesias por Casemiro Abreu, 2.ª ed. 1 vol... .. | 500 |
| Brios Militares, c. d. em 1 acto, por J. A. A. Machado..... | 100 |

NO PRELO



A Conquista das Amazonas, comedia-drama em 2 actos.
 O Maestro Favilla, drama em 3 actos.
 Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.
 Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo.
 Origem, e orthographia da Lingua Portugueza, por Duarte Nunes de Lião.
 As duas paixões, c. em 1 acto. em 1º acto.
 Nem o todo q'mato e oreções, c.

Typ.—Rua do Crucifixo—62

Desde o momento que a vi,
Encantou-me a formosura,
E o coração palpitando,
Dizendo ser a minha futura.

Oh! que lindo olhar aquelle,
Que trejeitos que fazia
Ao coração mais duro
Com certeza o seduzia.

Oh! que rosto tão formoso
Oh! que delicada mão,
Ao vel-a, acreditem,
Que me faltava a razão.

As maneiras preciosas
Que a todos encantava,
Ei neste entuquecê
Quando ás vezes lhe fallava.

Possui a sua imagem
A capricho, photographada
As cartas, que linda letra,
Nem que fôsse lithographada.

Pedia a todos os sanctos,
Entre nós não haver guerra,
Para mim, era um anjo
Que desceu do ceu à terra.

Pois é verdade; era um perfeito anjo... Que
sacrificios que eu fiz para lhe fallar, para lhe dar

uma carta, emfim levava dias parado á esquina da rua estasiado a olhar para ella, não contando as muitas horas que estava sem aparecer. Escreve-me um dia e diz-me que não podia ser visivel senão das 10 horas do dia em diante, pelos muitos afazeres que tinha no *toilet*. . . mas eu para me prevenir sendo nove, nove e um quarto, estava eu logo perfilado á esquina, á dita hora, apparecia-me aquella encantadora imagem, aquella a quem eu só daria o coração e a vida. . . . Quando coneguei fallar-lhe, outro sacrificio. . . . pois ella morava em um 3.º andar, e primeiro que nós percebessemos as palavras cortadas pelo vento, e pelo terrível som da chuva, que me cahia sobre o lombo muitas noites vinha sem perceber *patavina*. Eu ainda não disse a vv. ss. a vez primeira que tive o gosto de meus olhares, trocaram-se com os d'ella, e o meu coração palpitava com afan pelo amor. . . . pois lhe digo. . . foi no theatro da Trindade, representava-se — *Os fructos de ouro* — Ella estava no camaroto de primeira ordem n.º 15. . . e eu estava na superior n.º 13, e o espectáculo dava-se em terça feira 13. . . . Mas não me pode ainda esquecer a posição em que ella estava. . . . recostada no camarote, olhando para mim de soslaio. . . Oh! mas que belleza. . . . que attractivos que a bella possuia. . .

Recostada ao camarote
 Vez em quando olhava,
 E eu examinando a belleza
 Attenção ao espectáculo não dava.

Nessa noite, muito passei
 Eram obras do diacho,
 Julgava que representavam
 Já o panno estava em baixo.

Nos intervallos hia ao salão
 Para de perto a poder ver,
 Sempre passos baldados
 E o coração fiel a bater.

Quando começa o acto
 Sentia grande sensação,
 Ao lembrar-me que aliviava
 O meu terno coração.

A' sahida do espectáculo
 Seguia-a, o coração palpitava,
 D'esta forma foi que pude
 Saber aonde ella morava.

Pois no fim de tantos sacrificios, já vv. ss. poderão avaliar o que o meu coração padeceu.... sim padeceu.... porque já não padece.... dirão agora, porque?... não sabem, é natural porque eu ainda o não disse.... pois eu lhe conto tudo, tim tim por tim tim... Eu era caixeiro d'uma casa de negocio, e por justos motivos, sahi da dita casa e fui empregado para um escriptorio d'onde era freguez o pai da minha, que eu em outros tempos chamava futura... tanto fiz a diligencia que consegui do patrão, ir receber uma letra ao tal individuo.... Dirijo-me á casa, e por fatalidade ao abrir da portá, dou com aquella que eu

O publico é sempre indulgente
 Por isso lhe peço um grande favor;
 Que me obsequieis com vossas palmas
 Para mim e para o author.

FIM

COPIET FINAL

Si va isto de h'ra
 A todo o que por am
 Não se julga em l'ha
 Sem o m' haverem da

6.

O PRINCEPE ESCARLATE

TRAGEDIA BURLESCA EM DOIS ACTOS EM VERSO

ORIGINAL

DE

J. I. D'ARAÚJO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA

TRAVESSA DA VICTORIA, 73

1862

**OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM
NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 133.**

| | |
|---|--|
| Panorama , semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837 Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000 Encadernada 27:000 | |
| Illustração Luso-Brazileira , periodico universal, collabora- do por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600 Encadernados..... 13:600 | |
| Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro v ⇒ Um folheto com dez gravuras 200 M. M. B. DU BOCAGE. | |
| Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e littera- rio sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. 4:320 BARRETO FEIO. | |
| Eneida de Virgilio , traducção com o texto latino — 3 vol. 2:880 LIMA LEITÃO. | |
| Natureza das Coisas , poema de Tito Lucrecio Caro, traduzi- do do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º 800 | |
| Medicina Legal , por Sédillot, 2.ª edição augmentada de no- tas, 2 vol. 8.º francez..... 1:200 REBELLO DA SILVA. | |
| Fastos da Egreja , historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriar- chado, 2. vol. 8.º francez..... 960 | |
| A Mocidade de D. João v , comedia-drama em 5 actos..... 480 | |
| Othello ou o Moiro de Veneza , tragedia em 5 actos, imita- ção — 1 vol. 8.º francez. Preço..... 300 MENDES LEAL JUNIOR. | |
| Os Homens de Marmore , drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr... 480 | |
| O Homem de Oiro , drama em 3 actos, (continuação dos Ho- mens de Marmore) 1 vol. 8.º francez. 300 | |
| A Herança do Chancellor , comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 400 | |
| Pedro , drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 400 | |
| A Pobreza envergonhada , drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 480 | |
| Canticos , 1 vol. 8.º francez. Preço..... 720 | |
| Alva Estrella , drama em 5 actos. Preço. 300 F. SOARES FRANCO. | |
| Sermões , 2 vol. 8.º francez, contendo vinte e quatro Sermões 960 ANTONIO DE SERPA. | |
| Dalila , drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez. 400 | |
| Casamento e Despacho , comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 320 F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO. | |
| Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio. 6:750 LOPES DE MENDONÇA. | |
| Memorias de litteratura contemporanea , 1 vol. 8.º fr..... 720 | |
| Lições para maridos , comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400 L. A. PALMEIRIM. | |
| Poesias , 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço. . . 600 | |
| Dois casamentos de conveniencia , comedia em 3 actos, 1 vol. 360 | |
| Como se sobe ao poder , comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400 | |
| O Sapateiro d'escada , comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr..... 160 | |
| A Domadora de feras , comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr..... 160 A. CEZAR DE LACERDA. | |
| Um Risco , comedia em dois actos. 160 | |
| Scenas de familia , comedia em 2 actos, 1 vol. 8.º fr..... 320 | |
| A Duplice existencia , comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr..... 240 | |
| A Probidade , comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.º fr. 300 | |
| Os Filhos dos trabalhos , drama em 4 actos. Preço. 360 | |
| Uma Lição de Florete , comedia-drama em tres actos . . . 180 | |

O PRINCEPE ESCARLATE

TRAGEDIA BURLESCA EM DOIS ACTOS EM VERSO

ORIGINAL

DE

J. I. D'ARAÚJO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA

TRAVESSA DA VICTORIA, 73

1862

PERSONAGENS.

O PRINCEPE ESCARLATE.

MARIOLETE, seu confidente.

GORGULHO, magico.

FAVA-RICA, ministro.

ESCALA-FAVAES, general.

O DOUTOR DA MULA-RUÇA, medico.

JONIA, amante do princepe.

LOMBARDINA, fada.

UMA VÓZ.

DOIS FIDALGOS QUE FALLAM.

CÓRO DE FIDALGOS PATUSCOS.

A acção passa-se antes de haver pardaes.

ACTO I

(palacio do principe Escarlate. Seja adornado como quizerem; mas se for com grandeza será mais bonito.)

SCENA I

GORGULHO e FAVA-RICA conversam em voz baixa ao fundo da scena; em frente o côro.

CÔRO

O principe caro
Está a dormir;
Que nem uma mosca
Se escute zumbir

Talvez que elle agora
Feliz possa ser,
Em sonhos d'amores
Sentindo prazer.

O ser tão formoso,
E tão desejado
Lhe tem n'este mundo
Bem caro custado!

O' principe amado,
Do mau fado teu
Descança nos braços
Do brando Morpheu

SCENA II

OS MESMOS e MARIOLETE saindo do quarto do principe

MARIOLETE

Quando o principe dorme, meus senhores,
E' mau ter presumpção de bons cantores,
Os ouvidos dos mais atordoando:
Guardem essa cantiga para quando
Elle estiver desperto. Tenham caco,
E mettam a viola já no sacco.
Se lhe querem prestar serviço agora,
Saíam, e vão puxar aquella nora; (*apontando para fundo*)
Porque o principe a noite dorme inteira
Ao sem d'essa agradável chiadeira.

1.º FIDALGO

Vamos puxar a nora, meus lapuzes.

2.º FIDALGO

E ella terá muitos alcatruzes?

1.º FIDALGO

Tenha quantos tiver: para dar somno
Ao principe Escarlata, eu abandono
Os sóros de fidalgo... e até com gana
Uma sege puxára ou traquitana

2.º FIDALGO

Eu puxar uma nora!!

1.º FIDALGO

E' nobre empresa;

E onde todos carregam nada pesa

2.º FIDALGO

E' serviço de bois e de cavallos...

1.º FIDALGO

E' cumprir o dever de bons vassallos.

FAVA-RICA

Senhores vão puxar. O que é que os prende?
Pois se o boi a puxar a nora aprende,
Porque não puxará quem passa o dia

O PRINCEPE ESCARLATE

3

Dando provas de pouca serventia?...
Demais, é um serviço feito áquelle
Que dá pelo seu povo a propria pelle...
Que muitos miseraveis... muitos pulhas
Desejam ver (que horror!) cheia d'agulhas!

CÔRO

Amigos tão nobres,
Correr sem demora;
Percamos o brio,
Puxemos a nora.

Mostremos que somos
Gentinha que presta,
Fazendo o serviço,
Que faz uma bêsta.

Girem alcatruzes
A cima e abaixo,
Mostremos que todos
Valemos um macho.

Se o boi sempre, sempre
Nosso allivio foi,
Sejamos um dia
Allivio do boi

(sae o côro; Mariote entra no quarto.)

SCENA III

GORGULHO e FAVA-RICA.

FAVA-RICA

D. Gorgulho, vós sois o rei dos sabios;
E é sempre com respeito que abro o labios
Quando fallo de vós. Quem não é tolo

(Como eu me considero) tem consôlo
Ouvindo discorrer vosso bestunto
A respeito das favas com presunto

GORGULHO

Obrigado; mas digo, sem embofia,
Que posso de ser sabio ter bazofia.
Meu pae, que teve um fim bastante tragico,
Foi um sabio famoso, um grande magico,
Que me ensinou a ler com todo o apuro
Na sciencia escondida do futuro.
Que lições lhe escuteil... Nos cemiterios
Da campa aprendi letricos mysterios;
Aprendi lá tambem das negras aves
A decifrar agoiros. Coisas graves
A morna viração me bafejava
Quando da meia noite se escutava
Soar a derradeira badalada.
Que mysterios ouvi!... Não conto nada,
Porque se eu te cortasse alguma coisa
Do que aprendi de coc'ras sobre a loisa,
Pasmado das horriveis maravilhas,
Ficavas com a cara cõr d'ervilhas!...
Os cabellos, que tens, tão bellos hoje,
Ficavam cõr de burro quando foge!...
Haviam de se erguer no teu toutiço,
E tornar-se mais tezos que os d'ouriço!...
— Sou magico sem pâr: — não ha no mundo
Quem possua talento tão profundo.
Vês esta minha vara? (*mostrando-lhe a vara*)

FAVA-RICA

Olé, se vejo!

GONGULHO

Pois posso transformar-te em caranguejo
Com ella, se quizer.

FAVA-RICA

Oh! isso não,

Pois seria desgraça p'rá nação

Ver um ministro de tão alto preço
Tornar-se caranguejo no progresso!

GORGULHO

Não tens que receiar: eu só castigo
Quem das boas acções é inimigo.

FAVA-RICA

Obraes com muito acerto. (*mudando de tom*) A medicina
Eu sei que conheceis; e que a malina,
E todas as molestias verdadeiras
Sabeis prompto curar...

GORGULHO

Com dormideiras,

E' verdade. São loucos os doutores,
Que querem debellar agudas dores
Sem terem aprendido os d'importancia
Mysterios de profunda nigromancia.
Não são bichas, sangrias ou ventosas,
Ou podres beberragens, poderosas
Pãra curar molestias, que os humanos
Padecem de seus ossos nos tulanos.

FAVA-RICA

Tambem o creio assim; porém, comtudo,
Quando sinto algum mal muito graúdo
Chamo logo o doutor da mula — ruça...
— E' um que traz á banda a carapuça.

GORGULHO

Conheço-o muito bem, e (serio fallo)
Falta-lhe coices dar p'ra ser cavallo!

FAVA-RICA

Pois é esse que tem sempre tratado
O princepe Escarláte: tem-lhe dado
Mais de trinta sangrias no cachaço!...
Deitou-lhe dez mil bichas no espinhaço;
E p'ró livrar d'ataques no zimbório
Quatro almudes lhe deu de vomitorio!...
E (até de contal-o aqui me attérro!)
O princepe obrigou a comer ferro!!

GORGULHO (*horrorisado*)

Ah!!

FAVA-RICA

Vêde se não é ser um malvado
O estomago tornar d'um desgraçado
Em loja de rasteiro ferro-velho.

GORGULHO

Devias dar ao principe o conselho
De obrigar quem commette taes loucuras
A torcar os bolins por ferraduras.

FAVA-RICA

Vós podieis, senhor tratar as dores
Que o principe supporta Oh! que favores
Vos devera a nação, vendo curado
Quem não prova ha um mez alho guisado!

GORGULHO

Onde ninguem requer o meu conselho
Não costumo metter o meu bedelho.
Morra o principe embora, morra tudo,
Mas não ganhe eu a fama d'abelhudo.
Imaginas que a morte d'um vivente
E' digna chorar-se!?!... Ha muita gente,
E o mundo para andar desaffrontado,
Preciza ser um tanto dezimado.

FAVA-RICA (*espantado*)

Vós não temeis a morte, meu Gorgulho?!...
Pois no meu caco faz grande barulho
Essa feia lembrança!... Quando penso
Que heide esticar canella, tomo o lenço,
E desato a chorar, a dar soluços
Até, por fim, no chão cair de bruços!

GORGULHO

O homem, que possui alma robusta,
Não recúa, não treme, não se assusta,
Nem um gemido só do peito arranca
Quando da morte vê feia carranca.
E's um maricas de figura gorda,

E tens um coração feito d'assorda.

FAVA-RICA

Talvez... porém mereço ter desculpa,
Pois de ser fracalhão não tenho culpa:

Valentia não póde ter nenhuma

Quem nasceu em colchões de sumaúma! (*olhando para dentro*)

O principepe acordou, aqui não tarda,
E mais o picador da burra parda.

GORGULHO

Vamos nós para a adega, ao pé das pipas,
Lavar com vinho puro impuras tripas?

FAVA-RICA

Vamos; e provareis de certa pinga,
Que ao principepe mandou Lambão Seringa.

GORGULHO

E' do tinto?

FAVA-RICA

E' do tinto, e formidavel;

Ides ficar borracho.

GORGULHO

E' mui provavel. (*saem*)

SCENA IV

O PRINCEPE E MARIOLETE.

MARIOLETE

Dormistes bem, senhor?

PRINCEPE

Qual carapuça!.

Se o fado contra mim punhaes aguça!...

MARIOLETE

Pois não tinheis tomado dormideiras?!...

PRINCEPE

Tomei... mas dormi mal: horas inteiras

Passei sônhando os mais horriveis sonhos!...

Giraram-me na mente bem medonhos,
 E terriveis phantasmas!... You contar-te
 O sonho mais cruel... vou assustar-te...
 E, embora massador aqui me chames,
 Vou pôr os teus cabellos como arames!

MARIOLETE

Podeis desembuchar: sempre estou prompto
 Para ouvir a qualquer contar um conto.

PRINCEPE (*depois de breve pausa*)

Escaldada sentindo a cachimonia,
 Vi, bella como nunca, a terna Jonia!...
 Meus braços lhe estendi... ellã, sorrindo,
 E tres vezes depois, bella, tossindo,
 Seus braços me off'receu!... Ai! que ternura!
 Que palavras de magica doçura
 De seus labios ouvi!... Fiquei pachola,
 Sentindo o deus Amor soprar-me a bola!...
 Fiquei parvo d'amor!... por mil maneiras
 Quiz ternuras dizer... e disse asneiras!...
 Oh, que asneiras que eu disse! .. a minha bella
 Ouviu-as com prazer; e em voz singella
 Começou a cantar modinhas chulas,
 Dizendo: «qu'rido amor, se acaso pulas,
 Dança, dança um bocado!...» e eu dancei,
 E depois, suspirando, assim cantei

CANTO

E's um portento,
 Formosa Jonia!
 A cachimonia
 Fazes-me arder!
 Esse teu riso
 Tão engraçado
 Apalermado
 Me vem fazer!

Bella, acredita
N'este meu peito,
Que não tem geito
Para enganar!
Fingir extremos
Não sei; donzella,
Alma singella
Te posso dar!

Eu juro, eu juro
Sem embaraços
Seguir teus passos
Como um ottó;
Pois minha Jonia,
Rosinha linda,
Vales mais inda
Que um pão de ló!

Apenas findo a minha cantarola
Sinto surdo rumor, qual se uma bola
Rolasse por estrados de cortiça;
E vejo sobre montes de caliça
A fada Lombardina! — A minha Jonia
Um vidro cheira d'agua de colonia
Para não desmaiar; e em desalinho
Ligeira mette pernas a caminho.
A fada a mim se chega, e assim me falla:
«Por ti meu fero peito hoje se abala!..
«Pretendo o teu amor!.. has-de ser meu!»
— Nunca, mil vezes nunca! lhe digo eu.
«Pois sabe.» tornou ella com voz forte,
«Que áquella, que amas tanto, vou dar morte
«Se tu me despresares! Sou cruenta,
«E vou dar-lhe a cheirar alho e pimenta,
«Fazendo que ella expire entre agonias
«Suspirando por frescas melancias!
«Considera: — se tu comigo mangas

«Eu descarrego n'ella as minhas zangas!» (pausa)

Disse... e foi-se a trincar *especione*

Ao som d'uns surdos echos de trombone...

Acórdo, recordando a visão feia,

E de contal-a o peito inda me anceia!

MARIOLETE

Horrorisado estou! muito lamento

Os males que soffreis!.. Sempre birrento

O fado vos tem sido, meu senhor,

Sendo vós um bom princepe, que amor

Sabeis mostrar a quem sempre lhe aprouve

Entreter-se a roer talos de couve!

PRINCEPE

E' verdade!.. do fado a birrasinha

Tem-me, como tu vês, posto na espinha!..

D'antes eu era gordo... era uma pipa...

Agora magro estou como uma ripa!

MARIOLETE (*lastimando-o*)

E magro como um cão!

PRINCEPE (*reprehendendo-o*)

Tal não se diz!

MARIOLETE

N'esta comparação fui infeliz,

Porém peço desculpa de ser bruto.

PRINCEPE

Desculpo-te por seres um matuto,

Pois se tal me dissesse homem de siso

Ao pescoço mandava pôr-lhe um guizo

SCENA V

OS MESMOS e O DOUTOR DA MULA-RUÇA.

DOUTOR

Como passa, meu princepe? — Dormiu?

PRINCEPE

Não dormi quasi nada.

DOUTOR

Oh!!! — E tossiu?

PRINCEPE

Muito: esta minha tosse endiabrada
Zomba de rebuçados e gemada!..
E, é coisa d'espantar! só me apoquentá
Quando como arroz doce com pimenta!

DOUTOR

Consinta que lhe apalpè o nobre pulso,

PRINCEPE (*da-lhe o pulso*)

Não achas o bater muito convulso?

DOUTOR

Hum... 'stá longe de ser pulso de lebre...

Trezentas pulsações... é pouca febre.

Deixa me ver o seu nobre linguado? (*o princepe mostra-lhe a lingua*)

Está assim um tanto esbranquiçado,

Mas não quer dizer nada. — Doe-lhe o baço?

PRINCEPE

Parece-me que sim .. e embaraço

Sinto na região estomacal.

DOUTOR

Resona quando dorme?

PRINCEPE

Menos mal.

DOUTOR

Ao jantar come bem?

PRINCEPE

Soffrivelmente.

DOUTOR (*depois de breve pausa*)

Já conheço a molestia, e brevemente

A cura lhe vou dar,

PRINCEPE

Quemal padeço,

Meu famoso doutor d'engeaho gueço?

DOUTOR

Depois d'indagações que fiz exactas

Vejo que o seu mal todo são batatas,
E passo a receitar. (*para Mariolete*) O' sò Javardo,
Traga penna, linteiro e papel pardo

MARIOLETE (*áparte*)

Este heróe da sciencia, que não falha,
De boa creação não tem migalha. (*sae e volta com o pedido*)

DOCTOR (*senta-se e escreve*)

Recipe. Unguento d'alho e favas
Com oleo de cebolla — seis oitavas.
Xarope de miolos d'ostra ensonça
Com figados d'atum macho = uma onça.
Pós extrahidos d'encarnada areia
Para dar côr ao rosto — arroba e meia.
Cozimento de pecegos morenos —
Quatro canadas, pouco mais ou menos.
P'ra dar fomentações no espinnaco
Um formidavel páu com ferrão d' aço. (*dando a receita
a Mariolete*)

Leve já a receita receita p'rá botica

MARIOLETE (*áparte saindo*)

O princepe de certo agora eslica.

SCENA VI

O PRINCEPE C O DOUTOR.

PRINCEPE

Se curares as dores que padeço
Heide mandar tirar em fino gesso
O teu retrato, e pol-o no jardim.

DOUTOR

E' honra... é honra immensa para mim,
Que, por pobre, vendi os meus tarecos,
Ir figurar ao lado dos bonecos,
Que lá tendes tão bellos. Vou curar-vos,
E dentro d'este mez — posso jurar-vos.
Senhor, a medicina soberana

Quando diz: — vou curar — nunca se engana;
E eu tive por meu mestre o doutor Penca,
Que inventou a tizana e chá d'avenca.

PRINCEPE

Vae p'rá cozinha, come uma isca assada,
E depois joga a bisca co'a criada.

DOUTOR

Obrigado, senhor. (*sae*).

SCENA VII

PRINCEPE (*só*)

E Jonia bella

Que vae tardando tanto!.. Talvez ella
'Steja em casa ensaiando alguma aria
Para me divertir!... Uma canaria
Repenicando os seus ternos amores...
Um melro assobiando entre mil flores...
Um coxixo cantando na gaiola,
Não valem essa voz, que me consola
Quando, soltando primorosas notas,
Me faz esquecer tudo!... até as botas! (*pausa*)
Que pechincha eu terei, sendo casado
Co'uma bella tão bella! Heide a seu lado
Entre encantos viver... tocando pratos,
E, contente, miando como os gatos! (*em tom bazofio*)
Que eu mio muito bem, tenho essa prenda
Que m'a ensinou meu pae, que leve tenda,
Sim, foi um bom tendeiro; e eu não devo
De tal envergonhar-me... até me atrevo
A dizer que meu pae, patusço manso,
Muitas vezes vendeu paio com ranço.

SCENA VIII

O PRINCEPE E JONIA.

JONIA

Princepe!.. meu amor!

O PRINCEPE ESCARLATE

PRINCEPE

Oh! meu bemsinho!

JONIA

Como vaes de saude, patusquinho?

PRINCEPE

Não vou lá muito bem... mas na presença

Tua sei esquecer qualquer doença.

E tu, Jonia engraçada, como passas?

JONIA

Entretida a fazer umas carraças.

PRINCEPE

Sim?! — Como está teu cão o teu burrinho?

JONIA (*limpando os olhos com o lenço*)

Esse lá 'stá de cama, coitadinho,

Pois tomou uma forte indigestão

De cascas de pepino e de melão!

PRINCEPE (*enternecido*)

Que pena!... ver um bruto a soffrer dores,

Que no rol pode entrar dos bons cantores! ..

Oh! que voz, que elle tem! (*mudando de tom*) Serei simplorio

Se julgar que em algum conservatorio

Elle aprendeu a musica, que sabe?

JONIA

Não: — e por muito que qualquer o gabe

Nunca dirá de mais: — aquelle bruto,

Se antes de mim morrer, eu deito lucto,

Podes acreditar. O meu jumento

Abriga muito nobre sentimento

Debaixo da já velha e dura albarda,

Que não sei se foi verde, ou se foi parda!...

Com tal graça as orelhas arrebita,

Que ainda não vi coisa mais bonita!

Quando se pilha á solta. dá pinote

Nem que eu o castigasse c'um chicote...

E' mesmo uma lindeza!

PRINCEPE

Mas deixemos

A int'ressante conversa; conversemos
 A respeito d'amores, minha Jônia;
 Fallemos sem a mais leve cer'monia.
 Eu morro quando vejo esses teus olhos,
 Que egualam no tamanho dois repolhos!..
 Teus cabellos ondeados e lustrosos,
 Tua bocca engraçada, os teus formosos
 Pequenos dentes d'alho... essa cintura
 Elegante e gentil .. essa figura...
 Tudo... tudo me faz ser um papalvo
 E trocar pão de rala por pão alvo! (*mudando de tom*)
 Oh, que asneira que eu disse tão comprida!..
 Desculpa-me, pois é coisa sabida:
 Sempre arranja d'asneiras obra prima
 Quem obriga um discurso a tanta rima.

JÔNIA

Podes dizer asneiras, que por isso
 Não deixo de te qu'rer p'ra meu derricho.
 Jurei ser tua, princepe perfeito,
 Por saber que tu cantas com preceito,
 E tocas realejo!

PRINCEPE

Minha bella,
 Afina, por quem és, essa guela,
 E cantemos, com todos os primores,
 Uma coisa qualquer que cheire a amores.

JÔNIA

Pois vamos lá cantar, meu bem—valeu:
 Dá-me toda a attenção.

PRINCEPE

Primeiro eu

CANTO

Jônia bella, terna Jônia
 Por quem dou tanto suspiro,
 Por quem canto o lirôlro
 Com suave afinação!
 Se tu, Jônia, Jônia linda,

O. PRINCEPE ESCARLATE

Desprezasses meus affectos
 Eu pegava em dois espelos
 Cravava-os no coração!

JONIA

Por ti choro, por ti canto,
 Seja noite, ou seja dia...
 Só na tua companhia
 Posso alegre respirar!...
 Vales mais que a California
 Com todos os seus thesoiros,
 Porque não és dos caloiros,
 Que não sabem namorar!

PRINCEPE

Que dias nós passaremos
 Sentados na verde relva,
 Escutando lá na selva
 A trinar o rouxinol!...
 Que conversas nós teremos
 Sobre os arranjos caseiros,
 Ao despontar dos primeiros
 Formosos raios do sol!

JONIA

Quando a força dos calores
 Já fizer seccar o milho,
 Jogaremos o chinquillo
 A' sombra d'um parreiral!
 E depois emborcaremos
 Tres ou quatro quartilinhos,
 Com gostosos pedacinhos
 De queijo do rabaçal!

ENSEMBLE

Quando nós formos casados
 Viveremos de carinhos,
 Não haverá patusquinhos
 Co'uma sorte mais feliz!...
 Em signal d'amor constante,

Que d'alma não se evapora,
Heide dar-te a toda a hora
Piparotes no nariz!

PRINCEPE

Como tu cantas bem, Jonia formosa!
Imaginar não podes quanto goza
Este meu coração, sincero e franco,
Ouvindo a tua voz, que ao manjar branco
Vence com a doçura!... Minha amada,
Tambem sabes cantar á desgarrada?

JONIA

Tambem — ninguem me vence n'esse ponto.

PRINCEPE

Oh! que ventura a minha!... Já me aprompto
Para te ouvir cantar essas modinhas,
Que cantam as cachopas de roupinhas
E saloios amantes e maráus,
Que, encostados a grossos varapaus,
Emprovisam em verso redondilho
Sem lerem o tractado do Castilho!

JONIA

Não posso cantar mais que tenho tosse...
'Stou tomando pastilhas d'herva doce...

PRINCEPE

Oh! então cura o mal do gorgomilo,
E depois cantarás em terno estylo.

SCENA IX

OS MESMOS, ESCALA-FAVAES e O CÔRO.

ESCALA-FAVAES

Senhor, como sabeis, sou um vassallo,
Que servi vosso pae: — o meu regalo
Foi dar-lhe, sempre em magna quantidade,
Provas d'acrysolada lealdade...
E para affiançar este meu dito

Aqui 'stá quem o sabe. (*apontando para o côro que abaixa a cabeça em signal de assentimento*)

PRINCEPE

Eu acredito.

ESCALA-FAVAES

Prometto de igualmente a vosso lado
 Preencher o dever de bom soldado
 Combatendo, se tanto for preciso,
 Contra quem nos olhar com ar de riso.
 Se este imperio tamanho nada em glorias,
 Devo-o ás, que eu ganhei, cem mil victorias
 Na guerra dos terriveis Malaquécós,
 Heróes mais aguerridos que bonecos!... (*para o côro*)
 Se eu offendo a verdade no que digo
 Podem dar-me dois coices por castigo

1.º FIDALGO

Não tem de mentiroso a vil molestia;
 Emparelha a verdade co'a modestia (*o côro abaixa a cabeça*)

ESCALA-FAVAES (*para o côro*)

Muito obrigado a vossas senhorias. (*para o principe*)
 Senhor a minha avó e minhas tias,
 Que faziam calcões de bombazina,
 Dizem todas que sou grande sovina
 Por eu lhes não comprar uma carroça
 Com almofadas tres d'estopa grossa.
 Querem as pobres velhas, coitaditas,
 Ir á noite fazer certas visitas;
 (Não lhes levo isso a mal) mas, ai! não posso,
 Por andar muito falto de carôço,
 Comprar a tal carroça!... Porém vós,
 Que desejaes descanso a todos nós,
 Podieis ao meu sôldo dar augmento.

PRINCEPE

Espera, meu heroe, já te contento. (*para um fidalgo*)
 Vae lá dentro chamar o Fava-rica. (*o fidalgo sae*)
 De quanto te é mister?

ESCALA-FAVAES (*encolhendo os hombros*)

Creio que fica

Remediada a minha atroz penuria
Com trinta patações.

PRINCEPE

Tanta lamuria

Não se paga com tão pouco dinheiro.

1.º FIDALGO (*dirigindo-se ao princepe*)

Senhor, eu era um grande vinhateiro;
Porém, como é sabido, a pobre cepa
Não se póde ver livre da carepa,
E este meu coração nunca socega
Por ter dado em pantana a minha adegal...
As uvas d'este anno, por milagre,
Deram-me meia pipa... de vinagre! (*chora*)

PRINCEPE

Mas então como é isso?! Não ha uvas.
E no-Taboas, Penim, Mangini e Chuvas
Se arranjam tantos bicos?! Na taverna,
Onde teu avô torto só governa
Tens bom vinho a vender.

1.º FIDALGO

Sou verdadeiro:

Foi com baga de loiro, e sabugueiro
Que fiz certa mistura... não fallando
No tal páu de campeche... que custando
Está presentemente um dinheirão!

PRINCEPE

Saiste-me um famoso maganão!
E em paga de taes habilidades
Um prato te derei de feijões frades. (*virando-se para o côro*)
E vossês, como puxam bem á nóra,
Haji-de dar-lhes, guizada, uma albacóra. (*o côro agradece abaixando a cabeça*)

JONIA (*com meiguice*)

Faze bem a teu povo, meu maroto,
Que não deitas dinheiro em cesto roto.

SCENA X

OS MESMOS, FAVA-RICA, e O FIDALGO.

FAVA-RICA (*curcando-se*)

O filho de Gustavo e de Iphigenia
Para se endireitar vos pede venia.

PRINCEPE

Pódes 'star a teu gôsto.

FAVA-RICA

Eu agradeço,

Que da espinha dorsal muito padeço.
Mandastes-me chamar; aqui me vedes:
Larguei, como se diz, barcos e redes
P'ra cumprir vossas ordens. Sou velho,
Mas inda sei mui bem correr a trote
Se a patria o determina.

PRINCEPE (*apontando para Esca'a-favaes*)

Este guerreiro

Padece grandes faltas de dinheiro:
Com dinheiro o carrega até que dobre...
Mas nem oiro nem prata — tudo cobre,

FAVA-RICA

O thesouro, senhor, 'stá muito em baixo...
Fiz o anno passado um cambalacho
Rendoso p'rá nação .. e, por emquanto,
Ha, apenas, guardada em certo canto,
Pequenina porção d'oiro sem falha
Para dar a quem dorme, e não trabalha.

PRINCEPE

Nem sempre os mandriões enchem a pança:
O homem, que trabalha e que se cansa,
Arriscando-se a ter dores de bofe,
Um dia deve ter de regabofe.
Faça-se o que ordenei.

FAVA-RICA (*curcando-se*)

Mui diligente

Cumprirei vossas ordens.

JONIA (*para o principe*)

Serriamente,

Tu és um bom rapaz!... assim ha poucos!...

Vales por tres bananas e dois côcos!

PRINCEPE (*apresentando Jonia*)

Meus senhores fidalgos, esta bella,
 Por quem morro d'amores, é aquella
 Com quem me vou casar. Esta lindeza
 Dentro em breve será nobre princeza.
 Traz por dote (eu aqui vos não embaço)
 Um par de sapatinhos com seu laço,
 Um bule e assucareiro, um berimbau,
 Uma colher de prata, outra de pau,
 Um relógio de chumbo, um par de meias,
 De folha meia duzia de candeias;
 Traz com quatro remendos dois lençóes,
 E um ferro de frizar os caracóes.
 Já vêdes que esta joia de belleza
 Não obriga a fazer grande despeza
 A nação, que está pobre. Meus senhores,
 Haveis de respeitá-la, pois as dores
 Ella jura sentir d'um povo afflicto,
 Que espera por cebolas lá do Egypto. *pequena pausa*)
 Porém se algum de vós tiver a audacia
 De não respeitar Jonia Bonifacia,
 Eu, sentindo as entranhas abrasadas,
 Heide mandar-lhe dar palmatoadas!...
 E, se este meu castigo inda for fraco,
 Mandal-o-hei vestir logo de macaco!

FAVA-RICA (*para o côro*)

Senhores, curvae todos o joelho

Em signal de respeito.

(Curvam todos o joelho e abaixam a cabeça)



ESCALA-FAVAES

Eu aconselho

Que é muito mais cortez tirar as botas,
E dar saltos mortaes e cambalhotas.

FAVA-RICA (*á parte a Escala-favaes, reprehendo-o*)
Ao lado das pessoas elevadas
Não falle em indecentes palhaçadas

ESCALA-FAVAES (*á parte*)

Este ministro das idéas rombas
Merece um bom sopapo pelas trombas!

JONIA (*dirigindo-se a todos*)

Juro ser a princeza mais bondosa;
E prometto jamais fallar em prosa
A meus caros vassallos. A poesia
E' todo o meu receio!... (esta mania
Já a tinha tambem a minha avó,
Que usou duzentos annos um chinó.)
Farei com que o men povo se entretenha
Ao domingo nas hortas; e que tenha
Todo elle habilitade e bom geitinho
P'ra tocar o fandango em cavaquinho.
Deliro pela musica!... e desejo
Para me acompanhar ter um cortejo,
Que toque bem marimbas. Se os vassallos
Soffrerem da tristeza alguns abalos
Hei-de logo chamal-os a palacio,
E recitar-lhes mil versos d'Horacio.

PRINCEPE

Jonia, por quem amor em mim se alica,
Tu mereces um throno de cortiça!

CANTO

O oiro, que tem a terra
Escondido nas entranhas;
Do tamanho de castanhas
Diamantes de primor;

Tudo, tudo quanto encerra
 O mundo redondo e ôco,
 Ail é pouco, muito pouco
 Para te off'recer, amor!

JONIA

O amor que me consagras,
 Meu engraçado derricko,
 Vale mais que tudo isso,
 E' thesouro sem egual!...
 Quem possui os teus agrados
 D'outras ditas não carece;
 Até do mundo se esquece,
 Acredita — é tal e qual!

FAVA-RICA e ESCALA-FAVAES
 De prazer n'este meu peito
 Assomam fúlgidos raios,
 Que esta nação de pangaios
 Feliz de certo vae ser!...
 Vereis sempre, terna Jonia,
 De formoso rosto fresco,
 Heroes de cunho burlesco
 Por vós promptos a morrer!

CÓRO

Jonia, mais bella
 Que os lindos cravos,
 Os teus escravos
 Tu aqui vês!
 A um só teu gesto,
 Formosa môça,
 Toda esta tróça
 Cae a teus pés!

Se nos mandares
 Andar de galas,
 Mais estas patas (*mostrando as mãos*)
 Pomos no chão;

E verás sabios,
Nobres fidalgos
Fingindo galgos,
Pois magros são!

SCENA XI

OS MESMOS e LOMBARDINA, que traz uma varinha condão.

LOMBARDINA (*para o principepe*)
Jonia, não será tua!.. (*offerecendo-lhe a mão*) Aceita, aceita
Esta mão, que te off'reço, tão perfeita!

PRINCEPE .

Nunca!

LOMBARDINA
Pensa primeiro!... teme o p'riço!

PRINCEPE

Nunca!

LOMBARDINA
Treme de mim!

PRINCEPE
Não me desdigo.

LOMBARDINA
Crês que póde uma fada com venetas
Transformar-te n'um cão de malhas pretas?

PRINCEPE
Não 'stou p'ra te aturar. Se a uma fada
Eu consagrasse amor, linha pancada.

LOMBARDINA (*depois de breve pausa, com rancor
concentrado*)

Pois bem... a tua Jonia é quem o paga!
(*dá algumas voltas com a vara no ar; depois profere es-
tas palavras magicas.*)

Do magico Rodolfo a horrenda praga
Me valha n'este instante!... A bruxa mestra
Me ensine os esconjuros e a palestra,
Que tiveram medonhas feiticeiras

No antro das escuras pedreneiras!...
 O corvo grasnador desprenda as azas,
 E ardam treze morcegos sobre brazas!...
 Piem mochos antigos sobre as campas,
 Abalar lhes fazendo as frias lampas! (*toca em Jonia com a vara*)

JONIA

Por amar tão constante e verdadeira
 Morro sem dar um ai!... E' boa asneira! (*cae*)
 LOMBARDINA (*para o príncipe*)

Conheces quanto posso?!

PRINCEPE (*horrorisado*)

Eu te detesto!

ESCALA-FAVAES (*á parte*)

Quero mostrar aqui p'ra quanto presto.
 (*alto, desembainhando a espada, e avançando para Lombardina*)

Fada! bruxa! demonio, ou tudo junto,
 Não mais comes fatias de presunto!

(*Lombardina toca-o com a vara; elle fica como estatua*)

FAVA-RICA (*indo esconder-se atraz de Escala-favaes*)
 Escondo-me p'ra que ella me não bispe,
 Pois se morro não torno a comer chispe.

1.º FIDALGO *para o côro*

Quem é que agora embarga os nossos passos?!.
 A' unha! Seja feita em mil pedaços!

(*O côro avança para Lombardina, que descreve com a vara um circulo á roda de si: todos caem, ficando sentados com as pernas encruzadas.*)

CÔRO

Contra o poder d'esses
 Feitiços sob'ranos
 Os fracos humanos
 Não devem tentar!...

O PRINCEPE ESCARLATE

Choremos a sorte,
 Ai! tão desditosa,
 De Jonia formosa,
 Donzella sem par!

O' fada terrível,
 Suspende essas iras,
 E vê se nos tiras
 D'esta posição!...
 O fato, que temos
 A' custa do povo,
 Não deve, que é novo,
 Sujar-se no chão!

Tu és uma fada
 D'engenho profundo,
 E cremos que o mundo
 Não tem outra assim!...
 Deves dar desculpa
 A quem só resinga,
 Provando da pinga
 Que tem o Penim!

LOMBARDINA

Levantem-se, fidalgos macambuzios,
 E vão já apanhar conchas e buzios. (*levantam-se todos*)
 Contra fadas não queiram ter desordens...
 E passem muito bem. (*despedindo-se*)

O côro (*abaixando a cabeça*)
 A's suas ordens.

cae o panno.

ACTO II

(A mesma scena.)

SCENA I

ESCALA-FAVAES e MARIOLETE entrando.

ESCALA-FAVAES

Ora diga-me cá, falle-me serio:
Não levaram ainda ao cemiterio
Jonia, que ha quatro dias é defunta?

MARIOLETE

Parece de pateta essa pergunta!!
Se de Jonia o enterro se fizesse
Tinham tocado os sinos!... Já se esquece
De quando o rei morreu!? Não se recorda
De ficar muito sino sem a corda
Por muito badalar de noite e dia?!
O barulho foi tal que a minha tia,
A quem a quer ouvir, séria, confessa
Ver defuntos com dores de cabeça!

ESCALA-FAVAES

Com que então não está inda enterrada.

MARIOLETE

Dizem-me que vae ser embalsamada:
O princepe quer tel-a no seu quarto
Em redoma de vidro... Não 'slá farto
De adorar essa morta formosura!

ESCALA-FAVAES

Então, não tem que ver, isso é loucura.

MARIOLETE

Afirmam que elle em si tem encaixada

Porção de parvalheira refinada ..
 E, se um mal tão graúdo não se atalha,
 A cabeça lhe rapam á navalha!

ESCALA-FAVAES

Desgraçado rapaz... que dava esp'ranças
 De saber desmamar tão bem creanças!..
 D'onde provém seu mal? Que brincadeira
 Lhe encaixou na cabeça a maluqueira?

MARIOLETE (*á parte*)

Tambem tu não 'stás bom da cachimonia! (*alto*)
 Não se lembra que á terna e linda Jônia
 (Que nunca tinha tido uma doença)
 A fada deu a morte na presença
 Do princepe?! Depois elle entrou logo
 A não sentir no peito desafogo,
 A correr para o sul e para o norte,
 Fazendo posições, chamando a morte
 Em terriveis cantares!.. Depois d'isto
 Muitas vezes, coitado! o tenho visto
 Abraçar o cadaver da pequena...
 Rir sem sentir prazer... chorar sem pena!
 E, no maior accessõ da loucura,
 Ajoelha ao pé da triste formosura,
 E, tomando-lhe a mão, fria, gelada,
 Improvisa chorosa versalhada!..
 Eu sinto esta desgraça!... e hei-de choral-a
 Quando tiver vagar!

ESCALA-FAVAES

Tambem me abala

Saber que um bom rapaz, tão progressista,
 Dos malucos entrou na extensa lista!

MARIOLETE

Mas quando morreu Jônia, e assim demente
 O princepe ficou — 'stava presente:
 Pois então não deu fé do succedido?!

ESCALA-FAVAES

Ou tambem de cabeça estou perdido,

Ou então; certamente, o meu amigo
Diverte-se em mangar hoje comigo

MARIOLETE (*formalizando-se*)

Sou um homem de bem: — ãnda que queira
Não sei fazer tamanha maganeira.

ESCALA-FAVAES

Não vale encavacar.

MARIOLETE

Oiça, eu lhe conto

Como a coisa passou, não seja tonto:
— Quando a fada deu morte a Jonia cara,
O senhor, que é homem d'audacia rara,
Quiz castigar o crime e — zás — sacando
A espada da bairra, ía avançando
P'ra ella com tenção, segundo penso,
Del he fazer no peito um golpe immenso;
Mas a fada, que é fina como cobra,
Com a varinha fez certa manobra,
E o senhor, mostrando audacia fatua,
Ficou immovel qual marmórea estatua

ESCALA-FAVAES

Quero crer que embaçar-me não procura;
Mas não me lembro d'essa diabrura.
Oh! deixe estar que a fada Lombardina
Castigada ha-de ser!

MARIOLETE (*admirado*)

Essa é mais fina!

Pois julga que a humana valentia
Possa vencer a negra bruxaria?!
Não sabe que uma fada, ou feiticeira
Ceia com o demonio a sexta feira;
E que, do inferno na caldeira negra
Mexendo com a vara, aprende a regra
Da horrivel, tenebrosa nigromancia?!
Não sabe que uma fada d'importancia,
Quando levanta a vara, fazer póde
Mudar um boi em cão, um cão em bode,

Um camello em macaco?... e até em urso
Um homem que alcançou premio em concurso?!

ESCALA-FAVAES

Sei tudo muito bem; porém conheço
Um magico patusco, que do avesso
E' capaz de virar, sem custo, as bruxas,
Inda as mais atrevidas e machuchas.
Com elle irei fallar, e dizes lhe isto:
Grande magicatão, que já tens visto
Curvadas a teus pés bruxas potentes
Com cabellos em forma de serpentes;
D. Escala-favaes foi insultado,
Foi em triste boneco transformado
Por Lombardina fera; e pede agora
Que a esta sua espada, sem demora,
Dês magico condão... condão capaz
De mudar uma osga n'um gorazi!
De mudar uma fada sem vergonha
Em toupeira com pernas de cegonha!

MARIOLETE

O magico, em que falla, resolvido
Estará a annuir ao seu pedido?

ESCALA-FAVAES

E' um grande patusto.

MARIOLETE

Escorropicha?

ESCALA-FAVAES

Já patusquei com elle na Rabicha.

MARIOLETE

Então é cá dos nossos.

ESCALA-FAVAES

Certamente:

Emborca dez quartilhos sobre o dente;
E, quando está já meio *embriolado*,
Põe-se sobre uma pipa empoleirado,
E, carregando o negra sobranceilha,
Diz coisas de tremer!... do arco da velha!

MARIOLETE

Se elle pandigo é dos verdadeiros
 Ha-de dar protecção aos seus parceiros.
 Quem me déra beber junto com elle,
 Pois ha-de conhecer mui bem aquelle
 Vinho, que encerra em si, p'ra não ser fraco,
 Páu de campeche e sangue de macaco.

ESCALA-FAVAES

Conhece muito bem tudo isso á legua;
 E uma vez. 'stando em cima d'uma egua,
 Por causa do *briol* já meio torto,
 De zurrapa fez bom vinho do Porto!

MARIOLETE

Oh! magico, tão sabio e portentoso,
 Se eu fosse teu amigo era ditoso!

CANTO

Oh! grande magico,
 Que ao vinho pessimo
 Dás grande accessimo
 No seu valor!
 Amo-te acerrimo
 Meu sorumbatico,
 Por seres pratico,
 Bom bebedor!

ESCALA-FAVAES

A' fada rabida,
 Graças ao magico,
 Um fim bem tragico:
 Eu hei-de dar!
 Matou a perfida
 A Jonia Angelica,
 Com furia belica
 Heide-a matar!

ENSEMBLE

E viva o magico
 De cara impavida
 Que á fada rabida
 Castigará!
 Ah! morra a perfida
 Mirrada, esqualida,
 De cara pallida,
 Já que é tão má!

SCENA II

OS MESMOS E O DOUTOR DA MULA-RUÇA.

MARIOLETE

Diga-me, bom doutor, essa loucura
 Do principe Escarlata terá cura?

DOUTOR

Tem — que as minhas receitas milagrosas
 Curam até molestias mais teimosas.
 Já curei uma vez (ha muitos annos)
 O famoso inventor dos bons abanos
 D'uma tísica forte e verdadeira,
 Que padecia ha muito na algibeira.
 Curei tambem de sobras de juizo
 Um grande tocador de bombo e guizo,
 Què depois (por 'star pobre, desconfio)
 Vendeu vélas de cebo sem pavio.
 Curei, só com sangrias e ventosas,
 Duas damas do tom, muito formosas,
 Que padeciam ambas — ambas ellas —
 A desgraça de serem tagarellas.
 Curei certo rapaz — já quasi morto —
 Que tinha o pescocinho muito torto
 D'olhar para a janella do derriço;
 E, fazendo a bastantes um serviço,
 A um famoso usurario, alma de cafe,

Extrahi curvas unhas de milhafre.
 Já vê que quem faz estas curas bellas
 Tambem cûra sem custo bagatellas

ESCALA-FAVAES

E quanto tempo julga ser preciso
 Para o princepe ter o seu juizo,
 Que n'outro tempo foi coisa disforme?

DOUTOR

Não l'ho posso dizer... isso conforme...

MARIOLETE

Se o senhor lhe curar o mal do caco
 Dou-lhe meio tostão.

ESCALA-FAVAES

E eu um pataco,

Pois não ando de cobres muito cheio.

DOUTOR (*á parte*)

Ganhei n'este momento quatro e meio. (*alto*)

Agradeço senhores... na verdade

Muita gente comigo dizer ha-de

Que daes, fazendo offertas de dinheiro

Lições de bizzarria ao mundo inteiro!

MARIOLETE

Viva o nosso doutor, que faz pormessa

De concertar do princepe a cabeça!

DOUTOR

Juro dar-lhe juro — e se aqui mango,

Nunca eu tome sorvetz de morango!

ESCALA-FAVAES (*á parte a Mariolete*)

Este amigo não bebe?

MARIOLETE

E causa espanto

Da pinga não gostar, e saber tanto!

SCENA III

OS MESMOS e o CÔRO, vindo na frente o primeiro fidalgo.

1.º FIDALGO (*para o doutor*)

Doutor da mula-ruça jubilado,
Estes, por quem eu venho acompanhado,
Famosos patuscões, me encarregaram,
Pois sem papas na lingua me julgaram,
De perguntar se o principe Escarlate
Tem alguma melhora, ou se elle abate
Ao peso d'esse mal, que tem na bola,
A que chamam pancada na... na mola

DOUTOR

O principe, famoso fidalgo te,
Soffre um padecimento d'alto lote,
A que chama a sciencia em lingua bunda...

1.º FIDALGO

Com gordos palavrões não me confunda.

DOUTOR

Bem, fallando na lingua dos profanos,
Tem no cerebro inchados os tulanos:
Molestia muito grave... mas que eu curo
Por saber a sciencia com apuro.
— Meu fidalgo, aqui onde me vedes
Me chamam o doutor fura paredes.

1.º FIDALGO

Mas o principe tem ou não melhoras?

DOUTOR

Depois que elle tomou verdes amoras,
Que ha pouco receitei, tem-se mostrado
Consideravelmente alliviado

1.º FIDALGO (*para o côro*).

Amigos, dae signal d'alta-alegria,
Que o principe melhor vae da mania;
E affiança o doutor — que não é tolo —
Que em breve estará são para consôlo

D'esta nação patusca! Riam todos,
Mostrando o seu prazer por varios modos;
E, se têm as guelas afinadas,
Um côro vão cantar de gargalhadas.

côro

D. Escarlate,
Que doido está,
Vae ser curado,
Ah! ah! ah! ah!

Vendo-o já livre,
Da sorte má,
Nós cantaremos,
Ah! ah! ah! ah!

Só quem fôr mudo,
Não cantará,
Dando pinotes,
Ah! ah! ah! ah!

O doutor sabio
Exultará,
Vendo rir todos
Ah! ah! ah! ah!

SCENA IV

OS MESMOS e O PRINCEPE que entra arrebatadamente
e em delirio.

PRINCEPE

Fada!... fada cruel!... fada machucha!
O que é feito da minha pequerrucha!?
Que fizeste d'aquella flor do campo,
Que não teve bexigas, nem sarampo?
Falla... falla... depressa, que eu estoiro

De dor e desespero!... O meu thesoiro
 Onde o tens escondido?... (*escutando*) Heim?... O que dizes?!
 O quê?! — Cair fizeste-a de narizes
 Sobre a lage da campa?! — Ah!!! que pelisco
 Para quem ceia hoje só marisco!... (*pausa*)
 Dá-me... dá-me, cruel, a minha Jonia,
 Que t'a peço raivoso e sem cer'monia!...
 Repara que preciso comprar luctos,
 E não posso viver nem dez-minutos!...
 Dá-ma! (*como escutando*) Dizes que não?!.. Fada maldita,
 Por quem o bofe e todo se me irrita! (*pausa*)
 Treme!.. treme de mim!.. Capaz não me achas
 De te dar nas bochechas tres bolachas?!
 Pois sou capaz de tal!.. sou capaz mesmo
 De te frigir até seres torrésimo!..
 Até, bicha cruell . até me incumbo
 De te metter na bola grãos de chumbo!... (*pausa mudan-*
do de tom)
 Oh! da-m'a, por piedade!.. eu t'o supplico
 Por tudo quanto come grãos de bico!..
 Oh! dá-m'a, se não queres que eu espiche
 A chorar por figuinhas d'azeviche! (*fica em estado de pros-*
tração)

ESCALA-FAVAES

Meu doutor das receitas milagrosas,
 Veja se com tres duzias de ventosas
 A cura póde dar áquelle accésso.

MARIOLETE

Ande caro doutor tambem lh'o peço:..
 Não o deixe ficar em abandono.

DOUTOR, (*faz signal de que esperem e diz á parte*)
 Eu vou, mas é dormir, que tenho somno. (*sae*)

1.º FIDALGO (*para o côro*)

O rapaz 'stá peor do que eu suppunha!
 E' dever n'este caso a caramunha

CÔRO

(Todos de lenço na mão, e limpando os olhos.)

Impia fada de má raça
Do caro princepe vae
Fazendo longa desgraça!
Ai! ai! ai! ai! ai! ai! ai!

Caros pandigos famosos,
Musicalmente choraes,
Dizendo em sons lastimosos,
Ai! ai! ai! ai! ai! ai!

A fada, p'ra ver maluco
Dos povos o terno pae,
Dessorou-lhe o vital succo!
Ai! ai! ai! ai! ai! ai!

PRINCEPE (como acordando)

Mas que cantiga é esta?! Que inferneira,
Fazendo-me esquentar a mioleira,
Me veio despertar?! (pausa) Sonhava a dita
De ver Jonia a medir metros de fita!! (olhando em roda
de si, e recuando horrorizado)
Mas que vejo?! Que horror!.. Oh! são phantasmas,
Que lançam de si putridos miasmas!! (desembainhando a
espada)
Fujam! fujam de mim, feios macacos,
Senão faço-os a todos em cavacos!!

ESCALA-FAVAES

Apezar de ser homem muito affeito
Receio de chuchar algum biscoito. (saem tolos atropelan-
do-se)

SCENA V

O PRINCEPE E LOMBARDINA.

LOMBARDINA

Padece! já que ousaste, minha empada,
O amor desprezar d'altiva fada!

PRINCEPE (*targando a espada, e esfregando os olhos*)
E' ella!.. Lombardina!... não me engano!..
— Trazes-me a linda Jonia?

LOMBARDINA

Não, magano;

Jonia morreu p'ra sempre!

PRINCEPE

O que é que dizes?! (*pp usa*)
Oh! desgraça cruel! (*cae de bruços*) Ai, meus narizes!

SCENA VI

OS MESMOS, GORGULHO e FAVA-RICA, que fica
ao fundo da scena.

GORGULHO

Jonia inda hade ser viva!

LOMBARDINA

Quem o affirma?

Quem tem tanta ousadia?!

GORGULHO (*apontando para si*)
E' esta firma.

LOMBARDINA

Tu, magico das duzias?! vil Gorgulho?!

GORGULHO (*impondo-lhe silencio*)Não me levante a vóz... pouco barulho. (*pausa*)

Fada, foste cruel, roubando a vida

A'quella joven bella, tão querida

D'este princepe sabio!.. hoje tornado

Por amor um maluco rematado!

Fizeste viver triste e desditoso
 Um povo, que mer'cia em mar de gozo
 Estar sempre nadando! — Eu sou um sabio;
 E, se tu lêste já certo alfarrabio,
 Bem deves conhecer a força rara,
 O potente condão da minha vara! *(pausa)*
 A Jonia darei vida — e vida longa;
 E verás, minha fada songamonga,
 O princepe, que está maluco agora,
 Com juizo de mais... a deitar fóra!

LOMBARDINA

Que dizes, parvo magico das duzias?!
 Burlesco figurão de barbas buzias?!
 Julgas que tens poder tão elevado,
 Capaz de destruir o que hei mandado?!
 A tua negra vara comparada
 A esta, que ha mil annos me foi dada
 Na caverna do magico Tampinhas,
 Que em sangue muita vez frigiou sardinhas,
 Vale menos que o pau d'uma vassoura!..
 — Jonia não torna á vidal.. duradoura
 Do princepe será a maluquice
 Em quanto houver no mundo parvoice!..
 Dil-o a famosa fada Lombardina,
 Que um boi já escondou n'uma terrinal

GORGULHO

E eu, ha-de haver dez annos, com um dedo
 Furei de banda a banoa alto rochedo,
 Fazendo sair d'elle, mui ligeira,
 Onda immensa de vinho da Madeira!..
(pequena pausa)
 Uma noite (era escura qual verruma,
 E no ceo não brilhava estrella alguma)
 Saí, fero, do meu negro aposento
 P'ra castigar o enorme atrevimento
 D'um bando de mil bruxas esquentadas,
 Que, em redor de fogueiras enxofradas,
 Proferiam, següindo o formulario,

Palavras, que não vem no dictionario,
 Fazendo que donzellas engraçadas
 Se tornassem em velhas desdentadas!..
 Dei-lhes atróz castigo!.. fiz que todas
 Não podessem jámais dançar em bodas!..
 Não podessem comer cascas de peros,
 Nem proferir rimados destemperos!

LOMBARDINA

E's magico bazofio! pelo cheiro
 Conheço que és um bom caramboleiro;
 Mas inda què verdade tudo fosse,
 Que acabas de dizer, dera-te um doce
 Se tu fosses capaz, feio barbaças,
 De me assustar com tuas ameaças!
 — Quero Jonia sem vida, e Escarlate
 Desejo que p'ra sempre seja orate!
 Qnero, torno a dizer, — e basta eu qu'rel-o.
 Se quizesse mudar-te n'um camello
 Tambem tinha condão capaz de tanto.

GORGULHO (*áparte*)

De tamanha ousadia aqui me espanto?.. (*alto*)
 Tu de cácaracá és uma fada,
 Que não vales d'esturro uma pitada;
 E, se a vara, que vês, te chego á lata,
 Transformo-te aqui já n'uma barata!

LOMBARDINA

Arde em negra vingança este meu peito!..
 Eu guerra te declaro!

GORGULHO

A guerra aceito. (*cruzam as varas*)

LOMBARDINA

Hei-de provar-te o meu poder de fada! (*sae*)

GORGULHO

Cuidado, olhe não caia pela escada.

SCENA VII

GORGULHO, FAVA-RICA, E O PRINCEPE.

FAVA-RICA

Se cumprires, ó magico, a promessa
Hei-de por-te um pennacho na cabeça

GORGULHO

Pois ainda o duvidas?! Tem certeza
Que princepe has-de ter, e ter princeza.
Até já debes ir fazendo arranjos,
Sacando do thesouro alguns *macanjos*,
Para o dia solemne, e tão jucundo,
Em que esse par formoso e rubicundo
Se ha-de unir para sempre.

FAVA-RICA

Assim farei;

E a todos que têm olhos mostrarei,
Fazendo uma funcção de grande aceio,
Que não custa a gastar dinheiro alheio.

GORGULHO

E, provando verdade, que é tão certa,
A todos deixarás de bocca aberta

SCENA VIII

OS MESMOS E O DOUTOR.

DOUTOR (*encarando o prinsepe*)

Que é isto?... Pois o princepe, coitado,
'Stá de ventas no chão; e um seu criado
Não houve, que corresse a dar-me aviso?! (*vira-o de bar-
riga para o ar, apalpa-lhe o pulso e faz varias expe-
riencias*)

Morreu!.. pelos signaes, que lhe deviso,
Affirmo que de um grande e forte ataque,
Que a forçura lhe fez em bazulaque! (*para Fava-rica*)

Senhor D. Fava-rica, mande á pressa
 Chamar quem pelo principe se int'ressa
 Para chorar aqui — em quanto eu vou
 Chamar p'ró enterrar o meu avô. (*vae para saír*)

GORGULHO

Quem te disse, doutor de vil bestunto,
 Que o principe Escarlata está defunto?

DOUTOR

A sciencia, senhor, que as mais excede...
 A sciencia, que mil males impede
 A' triste humanidade... essa sciencia,
 Que tem um tal condão, tal excellencia,
 Que vê, sem lhe custar, qualquer por dentro.

GORGULHO

D'essa tua cabeça tens no centro,
 Em logar de porção de bom miolo,
 Serradura .. ou então pó de tijollo!
 Quanto me darás tu se eu for capaz
 De fazer pôr em pé este rapaz?

DOUTOR

Que diz?! Dar vida a um morto!! Agora vejo
 Que tem desafinado o realejo? (*com segurança*)
 'Stá morto.

GORGULHO

E quem o diz?!

DOUTOR

Da mula ruça

O famoso doutor, que a quem soluça,
 Ou soffre outra molestia mais graúda,
 Cura com alecrim e com arruda

GORGULHO (*sopra o principe, elle ergue-se*)

O que dizes á isto?

DOUTOR

Estou pasmado!..

E creio que... uma vez que o desgraçado
 Se põe assim em pé... é bom motivo
 Para eu poder julgar... que elle está vivo.

PRINCEPE (*canta horrorizado*)

Fada!.. fada!.. negra fada!..
 Deixa o meu formoso amor!..
 Não lhe dê tanta pilada!.. (*recuando*)
 Ai! horror!.. horror!.. horror!.

Oiço as vozes d'um zabumba...
 Soa o bronze em triste som...
 Lá se apresta ao longe a tumba...
 O coveiro diz: — bem bom!

Morreu Jonia!... das papoilas
 A rainha d'esplendor...
 Que bordava a lantejoilas
 Suspensorios de primor!

Fada cruel!.. impia fada!..
 Tu vaes ser corrida a paul..
 Depois... por mim afogada
 Em agua de bacalhau! (*sae arrebatadamente*)

SCENA IX

OS MESMOS, MENOS O PRINCEPE.

FAVA-RICA

Coitado do pequeno!.. O seu delirio
 Traz a meu coração grande martyrio!

DOUTOR (*á parte*)

Oh! desejava bem n'este momento
 Saber choramigar, por fingimento.

GÓRGULHO

Preciso de colhêr magicaservas,
 E conversar tambem co'as velhas servas
 Do demonio maior. Venham vossês,
 E vamos de passeio todos tres.

FAVA-RICA e o DOUTOR

Ir a casa de hruxas?!

GORGULHO

Não ha p'rigo;

Bem olhados serão indo comigo:

As bruxas nunca armam esparrellas

A quem tem bem guardadas as costellas.

DOUTOR

Alguma d'essas bruxas sabe, e ensina

Segredos d'infallivel medicina?

GORGULHO

Basta que te affiance, meu bolonio,

Que aprenderam na escola do demonio.

DOUTOR

P'ra vos acompanhar deixarei tudo

FAVA-RICA (*áparte*)Não quero ter a fama de pelludo. (*alto*)

Acompanho tambem.

GORGULHO

Boim patusquinho:

Hei-de pagar-te *meio* no caminho. (*saem*)

SCENA X

ESCALA-FAVAES e MARIOLETE entrando.

MARIOLETE

E' tal qual eu lh'o conto: fez promessa

O grande e sabio magico de á pressa

Curar do rapazote a cachimonia,

E dar vida tambem á linda Jonia.

ESCALA-FAVAES

Então quem lhe contou essa farçada,

Que a nossos corações bastante agrada?

MARIOLETE

Sou muito curioso:—puz-me á espreita

E ouvi fallar o magico...

ESCALA-FAVAES

Receita,

Que toda a vida usou:—é o seu fraco
Espreitar ou por fresta, ou por buraco.

MARIOLETE

E' verdade: isso em mim é manha antiga,
Que me ensinou a avó Saramantiga.
Mas, como ia dizendo—ouvi bem claro
Dizer o grande magico preclaro
Ao nosso Fava-rica: «tem certeza
Que princepe has-de ter, e ter princeza.»
Ora, afirmando o magico, já vê
Que a coisa é verdadeira. Inda não crê?

ESCALA-FAVAES

Creio, e com toda a fé, porque o famoso
Sabio magicatão é poderoso
P'ra fazer inda mais:—se elle quizesse
Não deixava por z passar o s.

MARIOLETE (*espantado*)

Pois seria capaz de fazer tanto?!

ESCALA-FAVAES

Inda mais, acredite: tem encanto
Para fazer no inferno sentir frio
Ao mais vermelho demo e mais bravio

MARIOLETE

Esgota da ventura a doce taça
Quem d'um magico assim caíu em graça!...
Vamos ser bem ditosos! N'esse dia
Do consorcio feliz juro esta pança
Regalar com pitéus, fina lambança!

ESCALA-FAVAES

E lembre-se de mim... que ha largos dias
Não provo de fiambre umas fatias!

MARIOLETE

N'um dia tão sublime de ventura
Todo o povo sentir ha-de fartura;

E, se as minhas idéas não são falsas,
 Todos alargarão o cós das calças.

ESCALA-FAVAES

CANTO

Em Joniasinha
 Sendo princeza,
 Com a belleza,
 C'o a singelleza,
 Com a pureza
 Ha-de agradar.
 Fará que um povo
 D'heroes janotas
 Ande em risotas,
 A's cambalhotas,
 Descalce as botas
 Para saltar!

MARIOLETE

Jonia, portento
 De formosura,
 Tem n'alma pura
 Doce candura,
 Quer a ventura
 D'esta *nação*:
 No casamento
 Da linda pomba,
 Povo, ergue a tromba,
 Que tens d'arromba,
 Com muita bomba
 Uma funcção

ENSEMBLE

Ao grande magico
 Dêmos louvores,
 Que os seus favores
 Vão nossas dores
 Trocar em flores
 D'alto luzir!

No grande dia
Temos suéto,
Muito soneto,
E aqui prometto
Que por decreto
Tudo ha-de rir!

MARIOLETE

D. Escala-favaes, vamos depressa
Buscar a morta Jonia.

ESCALA-FAVAES

Menos essa:

A um general, como eu assignalado;
Fica-lhe mal par'cer gato-pingado.
Entendo que é melhor a fidalguia
Carregar com o esquife. — Eu elegia
Quatro dos que tivessem costa larga
Para melhor poderem com a carga.

MARIOLETE

Approvo essa lembrança, que bem mostra
Que não tem de miolos uma amostra.
Queira-me acompanhar.

ESCALA-FAVAES

Porque? tem medo?

MARIOLETE (*á parte*)

Poupa bem as passadas. (*alto*) Volto cedo. (*sae*)

SCENA XI

ESCALA-FAVAES só

No dia do consorcio—já se vê—
O princepe fará muita mercê
Aos seus leaes vassallos: eu já conto
De subir quatro postos; e n'um prompto
Serei governador d'esta cidade,
E mil saccos terei de feijão frade

P'ra sustentar meus filhos comilhões,
Que morrem pelos frades... mas feijões.

SCENA XII

ESCALA-FAVAES, MARIOLETE, e o CÔRO: quatro fidalgos trazem JONIA em um esquife, que collocam no meio da scena.

CÔRO

'Stando o principe bom da loucura,
Tendo Jonia já vida e vigor,
Será certa da patria a ventura,
A ventura de mais esplendor!

Aureos dias de gloria esmerada,
O' patuscos, nós vamos gozar,
Dando todos, de cara pintada,
Cambalhotas, que façam pasmar!

N'esse dia em que o par venturoso
Jurar fé ante as aras d'amor,
Todo o povo, devéras ditoso,
Tocará pela rua tambor. (*rufos na orchestra*)

SCENA XIII

OS MESMOS, GORGULHO, FAVA-RICA e o DOUTOR: todos se curvam á entrada de Gorgulho, que avança em passo magestoso e pára em frente do esquife: faz diversos manejos com a vara, findos os quaes se segue longa pausa.

GORGULHO

O' tu, magico mór, cujo alto imperio
Faz que os mortos no frio cemiterio
Se levantem de noite, e cantem trovas
Por cima a passear das suas covas;
Vale-me agora aqui:—lá d'onde habitas

Profere essas palavras exquisitas,
 E cheias de mysterio... e tal... e coisas,
 Que fazem abalar antigas loisas!...
 Entra n'essa caverna, aonde a cobra
 Se enrola sete vezes n'uma abob'ra;
 E diz essas mil pragas e esconjuros,
 Que te ensinou o demo, tendo apuros
 Nas finanças do reino tenebroso!...
 Faze que eu seja hoje poderoso
 Para a Jonia dar vida tão comprida,
 Que, por fim, venha a ser aborrecida. (*pausa, depois
 como inspirado*)

Alonga as azas, ó mocho,
 E vem poisar sobre o ninho,
 Onde dorme o estorninho
 Ao lado do pintarroxo!...
 Coruja! dá volta e meia
 Em redor d'essa candeia...
 Vae-lhe o azeite chupar!...
 Vós todas, aves nocturnas,
 Escondei-vos n'essas furnas,
 Pavorosas, a piar!

Jonia! serás prodigio de belleza!...
 Podes-te levantar, nobre princeza!...
 Ergue-te! vem á vida p'ra consolo
 D'um povo, que sem ti morria tolo! (*toca em Jonia com
 a vara, ella levanta-se*)

1.º FIDALGO (*para o côro*)

Que ventura, senhores!... respiremos,
 E um côro de prazer todos cantemos!

GORGULHO (*para o côro*)

Em quanto eu não vencer toda a batalha
 Prohibo a cantoria da canalha. (*todos se encolhem: Gor-
 gulho toca com a vara no bastidor*)

SCENA XIV

OS MESMOS e o PRINCEPE: Gorgulho dá-lhe um carolo com a vara

PRINCEPE (*encarando Jonia*)

Jonia! pois não morreste, amor tão lindo?!

JONIA

Parece-me que não... 'stive dormindo,
E acordei agora... Ah! meu bemsinho!

PRINCEPE

Recebe um terno abraço!... e um beijinho! (*abraçam-se e beijam-se*)

Jamais te largarei d'estes meus braços,
Que a teu lado será sem embaraços
A ventura de meu coração terno,
Que sentia sem ti constante inverno!... (*como recordando-se*)

Eu creio que também dormi um somno
Sentado nos degraus do velho throno.

JONIA

Dormimos, meu amor... porém juremos
De nunca mais dormir... só cuidaremos
Em nosso terno amor... no amor dos povos,
E em ehuchar saborosas trouxas d'ovos!

PRINCEPE

Sim!.. Tu és uma joia!.. vales mais
Que um fricassé d'abob'ra com pardaes!

CANTO

D'hymeneu os brandos laços
Liguem nossos corações,
Dêmos aos povos pedaços
De gostosos requeijões;
E não sejamos madraços
Nas nossas obrigações!

JONIA

Sempre terna e bem constante
A tua amada has-de ver
A teu lado, delirante,
Cantarolar de prazer,
Guisar tromba d'elefante
Para te dar a comer!

ENSEMBLE

Doces dias de ventura
Vae gozar esta *nação*,
Pois ha-de ter com fartura
Agua fresca, vinho e pão,
E um pratinho de forçura
Temp'rada com pimentão!

CÔRO

Magico famoso,
Recebe o louvor,
D'um povo ditoso,
Que te jura amor!

Nós te respeitâmos
Com todo o fervor,
E aqui te acclamamos
Nosso protector!

Viva o teu sob'rano
Condão sup'rior,
Capaz d'um abano
Mudar n'uma flor!

Viva! viva! viva!
(*apontando para Gorgulho*)
Viva este freguez,
Que da fada alliva
O encanto desfez!

FAVA-RICA (*para o princepe*)

Senhor, foi este magico famoso
 Quem nos salvon a todes: caridoso,
 Deu vida á vossa Jonia terna e pura;
 E a vós, senhor, curou-vos da loucura.

PRINCEPE (*espantado*)

Pois eu estive louco?! (*para Gorgulho apertando-lhe a mão*)

Meu amigo

Para o que desejar conte comigo.

GORGULHO

Desejo ser ministro, o logar quero
 D'este parlapatão. (*apontando para Fava-rica*) Serei aus-
 tero,

Fazendo que a justiça nunca dobre
 Mais a favor do rico que do pobre

PRINCEPE

Pois bem: — tens o logar de Fava-rica,
 E elle que vá vender agua da bica.

FAVA-RICA (*para o princepe*)

Mas, senhor... os serviços, que hei prestado...

PRINCEPE

Por tuas mãos estás recompensado.

FAVA-RICA

Não vos recordaes, princepe, que fiz
 Dois repuchos em cada chafariz?..

PRINCEPE

Fizeste muita coisa; e a melhor d'ellas
 'Stá escripta no rol das bagatellas.

FAVA-RICA

Comprei o meu logar por seis patacas...

PRINCEPE

E's um homem d'idéas muito fracas:
 Não serve p'ra logar tão elevado
 Quem o miôlo tem avariado.

FAVA-RICA (*ajoelhando*)

Mas, senhor... eu vos peço... eu vos supplico...

PRINCEPE (*impondo-lhe silencio*)
Nem mais uma palavra — cale o bico.

SCENA XV.

OS MESMOS E LOMBARDINA.

LOMBARDINA (*para Gorgulho*)

Que fizeste assombrando um parvo rancho?!
Espera, mariola, que eu desmancho
Tua obra atrevida!.. Acaso pensas
Que tens alto condão com que me venças?!
Espera que eu t'o digo!.. (*quer tocar Jonia com a vara*)
GORGULHO (*agarando-a por um hombro*)
Vae, ó feia,

P'ra casa do demonio fazer meia! (*carrega-lhe no hombro e mete-a pelo chão*)

LOMBARDINA (*debaixo do chão*)

Ah! não vê mais a luz a filha bella
De Thomazia Bitocles Redondella!

GORGULHO

Que ouvi?! E' minha filha!.. Lombardina!..
E mandei-a p'r'o demo!.. triste sina
N'este negro momento me acompanha!.. (*para o principe*)
Foi por causa de ti, meu D. Aranha,
Que eu dei cabo da filha! Mas espera,
Que eu te vou ensinar!.. Sou uma féra
Que quer sangue de principe Escarlata!.. (*toca-o com a vara*)

PRINCEPE

Ai!.. morro a suspirar por chocolate! (*cae*)

GORGULHO

Tambem este é meu filho!.. que o conheço
Por dar ao chocolate tanto apreço! . (*para Jonia*)
Já que matei o filho, também tu
Has-de soffrer o mesmo fado cru!.. (*com rancor concentrado*)

— O numero dos vivos eu desfalco!

JONIA

Nasci n'um camarim!.. morro no palco! (*cae*)

GORGULHO

Oh!.. isto é já de mais!.. Matei as filhas!.. (*pausa depois com resolução*)

Pois matarei tambem estes pandilhas! (*toca com a vara Escala-favaes, Fava-rica, Mariotele e o doutor, que caem soltando estrepitosà gargalhada*)

Riem ao ver a morte todos juntos!..

Ah!.. a mais quatro filhos fiz defuntos!.. (*pausa*)

Sou muito desgraçado!.. e já agora

Que a tantos d'este mundo lancei fóra,

Darei cabo tambem do reles côro!..

A todos matarei!

1.º FIDALGO

Que desaforo!

(Gorgulho aponta a vara a todos, que caem.)

UMA VÓZ

O' magico, perdeste antigos brilhos;

Sabe que todos, todos são teus filhos

Esses a quem tu déste um fim tão tragico!

GORGULHO, (*fallando com os seus botões*)

Eu sempre tenho sido um grande magico!

CORÓ DE DEFUNTOS

Largas noites passaremos

N'esta sombria mansão;

Fidalgos inda seremos

No reino da escuridão

Aqui a negra maldade

Não vibra fero punhal;

Tudo aqui é amizade,

Ninguem diz bem, nem diz mal

N'este reino do descanso
 Não ha magua, nem ha dor;
 Ninguem diz, que tudo é manso,
 — Tira-te tu p'ra me eu pôr.

Aqui não se paga decima,
 Graças ao sabio Plutão,
 Que, apesar da cara pessima,
 E' um grande patuscão.

LOMBARDINA (*debaixo do chão*)

Meu pae, se a sua filha já lhe importa,
 Venha viver comigo que estou morta
 Por lhe dar um abraço!

GORGULHO

Oh! cara filhat..

Ha por lá quem jogar saiba a manilha?

LOMBARDINA

Sim, meu pae, tem por cá muitos parceiros,
 Que todos são famosos *batoteiros*.

GORGULHO (*para a platéa*)

Aqui 'stá quem o demo hoje amarrota
 A jogar a manilha com batota! (*some-se pelo chão riem
 todos*)

Cae o panno.

| | |
|--|-------|
| Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em dois actos. | 180 |
| Uma chavena de chá, comedia em um acto. | 120 |
| Convido o coronel !! comedia em um acto. | 100 |
| A Herança do tio Russo, comedia em tres actos. | 220 |
| HENRIQUE VAN-DEITERS. | |
| Poesias, 1 vol. 8.º francez. — Preço | 360 |
| Os moedeiros falsos, comedia drama original, em tres actos. | 160 |
| JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA. | |
| A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectáculo em 4 actos, 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda = Les quatre fils Aymon. — Preço. | 320 |
| MANUEL ODORICO MENDES. | |
| Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. — Preço. | 200 |
| I. DE VILHENA BARBOSA. | |
| Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas : 3 vol. 8.º francez (com estampas lytographadas) | 3:000 |
| JULIO CESAR MACHADO. | |
| A esposa deve acompanhar seu marido, comedia em um acto | 140 |
| O Capitão Bitterlin, comedia n'um acto. | 140 |
| OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES. | |
| Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço. | 720 |
| Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.º francez. Preço. | 360 |
| Camões e o João, scena dramatica. Preço. | 100 |
| Adições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.º fr. Preço. | 200 |
| Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. | 200 |
| Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus. | 80 |
| E' já ministro? aventuras de um Anastacio. | 80 |
| O Mentor da mocidade. | 120 |
| Ensaio poetico. Preço | 60 |
| Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.º port. | 120 |
| Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos. | 200 |
| Amor e Amizade, comedia em um acto. | 80 |
| O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço. | 240 |
| A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. | 160 |
| A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos. | 200 |
| Um Bico em Verso, scena comica. — Preço. | 60 |
| O segredo d'uma esmola, comedia-drama em dois actos. | 180 |
| Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.º fr. | 300 |
| Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto. | 160 |
| A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço. | 320 |
| 29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço | 360 |
| Tudo no mundo é comedia ; comedia em tres actos. | 200 |
| A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos. | 160 |
| 1640 ou a restauração de Portugal, facta historico em quatro actos sete quadros e um prologo. | 300 |
| Graziella, drama em um acto. | 100 |
| Amor e arte, drama em tres actos. | 220 |
| Os dois irmãos, drama em quatro actos. | 200 |
| O Arrependimento salva, drama em 1 acto. | 100 |
| O Principe Escarlata, tragedia burlesca em 2 actos em verso. | 180 |
| NO PRELO. | |
| A Conquista das Amazonas, comedia-drama em dois actos. | |
| O Maestro Favilla, drama em tres actos. | |
| Fernando, comedia-drama em 4 actos. | |
| Não envenenes tu, a mulher, qui-proquo em 1 acto. | |
| Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto. | |
| Dois cães a um osso, comedia em 1 acto. | |
| Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo. | |
| O Prestigiador, drama em 5 actos. | |
| As Joias de familia, comedia-drama em 3 actos. | |

(71)

A PRINCEZA D'ARRENTELLA

TRAGEDIA BURLESCA EM TRES ACTOS

POR

JOSÉ IGNACIO D'ARAUJO.



LISBOA.

**TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
*Travessa da Victoria, 73.***

1860.

**OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM
NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 109.**

| | |
|--|--------|
| Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000 Encadernada | 27:000 |
| Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collabora- do por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel | 11:600 |
| Encadernados..... | 13:600 |
| Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro v — Um folheto com dez gravuras | 200 |
| M. M. B. DU BOCAGE. | |
| Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e littera- rio sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. em 8.º francez. Preço..... | 4:320 |
| F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO. | |
| Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço. | 720 |
| BARRETO FEIO. | |
| Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 8.º francez..... | 2:880 |
| O 3.º volume só | 1:000 |
| LIMA LEITAO. | |
| Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzi- do do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º | 800 |
| O 2.º volume só..... | 480 |
| Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de no- tas, 2 vol. 8.º francez..... | 1:200 |
| REBELLO DA SILVA. | |
| Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriar- chado, 2. vol. 8.º francez..... | 960 |
| A Mocidade de D. João v, comedia-drama em 5 actos..... | 480 |
| Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imita- ção — 1 vol. 8.º francez. Preço..... | 300 |
| MENDES LEAL JUNIOR. | |
| Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr... | 480 |
| O Homem de Ouro, drama em 3 actos, (continuação dos Ho- mens de Marmore) 1 vol. 8.º francez. | 300 |
| A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º francez. Preço. | 400 |
| Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... | 400 |
| A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º francez. Preço..... | 480 |
| Canticos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... | 720 |
| Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço. | 300 |
| A. ABRANCHES. | |
| Sambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.º fr.... | 300 |
| F. SOARES FRANCO. | |
| Sermões, 1 vol. 8.º francez. Preço. | 480 |

A PRINCEZA D'ARRENTELLA

TRAGEDIA BURLESCA EM TRES ACTOS

POR

JOSÉ IGNACIO D'ARAUJO.



LISBOA.

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

—
1860.

PERSONAGENS:

- D. CARAPANTA** . . . Rei do Barreiro.
D. TAROCO Rei do Seixal.
D. HYDROGENIA .. Princesa d'Arrentella.
D. SONECA Capitão do exercito de D. Carapanta.
D. MANHOSO Ministro do Barreiro.
D. SERINGA PATÃO General do exercito de D. Taroco.
JUSTINA MENDES . . Aia de D. Hydrogenia.
CHUMECO Carcereiro.
O ALGOZ.

PAGENS, CAMARISTAS, GENERAES E POVO

ACTO I.

(Palacio de D. Carapanta no Barreiro. À direita o throno. Sala ricamente adornada : tropheos nas paredes, etc.)

SCENA I

D. MANHOSO, E D. SONECA.

D. MANHOSO:

Bem vindo sejas, capitão valente;
Heroico defensor da nossa gente,
Peito de bronze, coração guérreiro;
Sustentac'lo da c'rôa do Barreiro.
Que noticias nos trazes da batalha?
Correu-se a cachação a vil canalha?
Esse rei atrevido, esse velhaco;
Acaso já levou p'ra o seu tabaco?
A formosa princeza d'Arrentella
E' já do nosso rei, que arde por ella?

D. SONECA:

Ministro de meu rei, sabio Manhoso,
A victoria foi nossa — o ceo bondoso

A nossas armas deu alto triumpho !
O nosso rei ganhou : — foi rei de trunfo.

D. MANHOSO (*com enthusiasmo*)

Palpitar de prazer meu peito fazes
Com essa boa nova, que me trazes.
Não era d'esperar que heroes de fama
Deixassem o seu rei ficar na lama...
Não — que não deixam gentes d'essa marca
Embaciar a c'róa ao seu monarcha. (*com regosijo*)
Abatido está já, meu D. Taroco,
Teu orgulho sem par de rei samouco !...
Aquelle sceptro teu, pintado em riscas,
Já roja pelo chão... 'stá feito em iscas !...
A tua c'róa, outr'ora respeitada,
Perdeu todo o fulgor... não brilha nada !...
Calcada agora aos pés, é lixo, é cisco !...
Perdeste o teu Seixal e o seu marisco...
Perdeste essa princeza amada e bella,
Luminaria brilhante d'Arrentella !

D. SONECA.

Brigámos como heroes bem destemidos ;
E entre as balas mostrámos, atrevidos,
A quanto chegar pode audacia humana !
Não se viu entre nós um só *banana*.
O inimigo era forte, era terrível,
Porém de nosso braço a força incrível
O que não vencerá ! Somos guerreiros,
Que apontados serão inda os primeiros.
Vimos firmes, alegres, sem desmaios,
As granadas cairem como raios...
Estalarem as bombas dos morteiros...
Duras balas cruzarem-se aos chuveiros,
Fazendo comer terra a nossa gente,
Que morria, mostrando ser valente.
Aqui caem dois mortos... lá cae um...
Tudo é fogo — *pum, prum, pum, prum, pum, pum!* (*pausa*)

Ao ceo se elevam nuvens de fumaça . . .
 Escurece-se o sol, e a morte baça,
 Negra e medonha, sobre nós adeja.
 Fazendo arder mil molhos de carqueja ! !
 Quando a lucta mais fera se travava
 O nosso general assim bradava :
 « Ávante ! Camaradas ! Ter coragem !
 Demos cabo de tanta frandulagem,
 E mostremos, com pasmo, ao mundo inteiro
 Que os primeiros heroes são do Barreiro ! . . .
 Abata-se o pendão do rei Taroco,
 Que p'ra vencer aqui bastava sôco !
 Um golpe decisivo se desfeixe,
 Conquiste-se o Seixal, que tem bom peixe ! »
 Cobraram novo ardor nossos soldados,
 E sobre o inimigo, *encanzinados*,
 Descarregam de lança duros botes ;
 E déveras lhe foram aos *fagotes* ! (*com prazer*)
 Vencemos ! que prazer ! que *reinação* !

D. MANNOSO:

Vamos ter quinze dias de funcção
 Para se celebraŕ esta victoria;
 Que a todos enche de prazer e gloria.
 Illuminar-se-ha esta *cidade*
 Com velinhas de sebo em quantidade,
 Lamparinas, candêas, e tigellas
 Encarnadas, azues, e amarellas :
 Repicarão os sinos, e sinetas,
 Tocarão realejos e trombetas ;
 E p'ra o festejo se tornar completo
 Nas aulas todas haverá sueto.

D. SONECA.

Em breve entrar vereis n'este aposento
 O nosso grande rei cheio de vento,
 Acompanhando aquella que elle adora,
 Por quem — se ella o mandar — puxa uma nora.

Vereis esse cortejo tão chibante
 Homenagem render ao triumphante ;
E sabereis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei se de tal gente.

D. MANHOSO.

Quem me dera já ver essa princeza,
 Primor das filhas de Maria Andreza !...
 Essa deusa, das almas puro enleio,
 Mais linda que as serêas do passeio !...
 Se eu pudesse alcançar o seu agrado...

D. SONECA.

Pois digo-lhe que fique descansado :
 Ella é filha de gente bem creada,
 E sabe dar apreço a gente honrada.
 O senhor é ministro — sem ter manhas ;—
 Sua mãe, assadora de castanhas,
 Se lhe não deu braços com cães pintados,
 Deu-lhe sabios conselhos sublimados,
 E a Coimbra o mandou estudar leis.
 — Só n'isto a pobre velha errou por seis. —

D. MANHOSO.

E' verdade que errou, eu penso assim,
 Porque se burro fui, mais burro vim.

D. SONECA.

Isso é muita modestia, D. Manhoso,
 O senhor é esperto qual raposo :
 Para a princeza o honrar só vêl-o basta,
 Não 'steja com temor, — não perde a pasta.

D. MANHOSO.

Traga-te o ceo, princeza d'Arrentella !!

D. SONECA (*indo ao fundo escutar*)
 Não ouve tocar gaitas? Lá vem ella.

SCENA II

OS MESMOS, D. CARAPANTA E D. HYDROGENIA ; D. TAROCO,
E D. SERINGA PATÃO, que trazem algemas ; GENERAES,
CAMARISTAS, PAGINS, E POVO. ,

(Ao entrar em scena o cortejo dá vivas.)

CÓRO.

Viva o Carapanta,
E o sceptro real,
E viva a conquista
Do bello Seixal !

Viva o nosso povo,
Valente e guerreiro,
Que augmenta os dominios
Do grande Barreiro !

Os loiros mais bellos
Colhemos n'acção ;
Depois da victoria
Prazer e funcção.

Trophêos, e bandeiras
Soubemos ganhar ;
Agora, contentes,
Dar vivas, cantar. (*dão vivas*)

D. CARAPANTA (*impnd*) silencio)

Cesse o vivorio, que a princeza amua,
Quem quizer berrar mais vá lá p'ra a rua.

(Segue-se profundo silencio. Depois de breve pausa.)

Valentes generaes do meu Barreiro,
Gentinha illustre, que assombraes inteiro

O mundo com mil feitos espantosos,
 Eu devo a vossos peitos valorosos
 O sceptro, a c'róa, que na cabeça *encaixo* ;
 E vos devo inda mais, segundo eu acho,
 O poder possuir joia tão bella :
 A formosa princeza d'Arrentella. (*mostrando a princeza, -
 que abaixa os o'hos*)

O Seixal é já nosso. A nossa espada
 A chibança cortou á vil cãbada.
 Meu imperio augmentou, cresceu meu miando ;
 Agora, sabio e justo governando,
 Farei crescer em gloria, e prosperar
 Nosso immenso poder por terra e mar...
 Em breve esta nação será tamanha,
 Que meças pedirá á Grã-Bretanha. (*voltando-se para a
 princeza que chora*)

Princeza cara, que esta chamma atijas...
Lamparina d'amor, que me enfeitiças
 Com a luz de teus olhos... sécca o pranto,
 Que uma *careta* assim mette-me espanto.

D. HYDROGENIA (*chorosa*)

O pranto pelo rosto corre em bica
 Por não ter a meu lado a tia Annica!! (*Umpa os o'hos a
 lenço de tabaco*)

D. CARAPANTA.

Sobe ao throno de meus antepassados,
 Que todos foram reis assignalados...
 Sobe ; e lá brilharás, eu certifico,
 Qual candeieiro de gaz com mais d'um bico. (*toma-lhe a
 mão conduzindo-a ao throno : ella sobe*)
 Repara que esses fatos vão a rastos.
 Cuidado nos degraus que já 'stão gastos.

(A princeza senta-se; o rei sobe e colloca-se a seu lado.)

Illustre capitão da minha guarda,
Esta fita te dou — põe-a na farda. (*dá a D. Soneca duas
varas de fita*)

Manda já D. Taroco e D. Patão
De ferros carregar n'uma prisão...
Que não vejam a luz pura do sol
Nem escutem cantar o rouxinol
Engraçadas modinhas brasileiras,
— Nem biscoitos provar possam d'Oeiras; —
Sustentem-se a feijões — dos carrapatos —
E só possam beber do mata-ratos.

(D. Taroco e D. Patão avançam para a scena.)

D. TAROCO.

Venceste! Carapanta do Barreiro!!...
Já fui rei do Scixal... sou prisioneiro!
E' tua esta cabeça... mata... esfolla...
Dá-me a fatal tacada — carambola.

D. SERINGA PATÃO.

Morrer não teme quem zombou das balas:
Manda-me esquarterar que não me ralas.

D. SONECA (*a D. Taroco e Patão, que conduz ao fundo
da scena*)

Não fujam que ha lá fora um cão de fila. (*áparte*)
Estudei uma arenga — heide impingil-a. (*voltando-se pa-
ra o rei*)

Que prazer que não é erguer a espada
Em defesa d'um rei, que nos agrada!!...
D'um rei, que pelo povo se desvela,
E lhe dá as sopinhas da panella!!...
D'um rei, que jámais dorme a somno solto
Em dia em que o seu povo anda revolto!!...
D'um rei, que, como vós, não enfastia!!...
Almudes de meu sangue, sim, daria

Pela patria, e por vós. E em quanto ao lado
 Me conservar d'um rei, por mim amado,
 Não deve o rei temer a sorte avessa,
 E a c'roa que tem sobre a cabeça
 Jámais hade cair, — e já dei prova, —
 Co' o ladrar de mil cães da Terra Nova.

D. CARAPANTA.

Conheço o teu valer, meu bom Soneca,
 Mas cumpre o que mandei, não dês mais sécca.

(Soneca sae conduzindo Tanoco e Patão para a prisão.)

SCENA III

OS MESMOS, MENOS SONECA, TAROCO, E PATÃO.

D. MANHOSO (*á parte*)

Agora me compete a minha vez ;
 Não ficarei atraz d'este freguez. (*alto*)
 Monarcha egregio ! Astro do *univ*ersu !
 Esta arenga escutae, que eu fiz em verso.
 Vosso fiel ministro, D. Manhoso,
 A vossos pés se curva, respeitoso,
 Dando-vos parabens pela victoria,
 Que não tem outra equal em toda a historia.
 Sois da nossa *nação* a doce esp'rança ;
 E em quanto no mundo houver lembrança,
 Vosso nome, meu rei, será lembrado. (*mudança de tom*)
 Incumbido por vós do bem do estado,
 Da justiça empunhei rectas balanças,
 E augmentei moeda e meia nas finanças.

D. CARAPANTA.

Fizeste muito bem, eu t'ó agradeço.
 Emprega esse dinheiro em pão sem gesso,

E manda-o repartir pela pobreza.

D. MANNOSO.

Que nobre coração! Que alta nobreza! l. . .

Oh! rei, que o povo teu assim captivas!! . . .

Senhores, por favor, dae-lhe mais vivas. (*voltand-se para o cortejo*)

(O cortejo dá vivas)

D. CARAPANTA (*commoído*)

De elogios immensos sois credores. . .

Isso tudo, rapazes, são favores.

Se os vassallos amar devem o throno,

O rei deve tambem não ser um mono,

Recompensando o zelo dos patuscos. . .

Afastem-se de vós os dias bruscos! . . . (*para o cortejo*)

Illustres capitães de varias raças,

'Stou hoje de maré, concedo graças.

Todos (*correndo para o rei gritando em diferentes vozes*)

Um habito! Um emprego! Mais canoco.

UMA VOZ.

Não empurre p'ra cá que leva um sóco.

D. CARAPANTA.

Meu ministro fiel, vae-os ouvir,

E dá a cada qual o que pedir. (*para o cortejo*)

Dar-vos venturas mil aos ceos apraza;

Deixem-nos ficar sós, vão-se p'ra casa.

CORO.

Valentes guerreiros

Findou o brigar;

Depois da victoria

Toca a patuscar.

Celebre-se o nosso

Triumpho sem par

Com bello petisco,

Com bello jantar.

Do vinho mais bello
 Beber a fartar,
 Beber té cair
 De pernas pr'o ar.

Viva o Carapanta,
 E o sceptro real,
 E viva a conquista
 Do bello Seixal! (*saem dando vivas*)

SCENA IV

D. CARAPANTA, E D. HYDROGENIA, descendo do throno.

D. CARAPANTA.

Princeza, que eu adoro com loucura...
 Como se adora uma isca de forçura!...
 Como se adora a posta de lampreia
 Comida n'um jantar à custa alheia!...
 Eu peço que me attendas... ouve, escuta
 D'esta minha paixão a força bruta.
 Quando vejo teu rosto... quando encaro
 Esses olhos, que tens de um brilho raro,
 Ateia-se em meu peito um vasto incendio,
 Que não se apaga... mais e mais accende-o
 A presença d'encantos d'esse lote!!
 Este meu coração é um archote!
 Viver não posso, não, se tu me negas
 Esse teu puro amor... comigo pregas
 Nas mãos do desalmado do coiveiro
 Se despresas o affecto, verdadeiro,
 Que sinto n'este peito amante... terno!...
 Ah! jura-me, princeza, amor eterno... (*ajoelhando aos
 pés da princeza*)
 Jura-me agora aqui, eo' a fé mais santa,
 Um amor verdadeiro ao Carapanta!

D. HYDROGENIA.

Jurar não posso amor, muito nem pouco,
Que dei meu coração a D. Taroco :
Tenho um só coração ; se dois tivera
Um d'elles todo inteiro hoje vos dera.
Não posso amar-vos, não, antes que queira.

D. CARAPANTA.

Estrella de minh'alma verdadeira,
Não crês n'esta paixão... não vês a brecha,
Que abres no peito meu, cheirando a mecha ?!
Acredita, princeza, este amor louco...
Heide amar-te melhor que D. Taroco !

D. HYDROGENIA.

Já disse que não posso — e tenho dito :
Amar dois d'uma vez não é bonito.

D. CARAPANTA.

Eu supplico a teus pés...

D. HYDROGENIA (*com enfado*)

Mas se eu não posso
Este meu coração unir ao vosso !..

D. CARAPANTA (*com pieguice*)

Cede... dá o teu sim ao teu careca...

D. HYDROGENIA (*ensadada detéras*)

Já lhe disse que não... Ora que sécca.

D. CARAPANTA (*levantando-se irado*)

Pois bem, princeza, com desdem cruel
Zombas d'um coração limpo de fel...
Despresas um amor sincero e puro
Que ia tornar brilhante o teu futuro !
Agora já não peço, nem supplico...
Já não faço a teus pés papel de nico...
Hasde á força ceder ao meu desejo,
Senão dou-te um sopapo que te aleijo,
Ou mando-te d'aqui p'ra o cemiterio !
— Isto que digo é sério... e muito sério —

D. HYDROGENIA (*em tom heroico*)

Podeis roubar-me a vida... a honra — nunca.

D. CARAPANTA.

Eu mando-te metter n'uma espelunca,
N'uma escura masmorra negra e feia,
Onde não vejas luz, nem de candeia...
Onde sejas de noite atormentada
Por terriveis visões!

D. HYDROGENIA.

Não temo nada.

'Stou resolvida á fome... á morte... a tudo,
Menos a ser de um bicho tão pelludo!

D. CARAPANTA (*com grande espanto*)

Bicho pelludo a mim!... Oh, ceos! que escuto!
Tratar assim um rei como um matuto!...
Mulher! o que disseste a um rei chibante?!
Retira essa expressão no mesmo instante...
Retira — se não queres que, iracundo,
Te mande já d'aqui p'ra o outro mundo!

D. HYDROGENIA.

Não retiro a expressão: — disse, e está dito —
Matae-me, se quereis, que eu não apito.

D. CARAPANTA (*enraivecido*)

Vou teu peito romper co' um ferro agudo,
E chupar o teu sangue por canudo!

D. HYDROGENIA.

Por isso que dizeis, eu adivinho
Que bebeis capilé de cavallinho.

D. CARAPANTA (*consigo*)

E combati por ella ousado, e forte
Para ser despresado d'esta sorte!
Minha vida arrisquei n'um fero ataque
Para tratado ser como um básbaque!
A par d'um rosto lindo como um cravo
Achei um coração de gato bravo!...

E para o alcançar suou-me a testa...
 Pelejei como heroe... fui uma besta. (*para a princeza,
 carrancudo*)
 Adeus, princeza, adeus, eu vou-me embora,
 Não te digo mais nada por agora...
 Mas conta co' a vingança d'este peito
 A ser contrariado pouco afeito. (*sae*)

SCENA V

D. HYDROGENIA (*só*)

Oh! desgraça cruel! Oh! sorte avessa,
 Que, sem dó, me despejas na cabeça
 A taça escura de *amargoso* fel!
 Que crime commetti, fado cruel,
 Para soffrer no mundo egual tormento?!...
 Perder o meu subido luzimento,
 Perder um coração, perder um throno
 Não é para roubar o doce somno?!
 Perder mesmo as esp'ranças da ventura
 Não é ser malfadada creatura?!
 Deixar o meu quintal com tantas flores
 Não é para morrer de dissabores?!...
 Deixar os meus canarios, e cochichos,
 A galinha amarella, e outros bichos,
 Desgraça não será, não será magua
 Que transforme meus olhos em *mãe d'agua*!? (*senta-se
 chorando*)

SCENA VI

D. HYDROGENIA, E JUSTINA MENDES.

JUSTINA.

Princeza, não choreis d'esse feitio,
 Que augmentaes vosso mal, que é ter fastio.

Eu venho consolar-vos n'essa pena,
 Que não tem mesmo nada de pequena.
 Consultei uma *sabia* feliceira,
 Chamada Rosa Brites Cavaqueira,
 A qual me fez saber, dando-me *coques*
 Por artes de berliques e berloques,
 Que a pena que soffreis, tão deshumana,
 Não pode durar mais d'uma semana.

D. HYDROGENIA.

Não acredito a bruxa... é mentirosa...
 Não tem fim esta sorte lastimosa!

JUSTINA.

Deveis acreditar que o mal acabe;
 A velha que assim diz, é porque o sabe.

SCENA VII

OS MESMOS, E D. SONECA.

D. SONECA (*para a princeza*)

Queira-me acompanhar ao calaboiço.

JUSTINA.

Vem *flar* a princeza! Oh! ceos! O que oiço!!

D. HYDROGENIA (*com valor*)

Estou prompta a seguir-vos com presteza.

JUSTINA (*agarrando-se á princeza*)

Mas eu é que não deixo ir a princeza!...

D. SONECA.

Menina, não se faça valentona,
 Que leva já d'aquí uma taponna.

JUSTINA (*gritando*)

Não a deixo levar para a prisão!

SONECA.

Ora você verá se vae ou não. (*agarra a princeza por
 um braço, arrasando com ella Justina Mendes*)

D. HYDROGENIA.

Direi que o meu valor é infinito
 Se me não der agora um faniquito!

Cae o panno.

ACTO II.

(Masmorra escura, apenas allumiada por um candeeiro de folha com magra torcida. D. Taroco amarrado por um pé com pesado grilhão, que prende a uma argola.)

SCENA I

TAROCO (só)

Que é feito do meu sceptro respeitado?!
Do meu regio poder assignalado?!
Que é feito do meu throno, onde, fervente,
A minha patria amei, e a minha gente?!
Que é feito da princeza idolatrada,
Que sabia tão bem guizar dobrada?!...
Que sabia com seu meigo feitiço
Os extremos pagar do meu derriço?! (*mudando de tom*)
Tudo perdido é já... 'stou de gaiola,
Como um porco amarrado a uma argola!
Perdi mesmo da esp'rança a luz tão bella...
Agora a minha luz... é só aquella. (*apontando para a
candêa*)
De que horriveis tormentos 'stou cercado
N'esta feia masmorra! Desgraçado!!...

Aqui o dia passo entre tristezas,
 Supportando do fado as mil durezas!...
 Já não posso em manhã serena e bella
 Ir ao campo escutar da philomella
 Os gorgeios d'amor *repenica'os* ;
 Nem ver os passarinhos engraçados,
 Que, lidando nos seus doces trabalhos,
 Os ninhos vão formar de cascas d'alhos!...
 A' noite dormir quero... qual historia!
 De continuo me assaltam a memoria
 Mil phantasmas d'horror, horripilantes ;
 E, fazendo galhofa os laes tratantes,
 A's vezes me não matam por um triz
 Dando-me piparotes no nariz !
 Outras, feios gigantes amarellas,
 Com mãos crueis me travam dos cabellos,
 E subindo-me ao ar, sem compaixão,
 Vão comigo fazer *tão-ba-la-lão!*
 Mil espéctros sinistros e mirrados,
 Fazendo-se comigo mal creados,
 Por escarneo, por birra, por chacota
 Em torno de mim dançam a gavota,
 E me obrigam tambem a dar pinotes
 Ao som d'um berimbau e dois fagotes!...
 Com isto, sobretudo, eu muito zango,
 Porque nunca dancei mais que o fandango !
 E para isto nasci... e tive um throno,
 Que vae passar agora a outro dono !!
 E não heide eu chorar n'esta desgraça? (*em tom heroico*)
 Não — que os heroes não choram, nem por graça.

SCENA II

D. TAROCO, E CHUMECO, que traz um prato e uma garrafa.

CHUMECO (*pondo no chão o que traz*)

Aqui tem os feijões, — são carrapatos, —
 Com o seu competente mata-ratos.

D. TAROCO.

Triste sorte a d'um rei, que não governa,
Sustentado a petiscos de taberna!
Trazeis tão pouquinho... eu tenho fome:

CHUMECO.

Pois saiba que isto só é quanto come;
E tenha paciência, meu amigo,
O rei não manda dar nem mais um figo.

D. TAROCO.

Tirae-me esta cadêa, por piedade,
Porque quero *trincar* mais á vontade:
Receio não tenhaes; d'aqui não saio,
Logo o pé vos darei qual papagaio

CHUMECO (*tivando-lhe o grillão*)

E diga que não tenho uma alma nobre...

D. TAROCO (*dando-lhe dinheiro*)

Aqui tem trinta réis, não ha mais cobre.

CHUMECO (*á parte*)

E' preciso ir ganhando a sua estima,
Pois se torna a ser rei eu fico em cima. (*a'to*)
Se você me quizer dar p'ra a pescada
Vou buscar-lhe a princeza encarcerada,
E podem conversar nos seus amores.

D. TAROCO.

Eu saberei pagar tantos favores!

(Sae Chumeço.)

SCENA III

D. TAROCO (*só*)

Vou fallar á princeza... que prazer!
Té perdi a vontade de comer!...

Perdi. . . que um coração que amor abriga
Falla muito mais alto que a barriga! (*pausa; mu-la de tom*)

Ao menos se não entro com a papa
Sempre é bom ir provar d'esta zurrapa. (*bebe, faz uma careta e apalpa a barriga*)

De tal maneira as tripas me remexe,
Que julgo que elle tem pau de campeche . . .
Mas, enfim, sempre é vinho, o nome basta,
Muito embora elle seja de má casta
Não é p'ra desprezar. . . (*escutando*) Eu sinto passos. . .

SCENA IV

D. TAROCO, D. HYDROGENIA, E CHUMECO, que se retira.

D. TAROCO (*co-rrendo a abraçar a princeza*)
Princeza! Meu amor! Vem a meus braços! . . .
Consola-me esta vida de amarguras! . . .
Por momentos, abranda as penas duras
Que me fazem o peito n'um frangalho! . . .
Minhas miaguas cenligo agora espalho!!
Só de ver os teus olhos scintillantes
Julgo-me tão feliz como era d'antes
Sentado no meu throno! . . . tu me fazes
Esquecer estas dôres, que, vorazes,
Me tornam esta vida apoquentada! . . .
Sim, formosa princeza idolatrada,
Tu és a cataplasma de linhaça,
Que curas minha dôr de tão má raça!

D. HYDROGENIA.

Mal pensas quanto tenho padecido
Longe d'esses teus olhos, meu Cupido!
Dentro d'uma prisão egual a esta,
Onde a luz vem escassa d'uma fresta,

Tenho soffrido fome... e até *lambada*
Por não querer trahir a fé jurada!

D. TAROCO.

Heroína sem par! Digna do throno!

D. HYDROGENIA.

Não me deixam dormir, se tenho somno...
Não me deixam sentar, se estou cansada...
E, quando mais me sinto enfastiada,
Não consentem que eu cante o *Rigoletto* ..
E p'ra o martyrio se tornar completo
Nem me querem mandar o meu piano. (*chora*).

D. TAROCO (*em delirio*)

Oh! rei sem coração! Oh! rei tyranno!
Oh! tu que tens de humano o gesto e o peito,
Se é de humano matar por este gesto
Uma nobre princceza tão formosa!! (*pausa*)
E não' ter eu poder na mão raivosa
Para arrombar d'um murro esta prisão,
E atirar co' uma casca de melão
Ao nariz do cruel, que nos ultraja!!...
Que para me vingar um Deus não haja!...
De que te serve, ó Jupiter, o raio,
Que empunhas n'essa mão?! És um *pangaio*
Se não lanças no abysmo aquella fera,
Que nossos corações assim lacera!
De que te serve o nome de sob'rano,
Se de braços cruzados vês o damno
Da triste humanidade?! Ardor recobra,
Não te faças mais molle do que uma abob'ra!
Se Vulcano não tem raios á venda,
Manda fazer um raio *d'encommenda*,
E castiga o dragão! O dragão macho!
Se és deus, és vingador — dá-lhe p'ra baixo!!!
Oh! raiva!... Oh! desespero! Eu enlouqueço!!

D. HYDROGENIA.

Os tormentos do inferno aqui padeço ;
 Mas tudo soffrerei... té mesmo a morte,
 Sem deixar de mostrar animo forte ;
 Não poderão promessas nem rigores
 Quebrar a fé jurada aos meus amores...
 Té mesmo co' uma faca na garganta,
 Direi : — eu te delesto Carapanta !

D. TAROCO.

Oh ! puro deus d'amor, que não fizeste
 Um par de corações egual a este !

D. HYDROGENIA.

No fatal, volumoso *cathamaço*
 Negio fado escreveu com penna d' aço
 Nosso cruel destino... e o que elle risca
 Não se pode raspar nem se rabisca !
 E' forçoso soffrer... sofframos, pois,
 Até que a morte dê cabo dos dois !

D. TAROCO.

Seria o meu tormento menos forte
 Se pudesse a teu lado esp'rar a morte...
 Se pudesse no trance derradeiro
 Ouvir-te, inda uma vez, tocar pandeiro,
 E cantar as modinhas hespanholas,
 Ao som das quaes dancei com castanholas !...
 Seria até feliz... mas pouco tarda... .

D. HYDROGENIA.

Vou deixar-te, meu bem... lá vem o guarda.

SCENA V

OS MESMOS, E CHUMECO.

CHUMECO (*á princeza*)

E' preciso, senhora, retirar, (*aos dois*)
 A'manhã fallarão com mais vagar

D. TAROCO.

Como rapidos voam os instantes,
Que teem de consolo dois amantes,
Que se adoram com puro amor fervente!

CHUMECO.

Assim ouço dizer a muita gente.

D. HYDROGENIA (*soluçan'lo*)

Oh!... falta-me o valor na despedida!...
Adeus!... Adeus, amor!... Vou de partida!...
Adeus!... Adeus!... Adeus!... Adeus final!... (*abra-
çam-se*)

D. TAROCO.

Adeus, joia d'amór sem um rival!...
Oh!... jámais os meus olhos lacrimosos
Verão esses teus olhos, tão formosos,
Única luz, que a vida me encantava!...
Jámais verei o rosto, que eu amava,
E aonde, dardejando agudas frechas,
Amor vinha poisar sobre as bochechas!
Jámais os meus ouvidos malfadados
Ouvirão os accentos aflautados
Da tua doce voz, sonora e meiga,
Mais branda... muito mais do que manteiga!...
Jámais serei feliz... que venha a morte!

D. HYDROGENIA.

E' forçoso soffrer a lei da sorte!

D. TAROCO.

Ninguem a pode ter mais negra e adversa!

CHUMECO

Então quando se acaba essa conversa?

D. TAROCO (*abraçando a princeza*)

Adeus!... Morro de dôr!... de dôr espichas.

D. HYDROGENIA (*soluçando*)

Adeus!... meu caro amor!... saude e bichas!

(Chumeco conduz a princezá ao seu carcere e volta á scena.)

CHUMECO.

Dê cá o pé, papagaio.

D. TAROCO (*dando-lhe o pé*)

Aqui o tem.

(Chumeco prende-o com o grilhão e sac.)

SCENA VI

TAROCO (*só*)

Mais desgraçado que eu não ha ninguem...
 Não ha no mundo um triste a quem a sorte
 Flagelle com rigor mais impio e forte!!
 Se eu podesse cortar n'este momento
 A' vida malfadada o fraco alento...
 Se eu podesse, empunhando uma navalha
 As guelas cortar... (*mudando de tom*) Até me falha
 No tormento, que soffro, esse consola!!
 Fui um pedaço d'asno, fui um tolo
 Em não trazer comigo coisa alguma,
 Que podesse matar: — uma verruma,
 Um espeto, um estoque, uma sovela,
 Uma coisa qualquer com que a guela
 Furasse, com valor, de banda a banda!... (*reflecte*)
 E' tentar contra a vida, acção nefanda... (*com reso'ução*)
 Mas que importa?! E' receita de Catão,
 Que um piegas não foi, não foi poltrão!
 Sim, eu quero matar-me... (*abatido*) mas não posso.

SCENA VII

D. TAROCO, E D. CARAPANTA.

D. CARAPANTA (*ironico*)

Venho saber que tal te soube o almoço...
De saude, *patrão*, como vae isso?

D. TAROCO (*á parte*)

Inda aqui me apparece aquelle ouriço! (*alto*).
Vens, cruel, recrear-te na tua obra?
Oh! tu és um traidor, és uma cobra...
És ainda mais fero, mais cruel
Que a cobra, que se diz de cascavel!
És panthera feroz, que a gente investe,
Merecias a gaiola que me deste!

D. CARAPANTA.

Que é feito do teu throno, D. Taroco?
Que é feito do teu sceptro, meu samouco?...
Que é feito d'essa c'rôa respeitada,
De rubis, e saphiras cravejada?...
Que é feito do poder, que tinhas d'antes
Nos teus grandes exercitos chibantes?
Que é feito da princeza d'Arrentella,
Que assim te fez cair n'esta esparrella? (*rindo*)
Perdeste tudo... tudo... és mesmo um panga

D. TAROCO (*á parte*)

Que tal 'stá o maroto!... ainda manga!

D. CARAPANTA.

A princeza, que amavas loucamente
E' minha... o seu amor heide, contente,
Gozar... nos braços d'ella mil ternuras,
Mil seductoras glorias e venturas
A sorte me promette pura e branda...
E tu... morres ahi de cara á banda.

D. TAROCO.

Não creias, Carapanta, que a princeza
 Jámais por ti d'amor se sinta accessa ;
 Não creias que esse peito nobre e puro
 Palpite por te olhar. . . fica seguro
 Que só despreso e odio haşde alcançar
 D'aquella que me tem amor sem par.
 Constancia me jurou, jurou-me d'alma,
 N'um dia de verão, de muita calma,
 Que só eu gozaria os seus encantos. . .
 E não podem teus rogos nem teus prantos,
 Nem mesmo teu rigor, brutaes cruezas
 Vencer a mais formosa das princezas,
 Que o puro deus d'amor me destinava. . .
 Jámais a teu desejo a vês escrava . . .
 Jámais lhe roubarás á honra o briiho
 Nem que o peito lhe fures co' um pampilho !

D. CARAPANTA.

Que dizes, meu pacovio ? Heide rendel-a ;
 Ou ternura ou rigor hade vencel-a.
 Que importa que a princeza, por loucura,
 Te jurasse paixão constante e pura ?
 Acreditar, acaso, ainda queres
 Nos protestos, que fazem as mulheres ?
 Não sabes que a que jura com mais força
 Ao amante faz dar pulo de corça ?
 Não sabes que a que diz ser verdadeira
 Jura terça, e perjura quarta feira ?
 Se o não sabes, se pensas a'outra sorte,
 Tens pancada na mola, e muito forte.
 E vê que de meu throno o luzimento,
 As galas de um cortejo d'espavento
 Podem bem seduzir. Crê que a princeza
 Gosta bem de folia, e de grandeza ;
 E eu heide preparar-lhe mil recreios,
 Mil festas, mil *soirées*, e mil passeios,

Heide comprar-lhe um trem d'alto estadão,
 E uma vistosa saia de balão.
 Heide comprar-lhe á moda uns borzequins,
 E leval-a a Lisboa aos arlequins,
 P'ra ver dançar na corda, divertido,
 O palhaço melhor, que temos tido,
 Palhaço, que, se apura as baboseiras,
 Alcança as nobres palmas das trincheiras.
 Tambem heide leval-a a ver a phoca,
 Que, mettida n'um tanque d'agua choca,
 A' voz da dona sempre obediente,
 Faz d'assombro pasmear a toda a gente ;
 E (caso d'espantar mesmo o careca !)
 Engole d'un a vez uma faneca !
 Finalmente, heide dar-lhe mil presentes,
 Fausinhos de pomada, escovas, pentes ;
 E este meu coração — obra de apuro —
 Sem mascarras em si, limpinho e puro,

D. TAROCO.

Quanto aposta você que não alcança
 Aquelle coração de ovelha mansa ?

D. CARAPANTA.

Aposto a minha caixa de tabaco,
 Que tem aqui pintado este macaco. (*mostrando a caixa*)

D. TAROCO.

E eu aposto a cabeça toda inteira,

D. CARAPANTA.

Não podes apostar essa caveira ;
 Ella já não é tua, agora é minha,
 E heide-a pôr a queimar como uma piaba.

D. TAROCO.

Mata-me, sim, terrivel Carapanta,
 Que nada de temor me assarapanta.
 Inventá mil tormentos exquisitos. . .
 Que, nem vendo em azeite os membros fritos,

Nem sentindo um punhal romper-me o peito,
 Nem vendo o coração em postas feito,
 Soltarei um só ai. Põe-me guizado,
 Transforma-me n'um *beef* bem torrado,
 Que, ardendo em labaredas sobre a grelha,
 Sangue frio terei... constancia velha!

D. CARAPANTA.

Maior tormento o meu rancor inventa...
 Dôr mais forte, mais negra, mais cruenta
 A morte te dará. Heide mandar
 De banda a banda o peito teu passar
 Com agulha, e cordel bem enfiado,
 Que, por alguém depois sem dó puxado,
 Fará que entre mil dôres, sem demora
 Te saia o coração p'la bocca fóra,
 A' maneira da rolha, que se safa
 C'um cordel p'lo gargalo da garrafa!

D. TARÇO (*á parte*)

Oh!... aquelle tormento me arrepiã! (*a'to*)
 Oh! fera carniceira a mais bravia,
 Que tormento cruel que imaginaste!...
 Queres d'este meu peito co' um guindaste
 Tirar-me o coração pelo pescoço,
 Como se tira o balde d'algum poço! (*arrepiando-se*)
 Ah!... meu sangue se gela... todo esfrio...
 Sinto n'alma um terrivel calafrio...
 O cabelo se eriça... a voz me treme...
 O coração não bate... o heroe já teme! (*abaixado*)

D. CARAPANTA (*regosijando-se*)

Ah! já tens medo? Já não tens chibança?
 Já tremes como treme uma creança?!
 Sabe que a dôr que tens d'alma no centro
 Regala-me este peito cá por dentro.
 E adeus... eu corro aos braços dá princeza,

Que se esquece de ti... e tem certeza
 Que ella dizendo está co' os seus botões
 Que na troca lucrôu dos corações. (*sae*)

SCENA VIII

D. TAROCO (*só*).

A coragem ña dôr, já, ja me falta...
 O valor de meu peito *fez-se á malta!*
 E eu que pensava ser homem devéras,
 Ter coração d'heroe d'antigas eras,
 E sinto-me tremer, p'la dôr prostrado,
 Co'o sangue em limonada transformado! (*tentando recobrar o animo*).

Singue de meus avós, que em mim circulas,
 Vê se aqueces nas veias, vê se pulas...
 Corre-me ao coração, que a dôr esmaga!
 Dá-lhe força, valor, cura-lhe a chaga,
 Que tão funda lhe abriu um rei bravio!...
 Aquece — p'ra que eu morra a *sangue frio*;
 E no arranco fatal e derradeiro,
 Vendo á vida apagar-se o *candzeiro*,
 Diga: — adeus, oh triste mundo de miserias,
 Mistura de folia... e coisas sérias!

SCENA IX

(Ouve-se rumor; pouco depois entra D. Seringa Patão.)

D. TAROCO, E D. SERINGA PATÃO.

D. TAROCO (*espanado*).

Que vejo! Estlou sonhando, ou acordado?!
 E' Seringa Patão quem tenho ao lado?

D. SERINGA PATÃO.

E' elle todo inteiro, D. Taroco,
Sem lhe faltar em si muito nem pouco.

D. TAROCO.

O que vens tu fazer a este lugar?
Dize, como pudeste aqui entrar?

D. SERINGA PATÃO.

A porta da prisão é mal segura,
E abri co'este preguinho a fechadua. (*mos'tra um enorme prejo*).

D. TAROCO.

Vens, acaso, pôr termo á sorte adversa...

D. SERINGA PATÃO.

Venho só dar dois dedos de conversa,
E da minha prisão tomo o caminho
Para ir festejar o S. Martinho.

D. TAROCO.

Vê se inventas alguma astucia agora
Com que me faças pôr d'aqui p'ra fora.
Olha... não sabes, não... nem imaginas,
Que penas tão crueis, e tão mofinas
Tenho soffrido aqui! Tenho passado
Noites, dias chorando este meu fado...
E a dôr, que me flagella, que me mata,
Meu rosto transformou n'uma cascata!...
Vê como estou tão magro... tão mirrado...
Eu, que d'antes fui gordo e anafado!

D. SERINGA PATÃO.

Pois eu tenho passado na prisão
Os mais alegres dias de funcção.
Se não fosse o perder a liberdade
Viria aqui assim como um abbade.
E' amigo o ratão do carcereiro;
E como lhe vou dando algum dinheiro,

Ao jantar não me falta a petisqueira :
 — Sôpa de macarrão, carne da Beira,
 Mais hervas, e mais tal. . . prato do meio,
 Um frangainho, ou dois, com seu recheio ;
 E vinho, que, se não é dos melhores,
 Tenho bebido já coisas peiores.
 O'he — p'ra lhe fallar livre de peta —
 Levo aqui uma vida de *chupeta*.
 Tenho aprêndido aqui com certo panga
 A fazer pulseirinhas de missanga. . .
 Canto com o criado pae *Faxico*. . .
 Danço á noite o lundum. . . tomo o meu bico. . .
 Depois vou-me deitar, sonho *delicias*. . .
 Sonho co'o exercicio das milicias. . .
 Acordo de manhã mui socegado,
 Mato o *bicho*, e já tenho preparado
 Chásinho muito bom, bellas torradas,
 Com optima manteiga besuntadas. . .
 Mais isto, e mais aquillo ; e, finalmente,
 Um almoço do tom, — muito decente.
 Como com appetite de camello,
 E (vergonha será talvez dizel-o)
 Heide sair d'aqui tão anafado
 Como um porco, que sae d'um bom montado.

D. TAROCO.

Podes tu ter prazer n'esta masmorra ?

D. SERINGA PATÃO.

Meu fado é ser alegre até que morra ;
 E uma vez que não falte a petisqueira
 Entendo que a tristeza é uma asneira.
 Não se apoquente, excelsa magestade,
 Ponha o seu coração mais á vontade,
 E acostume-se a estar n'esta gaiola. . .
 Faça de conta que é canario ou rôla.

D. TAROCO.

Posso, acaso, deixar de sentir n'alma
 Uma terrivel dôr, que não se acalma,
 Esp'rando por momentos cruel morte?
 Acaso ha coração tão duro e forte,
 Que não succumba á dôr n'estas alturas?

D SERINGA PATÃO.

Isso agora é mais serio! Entre torturas
 Vos querem extinguir o alento á vida?!

D. TAROCO.

A voz do rei, por mim ha pouco ouvida,
 Disse que ia mandar já, sem demora,
 Tirar meu coração p'la bocca fora!

D. SERINGA PATÃO. (*ar. epian. lo se*).

Safa! Tormento equal jámais se viu!
 Que patife cruel, que me saiu
 Aquelle Carapanta do Barreiro!...
 E' um feroz abutre carniceiro!
 Quer tirar-vos p'la bocca o coração!!
 Merece privilegio de invenção
 Uma tão exquisita crueldade! (*pausa*).
 Eu quizera chorar, sim, na verdade,
 Vossa sorte cruel, que causa espanto...
 Porém o coração, rebelde ao pranto;
 Não consente que eu faça caramunha;
 Jámais eu de chorão terei a alcunha.
 Mesmo quando em pequeno andei na escola,
 E que o mestre brutal, sabio farçola,
 Castigando-me a falta de memoria,
 Me estalava nas mãos co'a palmatoria,
 Jámais uma só lagrima soltei.
 Quero chorar por vós... mas se eu não sei.

SCENA X

OS MESMOS, E D SONECA.

D. SONECA (*entrando apressado*).

Escutae, D. Taroco... e vós Patão,
Quereis sair já, já d'esta prisão?

D. TAROCO, E PATÃO.

Se queremos sair?! Oh! quem nos dera!

D. SONECA.

'Stou disposto a salvar-vos...

D. TAROCO.

Sem espera...

Saiamos já d'aqui, meu bom Soneca,
Senão vão-me matar... leva-me a breca.

D. SONECA.

Com uma condição: — quero primeiro
O tit'io de barão e algum dinheiro.

D. TAROCO.

Dou palavra de rei... vê que não falho.

D. SONECA (*batendo nos copos da espada*).

'Stá ao vosso dispôr o meu chanfalho. (*solta-o do grilhão*).

A' patria, e ao meu rei vou ser traidor...

Vou pelejar por vós com todo o ardor...

Vou já do pé p'ra mão fazer *bernarda*,

E o sceptro de meu rei fica em mostarda.

Sei que da minha patria sou maldito...

Porém o ser barão é tão bonito!!

D. TAROCO (*abraçando-o*).

E's no mundo a melhor das creaturas!

D. SERINGA PA-LÃO (*áparte*).

Quanto vale um traidor n'estas alturas!

SCENA XI

OS MESMOS, E CHUMECO, correndo assarapantado.

CHUMECO.

A porta da prisão vejo arrombada!...
 Ai! que temos aqui grande tratada! (*gritando*)
 Oh da guarda! Oh da guarda! Sem demora,
 Acudam, que estes melros vão-se embora!...
 Acudam, que lhe abriram a gaiola!

D. SONECA (*para Chumeco com voz forte e fircando o dente*).

Cala-te, que te quebro essa cachola!
 Ponho-te um pé no bucho, e te esborracho
 Como lá no lagar se espreme um cacho!
 Olha que para mim és um boneco,
 E que podes deixar de ser Chumeco...
 Repara que sou eu que assim te fallo. (*arremçando-o*).

CHUMECO (*recuando assustado*).

Oh! tende dó de mim... eu já me calo.

D. SONECA (*para Chumeco*).

Vae, que te mando eu, com ligeireza
 Abrir o negro carcere da princeza,
 E traze-m'a aqui já.

CHUMECO (*saindo*).

Eu vou depressa... (*áparte*).
 Vou ficar d'esta vez sem a cabeça.

(Chumeco sae; Soneca segue-o).

SCENA XII

OS MESMOS, E D. HYDROGENIA; NOS braços de CHUMEGO desmaiada.

D. TAROCO.

Princeza! Vamos ter a liberdade!
Partamos d'esta feia escuridade!
Mas qué vejo?! Estás de côr perdida!...
Prostrada pela dôr! N'esta partida
Recobra o teu valor... toma coragem...
Vem gozar o sol puro, e doce aragem!... (tomando-lhe
a mão e beijando-a).

Oh! 'stá fria de neve... 'stá gelada!...
Falla, joia d'amor idolatrada!... (afflicto).
E não haver aqui algum soccorro!...
Dize, dize o que tens, senão eu morro.

D. SONECA (tomando o pul o).

Apenas um desmaio, coisa leve,
Com agua sedativa passa breve.

D. TAROCO.

Que fado tão cruel!... que sorté a minha!...
Como hade ella partir?...

D. SONECA.

De cadeirinha.

Partamos. — Meu valor aqui emprégo. —
A noite mais escura do que um prégo
Nos protege. A empresa é arriscada,
Mas os peitos de heroes não temem nada:
Lá em baixo nos esperam junto á praia
Dois pescadores d'atun n'uma catraia.
Partamos, que amanhã de madrugada
Hade o sangue correr n'uma enxurrada! (para Taroco).

Recobrareis o vosso alto brasão,
E eu vou ter dinheiro, e ser barão.

(D. Soneca e D. Seringa Patão formam cadeirinha com as mãos ;
Taroco e Chumeco ajudam a sentar a princeza).

(Saem todos, menos Chumeco).

CHUMECO.

Quando o rei tal souber vejo-me em pancas!.. ,
Que heide eu fazer agora ? (*depois de reflectir*) — Dou ás
trancas.

(Sae correndo).

Cae o panno.

ACTO III.

Palacio de D. Taroco no Seixal : sala regia completamente decorada. Throno á direita : tropheos nas paredes, etc.

SCENA I

D. SERINGA PATÃO, E D. SONECA.

D. SONECA.

Vencemos. Eu não disse, D. Patão,
Que p'ra fazer *bernarda* era um pimpão ?!
Não é esta a primeira por mim feita,
Por isso com proveito uso a receita.
Não ha no mundo quem para a desordem
Saiba arranjar as coisas com mais ordem.
Disse : — vamos vencer — e foi n'um prompto.

D. SERINGA PATÃO.

Podes mostrar basofia n'esse ponto,
Pois bem rapido foi nosso triumpho ;
E já vejo que és um grande trunfo,

Que o jogo dos parceiros ensarilha.
 Quem te possue faz vaza : — és a *espadilha*.

D. SONECA.

Na tropa de meu rei eu tinha imperio :
 Corri pelos quarteis, fallei-lhe *serio*,
 Prometti promoções, habitos, fitas,
 E seduzi com coisas tão bonitas
 Aquelles *nobres* peitos. E fiz mais :
 Com ôcas phrases chulas, e banaes,
 Persuadi áquella gente toda,
 Que o ser traidor á patria estava em moda.
 A' hora que marquei toca a rebate,
 E tudo sae em ordem de combate ;
 Monto logo no meu burro cinzento,
 E, commandando o ousado movimento,
 Na frente me colloco dos soldados,
 Promptos a combater como damnados...
 Promptos a darem alma e vida ao *diacho*
 Por ver cair seu rei do throno abaixo.
 Alguns lhe são fieis, mostram bravura,
 E querem deitar agua na fervura ;
 Porém, como mestrão n'arte da guerra,
 Em breve fiz a todos comer terra ;
 E com guerreira audacia desmedida,
 Manejando, sem susto, a espada erguida,
 Fiz, por sabia manobra combinada,
 Pôr toda aquella sucia em retirada.
 Chamaram-me traidor á patria, e ao rei,
 Mas deixei-os fallar, porque bem sei,
 Que quem da honra o caminho não entorta,
 Jámais pode passar da cepa torta.

D. SERINGA PATÃO.

Sím, valente Soneca, é bem pensado.
 Quem a *mania* tem de ser honrado,
 Supporta n'este mundo mil torturas,
 E não pode subir certas alturas :

Vive qual pobre Job no mundo ingrato,
Morre como na lama o carrapato.

D. SONECA.

Agora espero, em premio da traição,
O titulo pomposo de barão :
— Sem o ter a minh'alma não repouisa.

D. SERINGA PATÃO.

Mereces ser barão de qualquer coisa ;
E o rei, que teus serviços avalia,
Vae pagar-te com larga bizzarria.
Verás em teu brazão *escarranchados*
Tres ursos, e dois gatos assanhados,
E, em fundo carmezim, pintado a colla,
Seis camarões cercando uma santola.

D. SONECA.

Isso deve ser bello e magestoso,
E eu pela nobreza sou *baboso* !. . .
Sou !. . . que um tit'lo pomposo e sublimado
E' qual outro pastel com bom folhado.
Ninguem dirá que os meus antepassados
Jazem no esquecimento sepultados. . .
Ninguem dirá que, pobres e mesquinhos,
Dentro de frageis barcos, coitadinhos,
Affrontaram do mar as iras feias
Na pesca dos atuns, e das baleias. . .
E se alguem tal disser . . .

D. SERINGA PATÃO.

Diz a verdade.

D. SONECA. . .

Mas eu heide-o matar !

D. SERINGA PATÃO.

Isso á vontade.

SCENA II

OS MESMOS, E D. MANHOSO.

D. SONECA.

D. Manhoso por cá ! Muito me espanta !
Tambem foste traidor ao Carapanta ?

D. MANHOSO.

E' verdade que fui, meu hom Soneca...
O honrado muitas vezes tambem pecca !
Violen os meus santos juramentos...
Deixei a patria nos finaes alentos...
Fiz um triste pápel — e de quizilia...
E tudo isto porque ?! Por ter familia !

D SONECA.

Não te lastimes ; és um homem serio,
Talvez possas subir ao ministerio.
Ministro foste já d'um rei pod'roso,
Por isso não te choro, D. Manhoso.

D. SERINGA PATÃO.

Quem teve ás suas ordens o thesouro,
Se saiu sem vintem, foi um calouro.

D. MANHOSO (*esquen'ado com a graça*).

O que me diz, senhor ?! Eu sou honrado ;
E estaria em riquezas augmentado
Se autor quizesse ser de vis *maroscas* !...

D. SERINGA PATÃO (*á parte*),

Que idéas tão retrogradadas, e toscas !

D. MANHOSO.

Sempre, limpo de mãos, e sem cubiça,
Mostrei que o meu brazão era a justiça... .

Sim... juro-vos que fiz — e nada frouxo —
Justiça mais direita que um arrocho.

D. SERINGA PATÃO.

Quem sabe no que diz se vae engano...
O senhor foi ministro mais d'um anno,
Teve tempo de encher mui bem o sacco.

D. MANHOSO (*tomando o caso a serio*).

Não me insulte, senhor, que eu encavaco!
Respeite-me estas barbas tão honradas,
Não me diga graçolas tão pesadas,
Que as não posso soffrer a sangue frio!...
Não queira denegrir a honra e brio
De quem tanto lhe importa a voz da fama!

D. SERINGA PATÃO (*á parte*).

E' igual n'esse ponto a qualquer dama,

D. MANHOSO.

Sou pobre... como são tantos honrados;
E na tumba dos *bons gatos pingados*
Irei parar por fim ao cemiterio!...

D. SERINGA PATÃO (*para Soneca*).

Este homem, D. Soneca, falla serio?

D. SONECA (*para Seringa Patão*).

Talvez; mas no que diz, comtudo, assento
Se lhe deve abater trinta por cento.

(Ouve-se ao longe o toque de clarins).

D. SERINGA PATÃO.

Não ouves, D. Soneca, esta harmonia? (*indo a uma janella ao fundo da scena*).

Lá vem o rei com toda a fidalguia,
Em frente do cortejo mais brilhante... (*apontando*),
Repara na princeza tão chibante...

Repara como os dois, que dão os braços,
 Acertam pela musica os seus passos.
 Olha o povo agrupado, em movimento,
 Mostrando seu real contentamento!...
 Olha como celebram a victoria
 D'um rei, que quer na patria ver a gloria
 Alegria não ha mais verdadeira!

D. SONECA.

Deus queira que ella chegue a quarta feira!

D. MANNOSO.

O povo vê cumprido o seu desejo.

D. SONECA.

P'r' aqui caminha o rei e seu cortejo.

SCENA III

OS MESMOS, D. TAROCO, D. HYDROGENIA, GINERAES,
 CAMARISTAS, PAGENS, etc.

(Em frente do cortejo um palhaço tocando flauta. Dão tres voltas
 á roda da scena cantando o seguinte).

Côro.

Viva o rei tão caro
 Nosso protector,
 Delicias da patria,
 Dos povos amor!

Entre nós já vemos
 O rei desejado,
 O sabio Taroco,
 Por nós respeitado.

O fado cruel
 A birra perdeu
 O nosso rei caro
 De novo nos deu. -

Viva! Viva! Viva!
 O sceptro real!
 Viva a liberdade
 Do nosso Seixal.

D. TAROCO (*com amabilidade*)

Illustres cidadãos, eis-me de novo
 Nos braços carinhosos de meu povo.
 Negro fado cruel, que embirra ás vezes,
 Me poz longe de vós por quatro mezes.
 Não chorei ver perdido o regio mando,
 Mas ver o triste povo agonisando,
 Ver acceso da guerra o negro facho,
 E a patria a caminhar por agua abaixo!
 Sim, confesso, chorei, p'la vez primeira,
 Com magoa bem profunda e verdadeira.
 Mas tudo já lá vae, hoje, contente,
 Estou, como se diz, *co' a minha gente.* (*mostrando a prin-*
ceza)

Aqui tendes a joia pura e bella,
 A formosa princeza d'Arrentella. . .
 Chorou muito por vós, fez caramunha
 Porque tornar a ver-vos não suppunha. (*mostrando D.*
Soneca)

Aqui tendes tambem a D. Soneca,
 Heroe, que leva tudo com a breca
 Quando empunha a terrivel durindana,
 E n'um lombo qualquer toca a pavana:
 A elle é que se deve, lamsómente,
 O triumpho sem par da nossa gente.

D. SONECA.

Agradeço, meu rei. O meu consolo
 Sempre foi dar lambada, e dar carolo;

E contae com a minha forte espada,
 Dos louros da victoria sempre ornada.
 Não tendes que temer : eu affianço
 Que não terá vosso throno outro balanço.
 Dediquei-vos meu nobre coração.

D. SERINGA PATÃO (*áparte*)

Estás prompto a fazer equal traição
 Se alguém te prometter quantia grossa.

D. TAROCO.

Celebre-se a victoria : — á patria nossa
 Ella vem prometter progresso e luz.
 A doce paz, mais doce que alcaçuz,
 Entre nós vem reinar. Ordeno agora
 Que comecem domingo, a qualquer hora,
 Estupendas funcções por toda a parte :
 Arcos mil triumphaes, primores d'arte,
 Se vejam pelas ruas da *cidade*
 Com vistosos festões em quantidade.
 Marmoreós pedestaes, todos diff'rentes
 Com airoas figuras, mas decentes,
 Digam na base em verso redondilho
 Accções, que á patria deram tanto brilho.
 A' noite quero ver, de côres varias,
 Por toda a parte immensas luminarias,
 Balões, cacos com sebo, mijaretes,
 Bichas, valverdes, bombas e foguetes ;
 Dez bandas marciaes, marchando em forma,
 Tocarão com primor peças da Norma,
 Cruzando a rua em varias direcções ;
 Ao ar hãode subir quatro balões
 Co' os nomes de meus fortes generaes.
 Em primorosas lettras garrafaes. . .
 E, finalmente, a tanto chegue o luxo,
 Que na *praça maior* haja um repuxo,

O qual, para servir de novo enfeite,
 A grande elevação repuxe azeite.
 Em breve vae tambem ser celebrado
 Nosso santo consorcio desejado ;
 N'esse dia darei baile no paço,
 E á côrte real, pão com melaço ;
 Graças farei. . . e, se p'ra tal me der,
 Só não será barão quem não quizer.

CÔRO.

Viva o nosso rei,
 Que augmenta os brazões !
 Sim, todos seremos,
 Seremos barões !

Havendo famosos
 Barões com fartura,
 Vae tudo *n'um sino*,
 A patria fulgura.

Já tudo promette
 Progresso sem par,
 Vae dar leis ao mundo
 O *grande Seixal* !

Viva o nosso rei,
 Que augmenta os brazões !
 Sim, todos seremos,
 Seremos barões.

D. TÁROCO.

Senhores, a cantiga já vae fraca,
 Gelêa ide tomar de mão de vacca.

(Sae o cortejo.)

SCENA IV

OS MESMOS, MENOS O CORTEJO.

D. TAROCO.

Prinzeza, meu amor, olha os vassallos
 Como sentem por nós doces abalos!
 Vê que dita não é a realeza,
 Quando um povo leal, com singeleza
 Lhe tributa, gostoso, affectos d'alma!
 Não ha no mundo, não, mais nobre palma!

D. HYDROGENIA.

Os povos nos adoram, bem o vejo;
 E será sobre o throno o meu desejo
 Formar tão puro amor em puras bases,
 Pois todos elles são bellos rapazes.

D. MANHOSO (*pa a Taroco*)

Que me perdoareis, senhor, confio,
 Se á vossa real conversa corto o fio.
 D. Manhoso, o fiel, por excellencia,
 Se curva a vossos pés com reverencia,
 E com vozes leaes, e tom mui serio
 Vos supplica um logar no ministerio.
 Sustenta pae e mãe... pibre se vê...
 Por isso pede. E receb'rá mercê.

D. HYDROGENIA (*para Taroco*)

Sustenta pae e mãe... por bom o tenho.
 Aceitae-me, senhor, por seu empenho.

D. TAROCO.

Tu m'ó pedes, prinzeza, e isso basta. (*para D. Manhoso*)
 Despacho o requerimento — tens a pasta.

D. MANHOSO (*ajoelhando*)

Permitti que, acceitando, sem mais petas,
 Vos beije, respeitoso, essas *palhetas*. (*erguendo-s2*)
 Sou homem de saber, sou financeiro,
 Té de pedras eu sei fazer dinheiro ;
 E prometto á nação dar sob'rania,
 O progresso animar, pagar em dia.

D. SERINGA PATÃO (*á parte a Soneca*)

Todos elles nos fazem taes promessas.

D. SONECA (*á parte a Seringa Patão*)

E costumam cumpril-as — ás avessas.

D. TAROCO.

Princeza, caminhemos p'ra a cozinha
 F'ra tomar um caldinho de gallinha.

D. HYDROGENIA.

Prefiro antes que seja caldo d'unto ;
 Mas a ser de gallinha, com prezunto. (*saem os dois*)

SCENA V

OS MESMOS, MENOS D. TAROCO, E D. HYDROGENIA.

D. SERINGA PATÃO (*tirando cigarros da algibeira*)
 Vamos nós a tomar uma fumaça? . . .

D. SONECA.

Valeu, diz muito bem, acho-lhe graça.

D. SERINGA PATÃO (*offerecendo-lhe um cigarro*)
 Aqui tem um cigarro do contracto.

D. SONECA (*acceitando-o*)

Optimo deve ser.

D. SERINGA PATÃO.

Não é exacto ;

Tem duas coisas, com as quaes eu ardo ;
 Tabaco mau e podre, e papel pardo. (*para Manhoso of-
 ferecendo-lhe um cigarro*)
 Em off'recer cigarros não sou fraco.
 Aqui tem um, senhor.

D. MANHOSO (*agradecendo*)

Tomo tabaco.

(Os dois accendem os cigarros e fumam.)

D. SERINGA PATÃO.

Então, não sci se sabes, D. Soneca,
 O rei 'stá assanhado como a breca,
 E rosnam por ahi alguns, que intenta
 Dar a morte mais feia e mais cruenta
 Ao teu rei — que já foi — D. Carapanta.

D. SONECA (*friamente*)

E' coisa trivial, nada me espanta.
 Sempre vi n'este mundo, em que me acho,
 O que fica de cima dar p'ra baixo.

D. MANHOSO.

Ah! pobre Carapanta do Barreiro,
 Que morres d'esta vez como um sendeiro ! . . .
 Foste um rei poderoso e respeitado,
 E viste o throno teu sempre cercado
 Por soldados fieis, heroes de cunho,
 Que juravam morrer d'espada em punho,
 Pelejando por ti ! Eu te lamento !
 E vou, cheio de dôr n'este momento,
 Chorar por tuas penas repetidas
 Meia duzia de lagrimas sentidas ! (*chora*)

D. SONECA.

Então, não querem ver esta lembrança ! (*para Manhoso*)
 Chorar por qualquer coisa é ser creança.

D. SERINGA PATÃO.

Ser creança, e piegas; e eu, em vendo
Um ministro a chorar, fico tremendo,

D. MANHOSO.

O heroe tambem chora... e porque não,
Se tem para chorar mais coração?!
Choro aquelle bom rei, que amei devéras,
Que sempre me escutou vozes sinceras!...
Choro aquelle bom rei, que ouvia ás sérias,
E sem desconfiar, as minhas lérias!...
Choro!... e devo chorar magoa tamanha!

D. SERINGA PATÃO.

Pois digo-lhe que o pranto, então, sustenha,
Porque este nosso rei sempre tem fé
Em quem, como o senhor, toma rapé.

D. MANHOSO.

Acaso isso é verdade?

D. SERINGA PATÃO.

E verdadeira.

D. MANHOSO (*com alegria*)

Oh! então já não faço choradeira!
Sou devéras feliz! Que sorte a minha!
Vou arranjar agora outra *egrejinha*!
Viva! Viva o Seixal, que já me encanta!
Morra quando quizer o Carapanta!

SCENA VI

OS MESMOS, D. TAROCO, D. HYDROGENIA, E O CORTEJO.

D. TAROCO.

Sobe ao throno, princeza idolatrada,
Lá tens uma cadeira almofadada. (*sobem os dois e to-
mam assento*)

Soneca, traze á minha real presença
O rei, de quem soffri tamanha offensa.

(Sae Soneca.)

Quero dar-lhe o castigo merecido...
Hade soffrer a sorte do vencido,
Que, em quanto vencedor, se faz cruel.
Da vingança mais negra em negro fel
Este meu coração cae de mergulho!...
No peito hoje me faz atroz barulho
O brado da vingança!... E vou vingar-me!
O braço do algoz, robusto, se arme,
E de um golpe de força desmedida
Aniquile ao perverso a negra vida.

D. SERINGA PATÃO.

Sim! Sim! Deve morrer! A' morte! A' morte!

CORTEJO.

Sim! Sim! Deve morrer! A' morte! A' morte!

CORO.

Sim haja vingança,
Vingança, e não fraca!
Sim, morra o tyranno
De morte macaca!

O braço do algoz
Cruel, e robusto,
O alento da vida
Lhe tire sem custo!

A morte mais feia
Invente o rancor,
Que soffra o perverso
Tormento de horror!

Sim haja vingança,
 Vingança, e não fraca!
 Sim, morra o tyranno
 De morte macaca!

SCENA VII

OS MESMOS, D. CARAPANTA CONDUZIDO POR SONECA,
 E SOLDADOS.

D. TAROCO.

Terrivel Carapanta do Barreiro,
 Mais feroz do que um tygre carniceiro;
 Fizeste-me soffrer negras torturas,
 E inventavas as penas as mais duras
 P'ra me tirar a vida! . . . mas o fado,
 Que a morte me não tinha decretado,
 Cansou de me tratar com seu rigor,
 E um ponto final correu a pôr
 No livro onde o destino me estampava. . .
 E começa a escrever, e em breve acaba
 O capitulo dez da minha sorte,
 Onde diz que ditoso até á morte
 Meu destino vae ser; — por conseguinte,
 Já não temo do fado um novo acinte.
 Minha vida a folgar vae ser *comedia*,
 E não hade acabar como tragedia. (*pausa*)
 Se tu tivesses sido um rei piedoso,
 Em quanto sobre mim foste pod'roso,
 Piedade de ti devera ter. . .
 Mas tu foste um cruel — cruel vou ser.
 Prepara-te p'ra ouvir negra sentença,
 Que cumprida vae ser, e sem detença.

D. CARAPANTA.

Com a morte já conto. . . não me assusto:
 Este peito valente, e tão robusto

Encara-a sem tremer, e sem pavor. . .
 Sobeja-me no peito hoje o valor !
 Mil mortes affrontara, a ser possível,
 Com coragem d'heroe, audacia incrível! (*pausa*)
 Mas sabe que, depois da minha morte,
 Tu, e todos os teus soffrerão corte.
 Uma velha, mui sabia feiticeira,
 Extrahindo um licor da dormideira
 Com elle ungiu a fronte ao meu toutiço,
 E envolveu minha vida em um feitiço
 Terrível para todos, que, por sorte,
 Mè vejam nas crueis ancias da morte !

D. TAROCO.

Não me contes historias — e de bruxas,
 Que assustam só creanças pequerruchas:
 Ouve a tua sentença, que é atroz, (*a um do cortejo*)
 Ó lá ! Ordena o rei : — venha o algoz.

(Sae um.)

D. CARAPANTA.

Não se deve negar ao condemnado,
 Quando para morrer 'stá preparado,
 Um pequeno favor, que o triste implora. . .
 E eu, Taroco, vou pedir-te agora
 Que consintas que n'este possa dar
 Uma descompostura... de rachar. (*apontando para Soneca*)

D. TAROCO.

Consinto.

D. CARAPANTA.

D. Soneca, és um traidor,
 Que accendes n'este peito o meu rancor ! !
 Tu merecias ser em postas feito ! ! . . .
 Faltaste ao juramento. . .

D. SONECA.

Meu proveito.

D. CARAPANTA.

Faltaste ao juramento feito ao rei...
 Calcaste aos pés a patria, e mais a lei,
 Que devias guardar como soldado!!
 Sim... tu foste o cruel, o desalmado,
 Que, armando o fero braço traiçoeiro,
 Deste o golpe fatal no meu Barreiro...
 E a mim, que te amei tanto, dás a morte!...
 Mas'ouve a minha voz, que se ergue forte
 P'ra castigar um vil, um bigorrilhas,
 Que o meu sceptro de pau fez em estilhas!!
 És um grande patife! És um maroto,
 Que saltaste, qual negro gafanhoto,
 Nas entranhas da patria! Ouve, Soneca...
 Tu, e todos que vês leva-os a breca!
 E sabe que, até mesmo sepultado,
 Não terás um momento descansado;
 Que a minha sombra irada — fallo serio —
 Hade ir mangar contigo ao cemiterio!

D. SONECA.

Não tremo nem de medo, nem da affronta. (*á parte*)
 'Stás ahi, 'stas levando a tua conta.

SCENA VIII

OS MESMOS, E O ALGOZ, que traz um enorme saca-rolhas.

D. TAROCO (*para o algoz*)

Empunha esse terrivel saca-rolhas,
 Que de sangue tingiram negras bolhas,
 E nas costas do fero Carapanta
 Embebe-o com vigor, com força tanta
 Que lhe tires a vida n'um momento;
 E depois, fazendo este movimento, (*indica o movimento
 que se dá ao saca-rolhas*)

Os pés finca no chão, puxa ligeiro,
E' o feroz coração lhe arranca inteiro.

(O algoz mette-lhe o saca-rolhas pelas costas, e tira-lhe o coração, que sae ardendo em uma chamma enxofrada; todos tosem violentamente.)'

D. TAROCO (*tossindo*)

Não posso respirar!... Morro de abafó!...

D. HYDROGENIA (*tossindo*)

Quero ar livre!... do throno já me safo! (*descem do throno; querem caminhar para a porta, mas caem mortos*)

D. SONECA (*tossindo*)

Já morreram os dois!... comigo tres... (*cae*)

D. MANHOSO (*o mesmo*)

E quatro... que me chega a minha vez!

D. SERINGA PATÃO (*o mesmo*)

E cinco... porque a morte chega prompta!

ALGOZ (*o mesmo*)

E seis... para acertar melhor a conta.

UM DO CORTEJO.

E nós, amigos meus, morramos juntos,
Que o autor nos quiz ver todos defuntos.

(Caem todos menos um, que se dirige aos espectadores.)

Meus senhores, o autor, tamsómente
Por finura, matar-me não quiz,
P'ra ficar quem pedisse desculpa
Se a tragedia não fosse feliz.

Cae o panno.

ERRATAS

Na pag. 39, lin. 18, onde se lê—*bons*—leia-se—*vis*.

Na pag. 43, lin. 19, onde se lê—*sem par*—leia-se—*real*.

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez. 400
 Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.º e 2.º
 vol. em folio. Preço..... 4:500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr..... 720
 Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 600

Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol.
 8.º francez. Preço..... 360

Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400

O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr..... 100

A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.º fr..... 160

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol.
 8.º francez. Preço 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.º fr..... 320

A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr..... 240

A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.º fr. 300

Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço. 360

Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos 180

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.º francez. Preço. 500

Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 240

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 240

I. M. FBIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. 300

A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol.
 8.º francez, Preço. 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez.. 480

A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º francez 360

Das epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 240

Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. 200

ALFREDO HOGAN.

As Brasileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.º fr... 300

Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3
 actos, 1 vol. 8.º fr. 360

Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr. 400

É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr. 200

Memorias do Coração. Preço 240

A Irmã de Caridade, comedia em dois actos..... 160

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço. 320

M. JOSE' DA ROCHA.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.º francez. Preço. 360

F. EVARISTO LEONI.

| | |
|---|-------|
| Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.º francez. Preço..... | 1:800 |
| J. M. ALMEIDA RIBEIRO. | |
| Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço..... | 100 |
| MANUEL JOAQUIM BARRADAS. | |
| Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço..... | 100 |
| CASÍMIRO ABREU. | |
| Camões e o Jáó, scena dramatica. Preço..... | 100 |
| F. A. MARQUES PEREIRA. | |
| Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 8.º port. Preço..... | 200 |
| F. V. DA SILVA BARRADAS. | |
| Adições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.º fr. Preço..... | 200 |
| J. MESQUITA DA ROSA. | |
| Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.º port. Preço..... | 100 |
| J. ROMANO. | |
| 29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... | 360 |
| L. PAULINO BORGES. | |
| Ensaio poetico. Preço..... | 60 |
| D. J. PONCE DE LEÃO. | |
| O Mentor da mocidade..... | 120 |
| J. C. DOS SANTOS. | |
| O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço..... | 240 |
| O Pae prodigo, comedia em tres actos..... | 200 |
| F. SERRA. | |
| O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço..... | 240 |
| H. VAN-DEITERS. | |
| Poesias, 1 vol. 8.º fr. Preço..... | 240 |
| APRIGIO FAFES. | |
| E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça..... | 80 |
| PADRE CLAUDIO AQUAVIVEI. | |
| Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus..... | 80 |
| JOSE' IGNACIO D'ARAUJO. | |
| A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. Preço..... | 160 |
| NO PRELO. | |
| Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. | |
| Os Brasões das cidades e villas de Portugal por I. de V. Barbosa. | |
| Devem estar promptas até Março as seguintes : | |
| Tudo no mundo é comedia ; comedia em tres actos. | |
| O Homem das Cautellas, comedia em dois actos. | |
| Já não ha tolós! . . . comedia em um acto. | |
| O Marido no Prégio, comedia em um acto. | |
| Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos. | |
| A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos. | |
| Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos. | |
| A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos. | |
| Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos. | |
| A Conquista das Amazonas, comedia-drama em dois actos. | |
| A Mascara social, comedia-drama em tres actos. | |

18

ULTIMOS MOMENTOS D'UM JUDAS

ENTRE-ACTO TRAGICO-BURLESCO

ORIGINAL DE

J. I. DE ARAUJO

RÉPRESENTADO NO THEATRO DO GYMNASIO



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 73

—
1864

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

| | | | |
|---|--------|--|-------|
| Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol., | 22:000 | A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. | 480 |
| Encadernada..... | 27:000 | Canticos. 1 vol. 8.º fr. | 720 |
| Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol., em papel..... | 11:600 | Alva Estrella, d. em 5 actos..... | 300 |
| Encadernados..... | 13:600 | F. SOARES FRANCO | |
| Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras..... | 290 | Sermões, 2 vol. 8.º fr. contendo 24 Sermões..... | 960 |
| M. M. B. DU BOCAGE | | ANTONIO DE SERPA | |
| Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol..... | 4:320 | Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr..... | 460 |
| Encide de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol..... | 2:880 | Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... | 320 |
| LIMA LEITÃO | | F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO | |
| Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º..... | 800 | Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio.... | 6:750 |
| Medicina Legal, por Sedillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr..... | 1:200 | LOPES DE MENDONÇA | |
| REBELLO DA SILVA | | Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr..... | 720 |
| Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr..... | 960 | Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr..... | 400 |
| A Mocidade de D. João v, c. d em 5 actos..... | 480 | L. A. PALMEIRIM | |
| Othello ou o Moiro de Veneza, 1. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr..... | 300 | Poesias, 3.ª edição, correctã, 1 vol. 8.º fr..... | 600 |
| MENDES LEAL JUNIOR | | Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol..... | 380 |
| Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr..... | 360 | Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... | 400 |
| O Homem de Ouro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr..... | 300 | O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º..... | 160 |
| A Herança do Chancellor, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr..... | 400 | A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º fr..... | 160 |
| Pedro, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr..... | 300 | A. CEZAR DE LACERDA | |
| | | Um Risco, c. em 2 actos..... | 160 |
| | | Scenas de familia, c. em 2 actos..... | 320 |
| | | A Duplice existencia, c. em 4 actos..... | 240 |
| | | A Probidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed..... | 300 |
| | | Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos..... | 360 |
| | | Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos..... | 180 |
| | | Trabalho e honra, c. em 3 actos..... | 300 |
| | | A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos..... | 300 |
| | | Coração de ferro, d. phantastico em 5 actos..... | 300 |
| | | O Chate de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda..... | 420 |
| | | E' perigoso ser rico, comedia em um acto..... | 160 |

ULTIMOS MOMENTOS D'UM JUDAS

ENTRE-ACTO TRAGICO-BURLESCO

ORIGINAL DE

J. I. DE ARAUJO

REPRESENTADO NO THEATRO DO GYMNASIO



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA

TRAVESSA DA VICTORIA, 73

1864

PERSONAGENS

GONÇALO JUDAS

FLAMINIA

PROCOPIO , mestre escola

JACINTHA

RAPAZINHOS

ACTORES

Augusto

E. Candida

Marques

E. Eduarda



ACTO UNICO

SCENA I

PROCOPIO E JACINTHA

PROCOPIO

E' isto que lhe digo: o pão 'stá caro,
E enconral-o sem gesso é muito raro.
Pois então a manteiga! a carne! o vinho!...
Ih Jesus! Se isto vae por tal caminho
Os pobres serão todos obrigados
A comerem ouriços defumados!...
E d'onde vem o mal que nos contrista?
—De haver tanto senhor monopolista!...
Ah! que se eu pilhasse um... co'a palmatoria
Havia de o moer como chicoria! (*pausa*)
Jacinta, eu quero aqui economias;
Elimino a manteiga nas fatias,
Quero assorda ao jantar, assorda á ceia
Temp'rada com azeite da candeia

JACINTHA

Nada de economias: eu sou rica;
Não sabe que meu mano tem botica?
Que tenho quatro predios e tres quintas,
Que herdei de meu marido troca-lintas?

Não sabe que me dá bom rendimento
O dinheiro emprestado a dez por cento?
Sou fina nos negocios de agiota,
E quando jogo é sempre com batota.

PROCOPIO

Pois tu és batoteira?!

JACINTHA

Bom dinheiro
Só alcança o famoso batoteiro.
O mundo, senhor mestre, é dos espertos;
Quem não tem os olhinhos bem abertos
Enganado será pelos finorios,
Que enriquecem á custa dos simplorios;
E tão verdade é isto que lhe digo
Como haver lá no Algarve o melhor figo.

SCENA II

OS MESMOS e GONÇALO JUDAS (*de chanfalho á cinta*)

JUDAS (*fallando para dentro*)

Sombra implacavel! Pavorosos bichos,
Que me assaltaes com vozes de coxixos! . . .
Rapazes. . . rapazinhos. . . rapazotes,
Arreda! . . . p'ra que são tantos pinotes? . . .
Vão jogar o pião. . . a cabra cega. . .
Vão locar cavaquinho e cegarega,
E deixem ir vivendo em paz bucolica
Est' alma, que nasceu tão melancolica! (*para a scena*)
Eu sou um cidadão. . . cidadão Judas;
Trabalho em eleições, e dou ajudas,

A trôco de dinheiro de contado,
A todo o ministerio empoleirado

PROCOPIO

Que delirio, senhor! . . . Que tem você?

JUDAS

O' sô pedaço d'asno, pois não vê!? (*pausa*)
Chamo-me Judas. . . e eis minha desgraça (*mudança
de tom*)

Sisudo atravessando agora a praça,
Assaltou-me um enxame de garotos
Como praga de negros gafanhotos,
E quiz prender-me. . . quiz tirar-me a vida,
Que eu amo como a vela ama a torcida. . .
Como adora a sineta o seu badalo. . .
Como a couve lombarda ama o seu talo!
Quiz dar cabo de mim a vil canalha,
E, como Judas sou. . . creu-me de palha!
Quiz queimar-me! . . . queimar-me! . . . eu me horroriso,
E sinto aos trambulhões todo o juizo! . . .
Querem prender com vil corda d'esparto,
E queimar um barão d'honras tão farto! . . .
Um barão, que, trepado na tribuna,
E' capaz de soltar voz importuna,
E de tratar em frases, sempre bellas,
As pomposas questões das bagatellas! (*pausa*)
Os negocios mais serios eu concebo.
Se a questão é de sebo—fallo em sebo;
Se se trata de trapo—fui adélo;
Se versa sobre assumptos de farelo,
Mostro inteiro o poder do meu bestunto;
A'cerca de negocios de presunto

Fallo como tendeiro. Sou um barra,
Que toco a Norma inteira na guitarra!

PROCOPIO

Mas o que quer você com tal conversa?

JUDAS

Auxilio contra sucia tão perversa...
Quero aqui um buraco, onde me esconda
Em quanto em meu favor não chega a ronda. (*arro-
gante*)
Mas, quando a ronda chegue, á frente d'ella, (*tirando
uma sovela da algibeira*)
Empunhando esta herdada, atroz sovela,
Farei prodigios de valor pasmoso. (*pausa*)
Aqui onde me vê fui um famoso
Heroe, que andei em guerras—fiz façanhas
No combate das mosças co'as aranhas;
E uma vez na batalha dos assordas
A mosquitos eu fiz andar por cordas!

PROCOPIO

Olé! pois um heroe d'esse calibre,
Que parece que assombra o Tejo e o Tibre,
Foge do atrevido rapazio,
Que ao som de gargalhadas e assobio
Quer o Judas queimar?!

JUDAS

Tenho recursos
Para affrontar sem medo um bando d'ursos;

Sou capaz de vencer bravos soldados,
Authores de *bernardas* jubilados;
Mas fujo do rapaz que é galopim.
Então que quer você... se eu sou assim...

FLAMINIA (*dentro*)

Judas, onde estás tu?

JUDAS

Minha mulher!... ..

Ella tambem deseja ver-me arder...
O ligre carniceiro e de má raça
Hade folgar ao ver-me ali na praça
Entre mil labaredas fumegantes!...
Esconda-me, senhor, não ha instantes
A perder n'este critico momento!... (*tremendo de
susto*)
Só de ouvil-a fallar já perco o alento...
Dê-me agua... dê-me vinho... ou então cerveja...
Dê-me para beber chá de carqueja...
Vinagre... marrasquino... caldo d'unto...
Dê-me tudo que peço... tudo junto! (*desmaiando*)

PROCOPIO (*acudindo-lhe*)

Então, não querem vêr que desalinos?!
Não me basta soffrer os meus meninos,
Tambem hei de aturar este espantalho,
Que, trazendo á cintura um bom chanfalho,
Tem medo da mulher (*para Jacintha*) Vá á despensa,
E traga-me depressa aquella immensa
Garrafa de licor... traga a borracha,
Que se abre por gargalo de tarraxa. (*Jacintha sae e
volta com a borracha*)

Aqui tem, beba, sò escorropicha,
Que este não tem mistura

JUDAS

E' da Rabicha ?!

PROCOPIO

Como este só se encontra por milagre

JUDAS (*depois de beber*)

Que divino sabor . . . sabe a vinagre.
Vinho! santo licor filho da cepa,
Tu livras todo o mundo da carepa,
E ás faltas de valor dás cura prompta (*arrogante,
desembainha a espada, lança ao chão a folha, e
empunha a bainha*)

Mulher! a minha audacia a tua affronta!
Vem, que já não me assustas! . . . sou capaz
De vencer o medonho Ferrabraz! . . .
Não vacilla . . . não treme este meu braço,
Que a raiva agora armou com fibras de aço! . . .
Respiro da vingança o ardente facho!
O meu gostinho agora é dar p'ra baixo!

canto

Nada teme este meu braço,
Sou mais forte que Sansão,
As minhas fibras são d'aço,
E' de bronze o coração!

Se um batalhão de xarrosos
Me assaltar com allivez
Heide correl-os a sóccos
Se não for a pontapés!

De me ouvir fogem a trote
Heroes, cheios de pavor,
Porque excedo a D. Quixote
Em prodigios de valor.

SCENA III

OS MESMOS E FLAMINIA (*com uma corda*)

FLAMINIA

Judas, a hora soa, a corda é prompta,
E bem sabes que estás por minha conta.
Prepara-te: os rapazes em mil grupos
Te querem festejar ao som de apupos...
Vaes morrer, mas não chores porque... em summa
Tu não fazes por cá falta nenhuma.

JUDAS

Sumiu-se-me o valor... já o não vejo...
Avanço como avança o caranguejo (*recua*)

PROCOPIO (*para Flaminia*)

São essas as ternuras com que trata
Este fiel marido patarata?!

FLAMINIA

Fiel!! Que diz você? — Este menino
E' mais do que um leão duro e ferino...
Amou a quantas viu... amou com força,
E deu sobre o dever pulo de corça...
Fez que andassem nas mais cruas pelegas
Da praça da Figueira as colarejas...
Namorou tortas, vesgas e zanagas;
E, não podendo já ouvir as pragas
D'esta sua mulher, de porte honrado,
Sahiu pela janella do telhado,
E foi p'r'as hortas regalar o bucho
Com ovas de goraz e de caxuxo.

JUDAS

Perdoa-me, Flaminia Antonia Peres,
Que direi que és rainha das mulheres
Se desculpas as minhas estroinices...
Sei que fui maganão... também Ulysses
Não teve nas paixões mui grande afinco! (*ajoelhando*)
Tu és do meu amor chave do trinco!...
Errei... eu o confesso assim de bruços
Estendido na lama a dar soluços...
Se castigo mereço, venha elle,
Com tanto que não seja a minha pelle
Queimada com os lumes de um fogacho!
Eu sou o teu lótó... o teu capacho...
Dá-me um sôcco, um tabefe ou um sopapo.
Mas não me queimes que eu não sou de trapo!
Se p'ra remir as negras culpas minhas
E' mister que eu passeie de galinhas,
Que me vista com trajos de macaco,
E passe quatro mezes sem tabaco,

Eu tudo sei soffrer . . . Por ti, ó franga,
Eu faço gala em ser o maior panga! . . .
Sou um panga extremoso . . . amo-te, loueo,
Como se póde amar doce de coco . . .
Como se póde amar o lyrio branco
Florindo n'um vasinho sobre o banco! . . .
Amo-te como a cabra ama o cutello,
Como a creança adora esse chinello
Que a castiga das suas travessuras . . .
Como o cavallo adora as ferraduras,
Como adora a tristeza o macambuzio,
Como o naturalista adora o buzio!

FLAMINIA

Não me adormeces com cantigas d'essas;
Conheço que és do rol das boas peças,
E uma vez que és Judas — n'este dia
Aos rapazes vaes dar grande folia.
E's Judas! que mil vezes em politica,
Dos jornaes arrostando a austera critica,
Vendeste o teu partido d'homens lizos
Por quatro fitas velhas e dois guizos.
Prometteste, gritando na tribuna,
Trazer ao teu paiz grande fortuna;
Fazer nadar o oiro pelas praças;
Não proteger cabeças de cabaças;
E prometteste até, fazendo juras,
Acabar de uma vez com as usuras (*pequena pausa*)
Has de queimado ser — e tenho dito —
Será um espectaculo bonito
Ver dos humanos o mais vil refugo
Dançar como um boneco de sabugo,
Ardendo pendurado n'esta corda!

PROCOPIO

O sô Judas, não seja papa-assorda :
Beba mais uma pinga, e verá logo
Como esse medo se transforma em fogo

JUDAS (*bebe, larga a bainha e tira um apito da algibeira*)

Sou outra vez heroe ! Flaminia, vês,
Atrevida serpente de dois pés,
Este lizo instrumento tão bonito ?
Sabes o que isto é ? E' um apito !
E' arma pela lei authorisada,
Cujo som a larapios não agrada . . .
Apito eu sei tocar ! . . . Se me não deixas
Para soprar aqui incho as bochechas ! (*pequena pausa*)
Tu já viste o tritão, que o buzio assopra ?
Já viste em cavallinhos ou na op'ra
A Fama, quando toca na trombeta ?
Pois assim eu vou ser . . . Deu-me a yeneta,
E vou fazer tal bulha de assobio,
Que se hade ouvir na torre do Bugio ;
E a policia virá, com arreganho,
Deitar-te, não cordel, mas o gadanho !

FLAMINIA

Não se espanta d'ess'arte uma heroína,
Que já calças vestiu de bombazina ;
E que, empunhando a lança na mão canha,
Certo dia de março foi á Penha
Desafiar aquelle horrivel bruto,
Que meio mundo assombra ! . . . E's um matuto,
E's um Judas peior do que os de palha,
E vaes soffrer de mim dura batalha. (*raivosa*)

Vê como estou raivosa... como a ira
Por todos estes poros me transpira...
Falta-me aqui uma arma perfurante
Com que a morte te dê, já, neste instante;
Porém, se desarmada me suppunhas,
Eu não só tenho dentes... tenho unhas,
E a mulher que, assanhada, desespera
É muito mais terrível que a panthera!

JUDAS (*á parte*)

Este vinho depressa perde o gaz (*alto, cheto de horror*)
Mulher! sombra cruel de Satanaz.
Que me fazes soffrer fado tão cru!...
Eu gelo aqui de horror... ah! ih! oh! uh! (*em delirio*)
O que vejo?... vampiros... centopeias,
Que me chupam o sangue destas veias...
Mochos, ciprestes, tumbas e caveiras
Espetadas nas folhas das piteiras!... (*recuando hor-
rorisado*)
Lá se levanta um morto... traz bigode,
E, se não dança bem, faz o que póde...
Mas que horrível cantiga pavorosa...
Que musica, tão feia e cavernosa,
Em mil notas lhe sae desafinadas
D'aquelles frios ossos das queixadas!... (*pausa*)
Lá se erguem outros, brancos como a cal...
E dançam... Vamos lá, não dançam mal.
Mas que dança é aquella? não é tango,
Nem Maria Caxuxa, nem fandango...
Então o que será? É' contradança
Que os defuntos também usam em França.
Ah!... ah!... que eu já não posso ouvir tal som!
(*vae para desmaiar, Procopio dá-lhe a borracha*)

PROCOPIO

Beba mais uma pinga.

JUDAS (*depois de beber*)

Já 'stou bom. (*empunha a folha da espada*)

Canto

Negra filha de Bernarda,
Que me tornaste infeliz,
Vaes morrer porque a mostarda
Já me chegou ao nariz!

Ajoelha ahi depressa,
Não te dou tempo a carpir,
Curva essa altiva cabeça
Porque o golpe vae cair!

Vaes duro golpe soffrer,
Vaes morrer, Flaminia, vaes,
E não tornas a comer
As favas dos meus favaes!

FLAMINIA

Atrevido Judas feio,
Assustar tu não me fazes;
Irás da praça no meio
Dar alegrão aos rapazes.

E desta sorte me vingo
D'um cruel, que me quer mal,
Que nem me deixa ao domingo
Ir ás iscas do Arsenal.

A'quellas iscas famosas
Pelas quaes eu ando louca,
Pois me fazem, tão cheirosas,
Crescer agua n'esta bocca.

Ensemble

JUDAS

O' mulher, tu vaes morrer,
Já que foste assim cruel;
Vou bellamente fazer
De tyranno o meu papel!

FLAMINIA

O' marido, vaes morrer
Já que foste assim cruel;
Na fogueira vaes arder
Nem que fosses de papel

PROCOPIO e JACINTHA

A coitada vae morrer
Porque teima em ser cruel;
O marido vae fazer
De tyrannò um bom papel.

JUDAS

Foi-se a força do vinho — ora que zanga —
Então não me acho eu outra vez panga!

FLAMINIA (*lançando-lhe a corda ao pescoço*)

Judas, vamos, pertence-te a fogueira:

JUDAS

Menina, eu não preciso de colleira

FLAMINIA

A morte já te espera lá na praça!

JUDAS (*áparte*)

Como me heide eu livrar d'esta carraça!... (*áparte
a Procopio*)

O' sô fulano, quanto quer você
Por matar esta cobra, que aqui vê?

PROCOPIO (*áparte a Judás*)

Eu peço uma de três, o preço é fraco,
Não o quero escaldar.

JUDAS (*dando-lhe um vintem*)

Devo um palaco

PROCOPIO (*para Flaminia*)

A menina tem medo de morrer?

FLAMINIA

Heide affrontar a morte sem tremer.

PROCOPIO

Pois então vislo isso, lá vae—zumba— (*da-lhe com a palmatoria na cabeça, ella cae morta*)
O' Jacintha, vae lá chamar a tumba (*Jacintha sae*)

JUDAS (*horrorisado*)

Horror e mais horror aqui se ajunta. . .
Aborreci-a em vida. . . amo-a defunta!
Descubro-lhe taes graças e taes chistes
Capazes de animar meus olhos tristes. . . (*pausa*)
Esposa idolatrada, eu me arrependo
Do que te fiz soffrer! . . Estou tremendo
Pois receio que em sonhos me appareças
Ganindo como o cão de tres cabeças. . . :
Tremo que n'essas horas do descanso
Tu gires o meu quarto em passo manso,
E venhas com teus dedos cõr de giz
Apertar-me a pontinha do nariz! (*pará Procopio*)
P'ra que mataste, vil, aquella joia
Egual á que accendeu a guerra em Troia?!
P'ra que lançaste na mansão escura
Aquella seductora creatura,
Que quando revirava os olhos ternos
Fazia a calma arder entre os invernos!?

PROCOPIO

Pois não se lembra já do nosso ajuste?!

JUDAS

Quem mata, morrer deve. Não se assuste. (*desabotoando-lhe o colete*)

ÚLTIMOS MOMENTOS D'UM JUDAS

2

PROCOPIO

Então que quer fazer, senhor simplório?

JUDAS

E' só tirar-lhe aqui um suspensorio (*tira-lhe um suspensorio*)

Você nunca morreu?

PROCOPIO

Eu não, senhor.

JUDAS

Pois morre d'esta vez. (*enforca-o com o suspensorio*)

O PONTO

Horror! horror!

JUDAS

Vinguei-me d'esta feia lagartixa . . .

Toca a fugir! Corramos! — A' Rabicha! (*vae para sair*)

SCENA IV

OS MESMOS e RAPAZINHOS (*com cannas de fogueiras*)

Coro

Morra o Judas, morra o Judas,

Morra o Judas na fogueira. . .

Que reinata e brincadeira

D'esta vez vamos gozar!

Ao ar subam mil foguetes,
E bombas de varias sortes,
Pela rua estalem fortes
As bichas de rabiar

1.º RAPAÇ

Morra o Judas!

2.º RAPAÇ

Valeu! Que brincadeira!

1.º RAPAÇ

Como hade ser bonito na fogueira!

JUDAS

Meninos, tenham dó da minha magua...
Vejam estes meus olhos cheios d'agua! (*riem todos*)
Sou honrado... não tenho mesa lauta,
E escrevo muito bem sem usar pauta!... (*riem todos*)
Se eu morrer a nação em peso chora
Porque sou alcatruz da patria nora!

Coro de rapazinhos

Vamos queimar n'este dia
Um Judas muito pimpão,
Ail rapazes que folia,
Rapazes que *reinação*. (*para o público*)

Sereis nossos protectores
Se animardes a funcção,
Se disserdes, meus senhores,
Rapazes que *reinação*.

JUDAS

Ai de mim! gélo de susto,
Vou soffrer bem dura lei...
Olhem que sou o Augusto,
E Judas nunca serei.

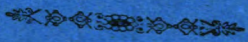
(Estalam foguetes, e cae o panno)

| | | | |
|---|-----|--|-------|
| As joias de familia c. d. em 3 actos..... | 300 | A Mascara Social, c. d. em 3 actos..... | 200 |
| MENDES LEAL ANTONIO | | A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos..... | 200 |
| Poesias, 1 vol..... | 500 | A Roda da Fortuna, c. d. em 3 actos..... | 160 |
| Abel e Caim, c. em 3 actos..... | 240 | Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 actos..... | 200 |
| Uma Victima, d. original em 3 actos..... | 160 | O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos..... | 200 |
| Dôr e Amor, c. d. em 3 actos..... | 200 | O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo..... | 200 |
| J. D'ABOIM | | JULIO CESAR MACHADO, E | |
| A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos..... | 240 | ALFREDO HOGAN | |
| O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto..... | 80 | A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos..... | 300 |
| O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos..... | 120 | Primeiro o dever! c. d. em 3 actos..... | 160 |
| As nodoas de sangue, d. em 3 actos..... | 160 | F. EVARISTO LEONI | |
| Cada louco com sua mania, c. original em um acto..... | 100 | Genio da Lingua Portugueza... 1:800 | |
| I. M. FEIJOO | | J. C. DOS SANTOS | |
| Camões do Rocio, c. em 3 actos..... | 300 | O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos..... | 240 |
| A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo..... | 400 | O Pae prodigo, comedia em 3 actos..... | 200 |
| Carlos ou a Familia de um Avarento, c. em 4 actos..... | 240 | O Homem das Cautelas, e. em 2 actos..... | 200 |
| Pedro Cem, c. em 5 actos..... | 300 | Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos..... | 180 |
| Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos..... | 300 | Maria, ou o Irmão e a Irmã, c. em 3 actos..... | 180 |
| E. BIESTER | | Uma chavena de chá, c. em um acto..... | 120 |
| Um Quadro da vida, d. em 5 actos..... | 480 | Convido o coronell!... c. em um acto..... | 100 |
| A Redempção, c. d. em 3 actos..... | 360 | A Herança do tio Russo, c. em 3 actos..... | 220 |
| Duas epochas da vida, c. em 2 actos..... | 240 | HENRIQUE VAN-DEITERS | |
| Uma viagem pela litteratura contemporanea..... | 200 | Poesias, 1 vol..... | 360 |
| As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto..... | 120 | Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos..... | 160 |
| Um homem de Consciencia, c. em 2 actos..... | 160 | Dois cães a um osso, c. em 1 acto..... | 100 |
| O Maestro Favilla, drama em 3 actos..... | 200 | Não envenenes tu, a mulher qui-proquo em 1 acto..... | 120 |
| ALFREDO HOGAN | | JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA | |
| As Brasileiras, c. d. em 3 actos..... | 300 | A Corôa de Carlos Magno pega magica de grande espectáculo em 4 actos 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda= | |
| Ninguem julgue pelas apparencias, c. d. em 3 actos..... | 360 | Les quatre fils Aymon..... | 320 |
| Os Dissipadores, c. em 4 actos..... | 400 | A Costureira, c. em um acto..... | 100 |
| É melhor não experimentar, c. em 1 acto..... | 200 | Erros da Mocidade, c. em 3 actos..... | 160 |
| Memorias do Coração..... | 240 | MANUEL ODORICO MENDES | |
| A Irmã de Caridade, c. em 2 actos..... | 160 | Opusculo acerca do Palmeirim da Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez..... | 200 |
| Dois mulheres da epocha, romance contemporaneo..... | 240 | I. DE VILHENA BARBOSA | |
| O Marido no Prêgo, c. em um acto..... | 160 | Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. (com estampas lytographadas)..... | 3.000 |
| Já não ha tolos!... c. em um acto..... | 80 | | |
| Não desprese sem saber, c. em um acto..... | 120 | | |
| O Colono, c. d. em 3 actos..... | 160 | | |
| Segredos do Coração, c. d. em 3 actos..... | 200 | | |
| O Juizo do Mundo, c. d. em 3 actos..... | 240 | | |

| | |
|--|-----|
| JULIO CESAR MACHADO | |
| A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto..... | 140 |
| O Capitão Bitterlin, c. em um acto..... | 140 |
| ARISTIDES ABRANCHES | |
| Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros..... | 300 |
| A mãe dos escravos, d. em 4 actos..... | 200 |
| Como se descobrem... mazellas, c. em 1 acto..... | 120 |
| Trovoadas de maio, c. em 1 acto | 160 |
| Os dois pescadores, c. em 1 acto | 80 |
| Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto | 160 |
| J. R. CORDEIRO JUNIOR | |
| Amor e arte, drama em 3 actos. | 220 |
| O Arrependimento salva, drama em um acto..... | 100 |
| Fernando, comedia-drama em 4 actos..... | 200 |
| J. I. DE ARAUJO | |
| A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos..... | 160 |
| A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos..... | 200 |
| Um Bico em Verso, scena comica..... | 60 |
| O Principe Escarlate, tragedia burlesca em 2 actos em verso. | 180 |
| Um homem que tem cabeça; c. em um acto..... | 100 |
| Ultimos momentos d'um Judas; entre-acto tragico-burlesco... | 80 |
| JOSE BENTO D'ARAUJO ASSIS | |
| O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos..... | 180 |
| As duas paixões, c. em 1 acto.. | 120 |
| OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES | |
| Reflexões sobre a lingua portugueza, 2.ª ed..... | 720 |

| | |
|---|--------|
| Cirurgia e medicina 1 vol | |
| Camõese o Jão, scena drama | |
| Adições ao Manual de lião..... | alica. |
| Rudimentos de economia para uso das escolas..... | alica. |
| Monitoria secreta ou instrução secreta dos padres da companhia de Jesus..... | ções |
| E' já ministro? aventuras d'Anastacio..... | pa- |
| O Mentor da mocidade..... | um |
| Ensaios poeticos..... | 80 |
| Um viagem à Inglaterra e Franca..... | 120 |
| Anjo, Mulher, e Demônio em 2 actos..... | ca |
| Amor e Amizade, c. em um acto..... | 120 |
| O amor e o Dever, c. em 3 actos..... | 200 |
| Amor virgem n'uma peccadora, c. em um acto..... | 80 |
| A Cruz, drama em 3 actos..... | 240 |
| 29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos..... | 160 |
| Tudo no mundo é comedia, c. em 3 actos..... | 320 |
| A Conversão d'um Agiota, c. em 2 actos..... | 300 |
| 1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo..... | 200 |
| Graziella, drama em um acto.. | 160 |
| Os dois irmãos drama em 4 actos. | 300 |
| Guia do povo para escolher uma medicina, 1 vol. 8.º fr..... | 100 |
| As Primaveras — Poemas por Casemiro Abreu, 2.ª ed. 1 vol... | 200 |
| Brios Militares, c. d. em 1 acto, por J. A. A. Machado..... | 400 |
| | 500 |
| | 109 |

NO PRELO



A Conquista das Amazonas, comedia-drama em 2 actos.
 Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.
 Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo.
 Origem, e orthographia da Lingua Portugueza, por Duarte Nunes de Liaõ
 Memorias da minha vida, recordações das minhas viagens; por Josefina Neuville.

19.

A VINGANÇA

OPERETA

POR

J. I. D'ARAÚJO



LISBOA

112 — Typ. do Paço da Rainha, Rua do Arco da Bandeira — 112

1867

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

| | | | |
|---|---------------|---|--------------|
| Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol. | 22:000 | A Herança do Chancellor, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr. | 400 |
| Encadernada | 27:000 | Pedro. d. em 5 actos, 2.º ed. 1 vol 8.º fr. | 400 |
| Illustração Luso-Brazileira. periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol., em papel. | 11:600 | A Pobreza envergõhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. | 480 |
| Encadernados | 13:600 | Canticos. 1 vol. 8.º fr. | 720 |
| Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras. | 200 | Alva Estrella, d. em 5 actos. | 300 |
| M. M. B. DU BOCAGE | | F. SOARES FRANCO | |
| Obras cõpletas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol. | 4:320 | Sermões, 4 vol. 8.º fr. contendo 48 Sermões. | 1920 |
| Encida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol. | 2:880 | ANTONIO DE SERPA | |
| LIMA LEITÃO | | Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr. | 400 |
| Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º | 800 | Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º | 320 |
| Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr. | 1:200 | F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO | |
| REBELLO DA SILVA | | Chronica da Rainha D. Maria II. completa 3 vol. em folio | 6:750 |
| Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr. | 960 | 1640 ou a restauração de Portugal, factos historico em 4 actos 7 quadros e um prologo. | 900 |
| A Mocidade de D. João v, c. d em 5 actos. | 480 | Minhas Lembranças, poesias. | 500 |
| Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr. | 300 | LOPES DE MENDONCA | |
| MENDES LEAL JUNIOR | | Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. | 720 |
| Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. | 360 | Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr. | 400 |
| Homem de Ouro, d. em 3 actos, continuação dos Homens de Marmore, 1 vol. 8.º fr | 300 | | |
| | | L. A. PALMEIRIM | |
| | | Poesias, 4.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º fr. | 600 |
| | | Dois casamentos de conveniencia, c. em 2 actos, 1 vol. | 360 |
| | | Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. | 400 |
| | | O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º | 160 |
| | | A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol 8.º fr. | 160 |
| | | A. CEZAR DE LACERDA | |
| | | Um Risco, c. em 2 actos | 160 |
| | | Scenas de familia, c. em 2 actos. | 320 |
| | | A Duplice existencia, c. em 4 actos. | 240 |
| | | A Prohibidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed. | 300 |
| | | Os Filhos dos trabalhos, J. em 4 actos. | 360 |

A VINGANÇA

OPERETA

POR

J. I. D'ARAÚJO



LISBOA

112 — *Typ. do Panorama, Rua do Arco do Bandeira* — 112

—
1867

PERSONAGENS

COSME SIMPLICIO DA HORTA SECCA

CHRISTIANNA, sua noiva

DOROTHÉA, velha

JOANNA, sua filha

JOÃO, sargento, commandante do destacamento

GONÇALVES NARCISO CARQUEJA, regedor

SERAPHIM, sineiro

Cabos de segurança

A scena passa-se em uma aldeia qualquer. Casa menos que mediocremente mobilada.

SCENA I

JOÃO E JOANNA

JOÃO (*fóra da scena*)

Joanninha, a tua mãe?

JOANNA

Não 'stá cá, podes entrar.

JOÃO (*entrando*)

Graças a Deos; inda bem

Que podemos conversar

JOANNA (*reprehendendo com meiguice*)

Ó sé mau, porque não veio

Cá honte á noite fallar-me?

JOÃO

Que queres?... não achei meio

D'airosamente safar-me...

Houve uma grande desordem

—Efeitos do vinho novo—
E como o socego, a ordem
Devo manter entre o povo...
Foi por issa que...

JOANNA

Pois bem,
Por esta está desculpado;
Mas repare que já tem
Por quatro vezes faltado.

JOÃO

Tem paciencia... um momento
Não me deixam descansar.

JOANNA (*olhando para elle orgulhosa*)

Rapaz como o mé sargento
Não ha em todo o logar! (*pausa*)
Olhe, sem dormir passei
Esta noite toda, toda...
De manhã, quando acordei,
Sentia a cabeça á roda...
E tudo por sua causa.

JOÃO

Pois bem: peço-te perdão,
Coitanto que faças pausa
P'ra fallarmos da união
De nossas almas constantes.
—O que diz a tua mãe?

JOANNA (*com tristeza*)

Ora adeus!... 'stá como d'antes.
O outro é ricaço, e tem
Umhas terras arrendadas
Á men... e como ella deve,
Teme *antão* ver penhoradas
As vaccas... e não s'*astreve*...

JOÃO

Mas já se vê, Joanninha,
Que tu lhe não tens amor.

JOANNA

Tenho-lhe uma tal zanguinha...
Sempre é um grande impostor!

JOÃO (*enfurecendo-se*)

Pois corro a desfeiteal-o
 Já que se fez meu rival...
 Juro-te, heide acutilal-o!

JOANNA (*assustando-se*)

Ai! não, não lhe faças mal,
 Que a *men* toma-te de zanga!

JOÃO (*arrogante*)

Joanna, sou militar,
 E comigo ninguem manga
 Sem bom castigo levar!...
 Heide-lhe arrancar a pelle!

JOANNA (*com singelleza*)

Isso nada... não senhor...
 Não quero se sirva d'elle
 P'ra concerto do tambor.

JOÃO

Pois bem;—as suas costellas
 Livras-te n'este momento...
 Mas não lhe valem cautellas
 Se tiver o atrevimento
 De erguer os olhos p'ra ti!

JOANNA (*com meiguice*)

Dê-me um abraço, João,
 E saiba que vive aqui...
 Cá dentro do coração. (*abraçam-se*)

CANTO

Ó seu Joãosinho,
 Rapaz tão *perfeito*,
 Saiba que o meu *peto*
 A mais ninguem vê:
 Não tem os casacas
 Lá d'essa Lisboa
 Figura tão boa
 Com o a tem *voncl*.

JOÃO

Joanna engraçada,

Meu bem adorado,
 A fê de soldado
 Eu juro-te amor:
 Nas marchas que eu faça
 Tu me hasde ir seguindo,
 Os rufos ouvindo
 Do alegre tambor.

JOANNA

Risonha, a teu lado
 O passo acertando,
 Garbo irei mostrando
 De bom militar:
 No fim das batalhas,
 Gentil vivandeira,
 Serei a primeira
 Victoria a cantar.

JOÃO

Ai! sou bem ditoso,
 Que sorte que eu tenho!
 Bravo! que arreganho,
 Que brio, que amor!
 O céo ao soldado
 Quiz dar a ventura...
 Tenho'a formosura
 Unida ao valor!

AMBOS

Que dias! que dias
 Terei a teu lado,
 Meu bem adorado,
 Meu bem seductor!
 Que doces folgedos,
 Que ternos risinhos,
 Que brandos carinhos,
 Que ditas d'amor!

JOÃO

Mas adeus, ó Joannita,

Não me posso demorar. (*vae para sair, e volta*
 Cada vez 'stás mais bonita... *à scena.*)
 Não me vou sem te abraçar! (*abraça-a*)

JOANNA (*chorosa*)

Maldito do *rigidor!*

JOÃO

Saiu-me uma boa peçal

JOANNA

E metteu-se-lhe em cabeça
 Que lhe devo ter amor!

JOÃO

Heide pedir tua mão:
 Se tua mãe m'a negar,
 No furor d'esta paixão
 Sou capaz de te raptar!

JOANNA (*com singelleza*)

Ratar é fazer de rato...
 Olha que isso é muito feio!

JOÃO

Tu entrouxas o teu fato;
 E em a noite estando em meio
 Venho buscar-te:—ninguem
 Hade estorvar a partida
 Porque todos medo têm,
 Vendo de branco vestida
 Uma alma do outro mundo.

JOANNA

Anda ahi tudo assustado:
 Se sabem a coisa a fundo
 Podem saltar-te ao costado!
 A *men* ás Ave Marias
 Põe logo trancas na porta,
 E não consente que as tias
 Ponham pé fóra da horta.

JOÃO

A gente d'este logar
 É com certeza pateta;
 Passa as noites d'escopeta
 Suas vinhas a rondar,

E as uvas são vendimadas
 Nas barbas do dono até!
 —Vistam-se d'almas penadas
 Que ninguem lá lhes põe pé. (*apressado*)
 Vou ao quartel. Adeusinho;
 Venha de lá outro abraço (*abraça-a*)
 JOANNA (*doendo-se*)
 Antão!... mais devagarinho,
 Não me amolegue o espinhaço! (*sae João*)

SCENA II

JOANNA SÓ

Este sim, que me convem...
 E eu tenho-lhe amor em barda!...
 E como lhe fica bem
 A cinturinha na farda!...
 E d'ahi sabe dançar
Balharicos da cidade;
 Sabe guitarra tocar
 Com toda a *habeledade...* (*pausa*)
Hé-de ser sua mulher,
 Quer a *men quera*, quer não...
 Eu podia lá soffrer
 O *rigidor...* toleirão!

SCENA III

DOROTHÉA E JOANNA

DOROTHÉA

Ó Joanna!... descuidada!
 Vae levar a sêmea aos patos,
 E dá de comer aos gatos.
 Mexe-te, destoutçada,
 Faze tudo isto correndo ..
 E busca um trapo de linho
 P'ra deitares um remendo
 Nas ceroilas do padrinho.

JOANNA

Já vou. (*em acção de partir*)

DOROTHÉA

Olha lá não caias. (*Joanna vai para sair*)

Ouves?—mette na barrella

Os aventaes mais as saias,

E escova a niza amarella

De teu avô. (*Joanna sae*)

SCENA IV

DOROTHÉA E SERAPHIM

SERAPHIM

Salve-a Deus.

DOROTHÉA

Adeus, senhor Seraphim;

Como vão por lá os seus?

SERAPHIM

Lá vão indo assim, assim

DOROTHÉA

Ora isso é que eu estimo.

Do senhor não lhe *pregunto*...

—Teve noticias do primo?

SERAPHIM

Pois não sabe?—é já defunto.

DOROTHÉA

Deos o tenha á sua vista,

Que aquelle não tem segundo;

E foi o melhor sacrista

Que andou cá por este mundo!

Era *home* muito de bem,

E no céu hade ter palmas...

Pedi dez annos p'r'as almas

Sem empalmar um vintem!

Sabia todo o *preçêto*

De ler a buena d'icha...

E se tinha algum *defêto*,

Era ser escorropicha.

SERAPHIM

Era um grande amigo meu!

DOROTHÉA (*lastimando*)

Hade fazer falta ás filhas!

—De que foi que elle morreu?

SERAPHIM

D'uma indigestão d'ervilhas.

DOROTHÉA (*assustando-se*)

Ervilhas!... Ai, santo Deos,

Creio que estão embruxadas!...

Tambem a Pinta Matheus

Morreu d'ervilhas!

SERAPHIM

Más fadas

Nunca faltam: por desgraça!

DOROTHÉA

E diz alguém que as não ha!...

SERAPHIM

Tratam tudo de chagaça,

Mas alguém o pagará.

Hoje passa por um tolo

Quem foge d'um avejão... (*com grande espanto*)

Se nem creanças de collo

Ja têm medo do papão!

DOROTHÉA

Eu creio nas arrelias

De más almas, nos *féticos*.

Creio até que ha bruxarias

Que chupam mel dos cortiços.

SERAPHIM

Sim, visinha, isso é exacto:

N'este mundo ha coisas más,

Feiticeiras, que têm pacto

Com o feio Satanás...

Que á meia noite usam danças

De fazer arripiar,

E ensarillham as creanças,

Não as deixando medrar.

Os parvos não crêem n'isto!...

Não creiam... pois creio eu,
Que, como as tenho já visto,
Tenho um medo.. ai Pae do ceuf

DOROTHÉA

E eu também:—nunca me *dêto*,
Meu visinho Seraphim,
Sem defumar o meu *7êto*
Muito bem com alecrim.
O alecrim tem virtude,
Pois não tem?

SERAPHIM

Olé se tem;
Nem coisa ha que mais ajude
Contra os feitiços d'alguem.
—Por causa da herva pinheira,
Alecrim, e arruda em pó,
Nunca o demonio fez feira
Em casa de minha avó.

DOROTHÉA (*saudosa*)

Sua santa avó Torcata!...
Quando morreu do pleuriz,
Dêxou-me uns oc'los de prata
Que derreiam o nariz!

SERAPHIM (*com saudade*)

Boa velha!... da lembrança
Não lhe escapava um só conto...
Contava ponto por ponto
A vida da visinhança!

DOROTHÉA

Olhe visinho:—ha uns dias
Tenho andado mesmo tonta,
E creio que as bruxarias
Tomaram-me á sua conta.

SERAPHIM

Sim?!

DOROTHÉA (*em tom de mysterio*)

É verdade:—oiça lá,
E diga, já que é esperto,

Se n'isto não ha de certo
 Bruxaria, ou coisa iná.
 —Quando a *mã* noite em ponto
 Annunciam os badalos,
 E que os ouvidos aprompto
 Para ouvir cantar os gallos,
 O que *hê*le ouvir?!.. uns gemidos
 Como d'alma que padece...
 Uns guinchos muito compridos...
 E até ás vezes parece
 Que miam todos os gatos...
 Espantam-se-me as gallinhas,
 Grasnam com medo os *mês* patos
 E ladram os cães nas vinhas!

SERAPHIM

É alma que anda em fadario:
 Quem a o'har perde o toutiço;
 —E vá logo a S. Macario
 Sé não quer morrer d'enguicho.

DOROTHÉA (*benzendo-se*)

Credo! valei-me, anjo bento!

SERAPHIM

Se fôr longo o seu soffrer,
 Coitadinha... que tormento!

DOROTHÉA

O que devemos fazer
 Para lhe quebrar o fado?

SERAPHIM

Ó visinha! eu sei lá d'isso:
 Só lhe aconselho cuidado,
 E usar d'um contra-feitiço,

DOROTHÉA

Já que assim me desengana
 Vou pôr um áquelle canto.
 E quem os vende?

SERAPHIM

A cigana
 Benzedeira de quebranto,

DOROTHÉA

Diz o nosso boticario,
 Homem de muita exp̃riencia,
 Que é alma d'um usurario,
 Que anda a fazer penitencia
 Por causa d'uma trapaça

SERAPHIM

Então é muito bem feito,
 E bem longo o demo faça
 O penar do tal sujeito.

—Mas vou tocar a sineta... *(ao ouvido de Doro-*
théa)

Um casamento fallado
 Temos hoje... de chupeta!

DOROTHÉA

Quem se casa?

SERAPHIM

O deputado.

DOROTHÉA

Aquelle que pagou vinho
 Aos *homes* cá do logar?

SERAPHIM

Então!... por outro caminho
 Nada podia arranjar.

Eu não lhe levô isso a mal...

É um homem generoso,
 Cortez, bem fallante, e tal...

N'uma palavra—famoso.

Arrota dos pulmões fortes

Muitos caminhos de ferro,

E diz que em chegando ás côrtes

Salva a nação só co'um berro.

E, segundo por cá diz

O moderno padre cura,

Traz na idéa um chafariz

Que hade esguichar com fartura...

Quer construir tres estradas,

Que vão dar aos seus casaes...

Emfim, quer ver apuradas

Estas coizas nacionaes.

DOROTHÉA

Se elle as decimas tirasse!...

SERAPHIM

É homem de muito zelo;
 Se mais alguém o ajudasse
 Era capaz de fazel-o. (*mudando de tom*)
 Andou honte'a convidar
 Quem o ajudou na eleição
 Para hoje ir lá jantar

DOROTHÉA (*curiosa*)E *voncé* vae á funcção?

SERAPHIM

Se fui convidado... olé!
 —Fiz proezas em seu favor!...
 Mas quem lá não põe o pé
 É o nosso regedor

DOROTHÉA

Antão porquê? (*muito curiosa*)

SERAPHIM

Pois não sabe
 Que os votos lhe quiz tirar?...
 Não hade qu'rer que se gabe
 De lhe comer o jantar.
 —Trabalhou, foi bota fogo
 A favor d'outro... porém
 Como se perdeu o jogo
 Não pilha talvez vintem.

CANTO

De petiscos, de vinho famoso
 Um fartote hoje vamos tomar:
 Deputado que é tão generoso
 Nunca os votos lhe devem faltar.

É dever de leal patriota
 Dar seu voto a tão bom cidadão;
 E fazer tranquiibernia e batota
 P'r'a victoria lhe dar na eleição.

Oh que ferro!... como hade dar pulo
O pateta, que inda é regedor,
Ao dizer: «d'esta vez não engulo
Guizandás de tão fino sabor!»

Viva, viva o senhor deputado,
Honra e gloria da nossa nação,
Que quer ver no jantar do noivado
Quem lhe deu d'esta vez a eleição!

Adeus (*sae.*)

SCENA V

DOROTHÉA E NARCISO

NARCISO (*homem que se julga de importancia.*)

*Só*ra Dorothea,

Passasse como deseja
É o que eu estimo;—e creia
Que em mim, Narciso Carqueja,
Póde contar um criado
À sua disposição,

DOROTHÉA (*fazendo-se fina*)

O senhor 'stá enganado...
Criada, eu... pois *antão!*...
Ha muito que é *rigidor*
Cá da nossa freguezia;
E ninguem lhe faz favor
Quando lhe dá senhoria

NARCISO

Isso é verdade—diz bem,
Dar-me senhoria é justo...
Mas ha por ahí alguém
Que dobra a lingua com custo! (*tom doutural.*)
—Malcreados, brutamontes,
Homens sem educação
Creados por esses montes,
Onde a civilização

Não levo inda os p'riodicos
 E os diarios de noticias,
 Que sempre por preços modicos
 Fazem do mundo as delicias,
 Espanejando o progresso
 Quando a poeira é de mais. (*mudando de tom*)
 Isto cá 'stá muito guessol!
 Se até eu sei d'alguns paes
 Que gostam dos filhos brutos
 P'ra lhes não darem sentenças!...
 —Corações todos corruptos
 No ranço de parvoas crenças,
 Contra quem—vendo-os tão vis—
 Minhas iras não accalmo...
 Pois não vêem meio palmo
 Adiante do nariz! (*pausa*)
 Sou um homem ilustrado
 Que não assigna de cruz;
 E digo, e berro zangado:
 —Da sciencia a grande luz,
 Essa luz tão superfina,
 Que dá lustre a uma nação,
 Brilha aqui qual lamparina
 Tendo a torcida em murrão.

CANTO

Aqui n'este sitio ha poucas escolas,
 Não ha de progresso nem raio de luz;
 Qs mestres, que temos, são tristes patolas,
 O mais *estruido* sempre é um lapuz!

A idéa sublime dos ferreos caminhos
 Aqui é tachada d'invento infeliz;
 Preferem jornadas fazer em burrinhos
 Ao irem voando por sobre carris!

Aqui todos querem, teimosos, ronceiros
 A vida ir passando no vil ramerrão;

Atascam-sê os carros em fundos lameiros,
Porém ao transtorno remedio não dão!

Não sabe com geito escolher deputados
A gente ignorante do nosso logar...
Eu quiz ensinal-os... mas foram comprados,
Vasando canecos n'um certo lagar!

Como hade o progresso correr a galope
Se encontra na frente tropeços assim?!...
Quem dá aos patuscos de Baccho o xarope,
Adoça-lhe a bocca, consegue o seu fim!

(em tom magistral)

Digo que sem instrucção
Ventura o povo não topa:
---São da minha opinião
Todos os sabios da Europa.

DOROTHÉA

Minha filha é muito destra
Em soletrar *catacismos*...
E como tem boa mestra
Entende esses *algarismos*,
Que traz a nossa folhinha
Do senhor padre Vicente;
E diz a sua madrinha,
—A viuva do tenente,
Que herdou p'ra mais de seis contos,—
Que a pequena está mui pratica,
E lê com todos os pontos
Da *exclamação da grammatica*.

NARCISO

A sua filha é doutora;
Se soubesse *intographia*
Podia ser professora
N'esta nossa freguezia.
Mas quando eu fôr seu marido
Heide ser seu mestre... olé!
—Eu cá sou muito *estruído*. (*mostrando confiança no que diz*)

DOROTHÉA

Tão *estruído* que *inté*
O fizeram *rigidor!*

NARCISO (*empavezando-se*)

Logar que tenho *enzercido*
Que nem que eu fosse um doutor. (*pausa, depois*
Olhe que eu sou entendido *com toda a seriedade*)
N'estas coisas da chicana...
Já fiz não dêsse um letrado
Com certa causa em pantana. (*mudança de tom*)
Não quiz eu ser deputado
Por não ir contra um sujeito...
Mas isto não vale a pena
De estar a cançar o peito.
—Então fallou á pequena?

DOROTHÉA

Fallé... não disse que não,
Mas fez uma tal careta...

NARCISO (*espantado*)

Caretá!!

DOROTHÉA

Terá paixão...

NARCISO

Será ella tão pateta,
Que despreze o meu amor
Por causa d'algum boneco?!
É crível que um badameco
Valha mais que um regedor?!

DOROTHEA

Dêxe estar, *hêde* fazer
Com que ella lhe *quéra* bem.

NARCISO

Se o tal melro chego a ver,
Mostrarei que sou alguem!
Quando se lhe exalta a bilis
A um brioso regedor,
Torna-se um este fero Achilles!

—Achilles, diz o prior,
 Que nunca soffria affrontas:
 Não me deu outras noticias;
 Mas cá pelas minhas contas
 Foi sargento de milicias

CANTO

Amo a sua Joanninha
 Joia bella d'esta aldeia,
 E roubar-me ninguem creia
 Seu encanto, seu amor:
 Tenho terras e casaes,
 Sou um homem abastado;
 E p'ra ser mais respeitado,
 Sou tambem o regedor.

'Stão promptos ás minhas ordens
 Os cabos de segurança,
 E nós temos aqui *dança*
 Se descubro o tal marau!...
 Se eu pilhar o meliante
 Ficarà bem derreado,
 Sentindo sobre o costado
 Muito, muito varapau!

SCENA VI

OS MESMOS E JOÃO

CANTO

JOÃO (*á porta*)

Adoro Joanna,
 Por ella estou louco,
 E aqui o provoco
 Seu grande parrana!

Esta baioneta
 Não teme um cajado;
 Despreza um soldado
 Tamanho pateta!

NARCISO

Esse atrevimento
 Não tem outro igual...
 Você seu sargento,
 Comigo vae mal!

Cá da freguezia
 Sou eu` regedor,
 E á sua ousadia
 Já cõbro vou pôr!

AMBOS

JOÃO (*avancando alguns passos*)
 Proponho lhe um desafio;
 Vamos já d'aqui brigar!
 Se você tem algum brio
 Não se deve recusar.

NARCISO (*recuando*)

Não acceito o desafio,
 Que a lei vae contra o brigar...
 N'outra coisa cá me fio
 P'ra podel-o castigar.

(Narciso que tem recuado até á porta, esgueira-se
briosamente)

SCENA VII

JOÃO E DOROTHÉA

JOÃO

Peço desculpa, senhora,
 D'este meu atrevimento...
 Não pude conter-me agora:
 Eu vinha n'este momento
 Pedir-lhe a mão de Joanninha,
 Que amo com viva paixão;
 E cresceu-me tal zanguinha
 De ouvir este figurão. .

DOROTHÉA

Sempre me metteu um medo!... (*pausa*)
 Joanna está p'ra casar...
 Se m'a pedisse mais cedo
 Talvez lh'a podesse dar.

JOÃO (*apontando para a porta*)

Com este?

DOROTHÉA

Que é *rigidor*
 Cá da nossa freguezia.

JOÃO

Ella não lhe tem amor;
 E desditosa seria
 Se a obrigasse a casar...
 —Senhora, sei que a Joanna
 Tive a dita d'agradar..

DOROTHÉA (*interrompendo-o*)

Ella casa p'r'a semana;
 Já tem padrinho e madrinha.

JOÃO

Senhora, está enganada;
 Sua filha hade ser minha,
 Que jurou...

DOROTHÉA (*com espanto*)
Ser sua!?—nada;
Quem manda n'isso sou eu.

JOÃO (*supplicando*)
Tenha com ella brandura...
Se tantas ditas lhe deu,
Dê-lhe mais esta ventura!

SCENA VIII

OS MESMOS E JOANNA

JOANNA (*espevitada*)

Dê-me licença ja, já
P'ra casar, que elle é bom moço...
Olhe que se m'a não dá
Vou d'aqui *dêtar-me* ao poço!

DOROTHÉA (*espantada*)
Valha-me o anjo da guarda!
Que me dizem á cantiga?...
Pois não virou a tal farda
O miolo á rapariga!

JOANNA (*com resolução*)
Minha *mén*, dê-me licença,
Quando não.. caso sem ella

DOROTHÉA (*benzendo-se*)
Como hoje em dia se pensa!

JOÃO
Senhora, porque a flagella?...
Não se opponha a esta união..

DOROTHÉA
Ó filha, não tens juizo;
Pois tu não vês que ao Narciso
Já prometti tua mão!
Sou mulher que me desdiga?...
Demais, elle é *rigidor*;
E, se desprezado fôr,
Não te conto, rapariga!...

JOÃO

O que póde elle fazer?

JOANNA

Teme os cabos desalmados?

DOROTHÉA (*chorosa*)

Temo qualquer dia ver

Teus manos *fétos* soldados!...

O home p'ra se vingar

Com certeza que os não poupa...

—Quem da vinha hade cuidar

Quando elles forem da tropa?!

Não tens dó de mim... nem d'elles...

És muito má... muito má. .

Pois olha, irmãos como aquelles

Ha muito poucos por cá!

JOANNA

Pois elle será capaz

De se vingar nos *més* manos?

DOROTHÉA

Nada, não... tu o verás. (*pequena pausa*)

Olha o que elle fez ha annos

A Josepha Pintarroxa,

Que lhe ganhou a demanda!... (*lastimando*)

Ficou só co'a filha coxa,

Porque o filho, esse, lá anda

De mochila e d'espingarda,

Arriscado a ser ferido

Se entrar n'alguma *bernarda*,

—Como lhe chama o marido

Da Jeronyma Faneca.

JOANNA

Não *ténho* mais que pensar;

Ou me hade levar a breca,

Ou com elle *hede* casar!

JOÃO

Joanninha! entre as mulheres

O valor, o brio abonas.

JOANNA

Quando *voncé* for alferes

Quero limpar-lhe as dragonas.

SCENA IX

OS MESMOS, NARCISO E 4 CABOS DE SEGURANÇA DE VARAPAU

NARCISO

Salte cá p'ra fóra: ouviu?

JOÃO

Não soffro um atrevimento...

NARCISO

Obedeça—e sem dar pio—

À lei que aqui represento.

JOÃO

Pertença aos bravos soldados...

Seus cajados vencerei!

NARCISO

Aquillo não são cajados,

São os artigos da lei,

JOÃO

Contem que serão vencidos

D'esta vez á baionetada.

JOANNA

Foge d'estes atrevidos!..,

NARCISO (*aos cabos*)

A elle, rapaziada!

SCENA X

OS MESMOS, SERAPHIM E LOGO COSME, dando o braço a Christianna, ingenua, delambida e semsaborona. Durante esta scena os cabos vão-se esgueirando cada um por sua vez.

SERAPHIM

Arreda, povo miudo,

Que entra o senhor deputado

Com a sua noiva ao lado,

Muito direito e sisudo...

E curve-se a gente toda
 Ao talento, que anda a pé
 Por lhe faltar uma roda
 Ao lindo cabriolel.

COSME

(*Traz grandes collarinhos. não dobra o pescoço,
 e fallu de papo*)

Que é isto, senhor Narciso,
 Temos alguma prisão?...
 A casa do cidadão
 Respeite... tenha juizo.

NARCISO (*atarrantado*)

Aquelle grande maroto
 Insultou me de maneira...

COSME

Que o fez cair n'esta asneira,
 —Ser motor d'um alvoroto!

(*pausa, mudança de tom*)

Regedor—estude a lei
 P'ra não fazer má figura. (*sorrindo*)
 Foi contra mim, eu bem sei,
 Porém faltou-lhe a finura...
 O senhor é muito rombo,
 E parte da freguezia
 Dá-lhe a alcunha de—mazombo.
 —Acredite, qualquer dia
 Está fóra do logar.

NARCISO (*engrandecendo o seu serviço*)

Mostrei ser regedor serio
 Em qu'rer fazer triumphar
 A *listra* do ministerio.
 Pois então como é seu geito?...

Um homem d'opinião,
Quando toma a coisa a peito
Faz daſ tripas coração!

SFRAPHIM (*à parte*)

Pobre, pobre regedor...
Que medo que tu já tens!

JOÃO (*para Cosme*)

Peço licença, senhor,
P'ra lhe dar os parabens.

COSME

Agradeço: eu amo a tropa; (*em tom mais baixo*)
E disse-me gente boa,
Que o amigo molhou a sôpa
Em favor cá da pessoa.
Póde crer que o seu serviço
Não caiu em cesto roto

NARCISO (*fazendo-se doutor*)

Pois então se elle fez isso
Foi grandissimo maroto. (*accentuando fortemente*
A lei diz—que a força armada, *as palavras*)
Quando á urna vão papeis,
Deve estar encafuada
Lá dentro dos seus quartéis.
—Isto é o que lá se lê—
Portanto, faltou o amigo,
E deve soffrer castigo

COSME

O que diz p'ra ahi você?
A lei tambem não consente
Que os aldrubios regedores
Se tornem impingidores
De listas a toda a gente;
E sei que foi um perfeito
Descarado galopim.

NARCISO

Estava no meu direito
De entender a coisa assim.

COSME (*zombando*)

Perdoe—mas 'stava *torto* :
Gritava com tal pulmão,
Que dizia o sacristão :
«Isto só vinho do Porto.»

NARCISO (*enxofrando-se*)

Senhor! sou o regedor,
E não tenha o atrevimento...

COSME (*para Dorothea, e voltando as costas a Narciso*)

Eu venho n'este momento
Agradecer-lhe um favor :
Sei que os seus illustres filhos
Votaram todos em mim...
Sei que á lei seguem os trilhos,
São bons rapazes... enfim,
Quero-os ter por convidados
Hoje ás horas de jantar

DOROTHÉA (*fazendo mesura*)

Ficam-lhe muito obrigados,
E nenhum hade faltar

SERAPHIM (*á parte a Cosme*)

São rapazes de valor,
E respeitam sua mãe...

Mas alli o regedor
Por quisilia que lhes tem,

Quel-os pôr todos soldados

COSME (*para Dorothea*)

Diga-lhes, minha senhora,
Que podem 'star descaçados

JOÃO (*para Cosme*)

Eu tenho a pedir-lhe agora
Um favor: — amo Joaquinha...

Pedia que se empenhasse
Em fazer que eu alcançasse
Aquella pura mãosinha.

SERAPHIM (*á parte a Cosme*)

Quem namora a pequerrucha
 É cá o nosso ratão... (*indicando Narciso*)
 Faz-lhe muita galanducha,
 Mas não desperta paixão.
 A mãe procura mafeira
 De dar-lhe a filha engraçada,
 Porque... enfim, como é rendeira,
 Teme alguma velhacada.
 —Verá que elle hoje por força
 Perde o joguinho — destrumfe-o,
 Que faz dar pulo de corça
 A este *semiscarumfeio*.

COSME (*á parte á noiva, depois de reflectir um pouco*)

Menina, que lhe parece?
 Este nosso feliz dia
 Ser honrado aqui merece
 Co' uma acção de bizzarria

CHRISTIANNA

Ai... sim...

COSME (*para Dorothea*)

N'esta occasião
 P'ra mim d'alegre alvoroço,
 Supplico para este moço
 De sua filha a linda mão. (*olhando ternamente
 para Christianna*)
 D'este meu peito a rainha
 Com certeza ha-de exultar
 Quando servir de madrinha
 A tão engraçado par.
 Approvas, meu bem amado?

CHRISTIANNA

Ai... sim...

DOROTHÉA (*al-gre fazendo mesura a Christianna*)

Muito agradecida :
O negocio está tratado

JOANNA (*saltando ao pescoço de Dorothea*)

Minha mãesinha querida!... (*beijando a mão a
Christianna*)

Menina, muito obrigada!... (*correndo a João*)
João! que grande ventura!

NARCISO (*á parte*)

Que tal 'stá a desalmada,
Que amei com tanta ternura! (*alto e muito exal-
tado*)
Senhores! quero vingança!

Sou regedor ultrajado!

—Este desavergonhado (*apontando para João*)

Mette susto a vizinhança;

Anda lá por horas mortas

Fingindo alma do outro mundo,

Batendo a todas as portas...

E em fortes razões me fundo

P'ra dizer que tem bifado

Por differentes maneiras,

Gallinhas, que tem achado

Em diversas capoeiras

JOÃO

Mente! — e dou-lhe de conselho...

SERAPHIM

Mente o senhor regedor!

NARCISO (*para Seraphim*)

Ora faça me favor

Metta cá o seu bedelho!

COSME (*desculpando João*)

Isso foi divertimento,

Que ninguem lhe leva a mal. (*para todos*)

Desejo em meu aposento

Dar uma função real:

Todos que vejo presentes

Convido-os para assistirem
A um bom jantar... e contentes
Saltarem, pularem, rirem.

(*para Narciso*)

Esquecia-me apontar
Uma pequena excepção :
Não o posso convidar
P'r'a minha reunião

NARCISO

Não me doe com isso o peito,
Dispensó bem funçanatas...
O meu jantar está feito,
É carneiro com batatas.

CANTO

JOÃO (*depois de abraçar Joanna*)

Joanninha, nas marchas que eu faça,
Escutando o rufar do tambor,
Irás bella, marchando com graça,
A meu lado cantando d'amor.

JOANNA

«Ai que vida, que vida que eu passo
«Com tão lindo, gentil mocetão :
«Se depois da batalha o abraço,
«Ai que vida p'r'o meu coração !»

AMBOS

JOANNA

«Ai que vida, que vida que eu passo
«Com tão lindo, gentil mocetão:
«Se depois da batalha o abraço
«Ai que vida p'r'o meu coração !»

JOÃO

Ai que vida, que vida que eu passo
 Possuindo gentil essa mão;
 Um teu beijo, um sorriso, um abraço
 É a vida do meu coração.

CORO

SERAPHIM, COSME E CHISTIANNA.

Que por longos, bem longos espaços
 Estes dois formem um coração;
 Entre brandos sorrisos e abraços
 Seja bella esta sua união.

NARCISO

É bem louco quem dá um só passo
 Na conquista d'um vil coração!
 Eu fui d'asno, de certo, um pedaço,
 E em mim devo pregar cachação.

JOANNA (*ao publico*)

Brioso soldado
 Avança olho em frente,
 Marchando ao cadente
 Rufar do tambor;
 Sonhando com glorias,
 Que enlevam as almas,
 Se rufam as palmas
 Avança o actor.

CORO

Sonhando com glorias,
 Que enlevam as almas,
 Se rufam as palmas
 Avança o actor.

CAE O PANNO.

| | | | |
|--|-----|--|-----|
| Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos..... | 180 | actos..... | 160 |
| Trabalho e honra, c. em 3 actos..... | 300 | Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo..... | 240 |
| A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos..... | 300 | O Marido no Prêgo, c. em um acto..... | 160 |
| Coração de ferro, d. phantastico em 5 actos..... | 300 | Já não ha tolols!.. c. em um acto..... | 80 |
| O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda..... | 220 | Não desprese sem saber, c. em um acto..... | 120 |
| E' perigoso ser rico, comedia em um acto..... | 160 | O Colono, c. d. em 3 actos..... | 160 |
| As joias de familia c. d. em 3 actos..... | 300 | Segredos do Coração, c. d. em 3 actos..... | 200 |
| MENDES LEAL ANTONIO | | | |
| Poesias, 1 vol..... | 500 | O Juizo do Mundo c. d. em 3 actos..... | 240 |
| Abel e Caim, c. em 3 actos..... | 240 | A Mascara Social, c. d. em 3 actos..... | 200 |
| Uma Victima, d. original em 3 actos..... | 160 | A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos..... | 200 |
| Dôr e Amor, c. d. em 3 actos..... | 200 | A Roda da fortuna, c. d. em 3 actos..... | 160 |
| J. D'ABOIM | | | |
| A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos..... | 240 | Nem tudo que luz é ouro, c. d. em 3 actos..... | 200 |
| O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto..... | 80 | O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos..... | 200 |
| O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos..... | 120 | O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo..... | 200 |
| As nodoas de sangue, d. em 3 actos..... | 160 | JULIO CESAR MACHADO, E | |
| Cada louco com sua mania, c. original em um acto..... | 100 | ALFREDO HOGAN | |
| I. M. FEIJOO | | | |
| Camões do Rocio, c. em 3 actos..... | 300 | A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos..... | 300 |
| A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo..... | 400 | Primeiro o dever! c. d. em 3 actos..... | 160 |
| Carlos ou a Familia de um Aventureiro, c. em 4 actos..... | 240 | F. EVARISTO LEONI | |
| Pedro Com, c. em 3 actos..... | 300 | Genio da Lingua Portuguesa... 1:800 | |
| Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos..... | 300 | J. C. DOS SANTOS | |
| E. BIESTER | | | |
| Um Quadro da vida, d. em 3 actos..... | 480 | O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos..... | 240 |
| A Redempção, c. d. em 3 actos..... | 360 | O Pae prodigo, comedia em 3 actos..... | 120 |
| Duas epocas da vida, c. em 2 actos..... | 240 | O Homem das Cautelas, c. em 2 actos..... | 180 |
| Uma viagem pela litteratura contemporanea..... | 200 | Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos..... | 860 |
| As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto..... | 120 | Maria, ou o Irmão e a Irmã, c. em 3 actos..... | 200 |
| Um homem de Consciencia, c. em 2 actos..... | 160 | Uma chavena de chá, c. em um acto..... | 120 |
| O Maestro Favilla, drama em 3 actos..... | 200 | Convido o coronell!... c. em um acto..... | 100 |
| ALFREDO HOGAN | | | |
| As Brazileiras, c. d. em 3 actos..... | 300 | A Herança do tio Russo, c. em 3 actos..... | 220 |
| Ninguem julgue pelas apparencias, c. d. em 3 actos..... | 360 | HENRIQUE VAN-DEITERS | |
| Os Dissipadores, c. em 4 actos..... | 400 | Poesias, 1 vol..... | 360 |
| É melhor não experimentar, c. em 1 acto..... | 200 | Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos..... | 160 |
| Memorias do Coração..... | 240 | Dois cães a um osso, c. em 1 acto..... | 100 |
| A Irmã de Caridade, c. em 2 | | Não envenenes tu, a mulher qui-proquo em 1 acto..... | 120 |
| | | Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto..... | 100 |
| | | JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA | |
| | | A Corôa de Carlos Magno peca magica de grande espectáculo | |

| | | | |
|--|-------|--|-----|
| em 4 actos 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda— | | O Arrependimento salva, drama em um acto..... | 100 |
| Les quatre fils Aymon..... | 320 | Fernando, comedia-drama em 4 actos..... | 200 |
| A Costureira, c. em um acto.... | 100 | J. I. DE ARAUJO | |
| Erros da Mocidade, c. em 3 actos. | 160 | A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos..... | 160 |
| A ave do Paraizo, comedia-magica em 20 quadros, formando 3 actos..... | 360 | A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos..... | 200 |
| O paraizo perdido, ou a creação e o Deluvio, peça biblica em 1 prologo, 3 actos, e 1 epilogo, formando 21 quadros..... | 360 | Um Bico em Verso, scena comica..... | 60 |
| MANUEL ODORICO MENDES | | O Principe Escarlata, tragedia burlesca em 2 actos em verso.. | 180 |
| Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez..... | 200 | Um homem que tem cabeça; c. em um acto..... | 100 |
| I. DE VILHENA BARBOSA | | Ultimos momentos d'um Judas; entre-acto tragico-burlesco... | 80 |
| Cidades e villas da Monarchia Portugueza que tem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. com estampas lytographadas..... | 3.000 | JOSÉ BENTO D'ARAÚJO ASSIS | |
| JULIO CESAR MACHADO | | O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos..... | 180 |
| A esposa deve acompanhar seu marido, r. em um acto..... | 140 | As duas paixões, c. em 1 acto.. | 120 |
| O Capitão Bitterlin, c. em um acto..... | 140 | Deus nos livros de mulheres, c. em um acto, ornada de coplas.. | 120 |
| ARISTIDES ABRANCHES | | J. A. DE MACEDO | |
| Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros..... | 300 | A Creação, poema pelo P. José Agostinho do Macedo..... | 120 |
| A mãe dos escravos, d. em 4 actos..... | 200 | ERNESTO MARECOS | |
| Como se descobriem... mazollas, c. em 1 acto..... | 120 | As Primeiras Inspirações,—Poesias..... | 600 |
| Trovoadas de maio, c. em 1 acto | 160 | Juca, a Matumbolla—Lenda.... | 160 |
| Os dois peccadores, c. em 1 acto. | 80 | Savitri, lenda indiana..... | 140 |
| Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto..... | 160 | As Confidencias, e—Uma Surpresa— | 400 |
| J. R. CORDEIRO JUNIOR | | MANUEL MARIA PORTELLA | |
| Amor e arte, drama em 3 actos. | 220 | Ensaos poeticos.—Poesias..... | 400 |

COLLECÇÃO DOS CLASSICOS PORTUGUEZES

ACHÃO-SE Á VENDA

| | |
|--|--|
| Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram, e hoje se ignoram, por Fr. Joaquim Santa Rosa de Viterbo, 2 vol. in folio a 2 col. 4.5000. | Padre Simão de Vasconcellos, 2 vol. em 4.º, 1800. |
| Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa, 6 grossos vol. em 4.º, 7.5200. | Trabalhos de Jesus, por Fr. Thomé de Jesus, 2 vol. em 4.º, 1800. |
| Chronica da Companhia de Jesus, pelo | Origem e Orthographia da Lingua portugueza, por Duarte Nunes do Leão, 1 vol. 500 rs. |
| | Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire, 3 vol. 720 rs. |

NO PRELO

| | |
|---|---|
| Memorial dos Cavalheiros da Tavola Redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos. | Esfera, por Pedro Nunes. |
| Aulegrafia, idem. | Nobliarchia portugueza, por Villas Boas. |
| Historia do Brazil, por Rocha Pita. | Memorias da mocidade, pelo Conegé Soares Franco. |
| Nova Lusitana, Guerra Brasilica, por Brito Freire. | Sermões, 5.º e 6.º vol., idem. |
| Corographia portugueza, pelo Padre Carvalho. | Ernesto Marecos. |
| Mapa de Portugal, por J. Baptista de Castro, continuado até ao presente. | O Thesouro de Fafnir, legenda extrahida das tradicções germanicas, sobre a morte de Attila, idem. |
| | A Cruz pelas riquezas, romance historico, original de Carlos Pinto d'Almeida. |



